



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

UM TIGRE NA SALA: UMA LEITURA DE *OS VESTÍGIOS DO DIA*

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre

Orientador: Professor Dr. Edu Teruki Otsuka
Candidata: Juliana Silva Cunha de Mendonça

São Paulo, setembro de 2018



Cena do filme *Vestígios do Dia* (James Ivory, 1993)

JULIANA SILVA CUNHA DE MENDONÇA

UM TIGRE NA SALA:
UMA LEITURA DE *OS VESTÍGIOS DO DIA*

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de mestre em teoria literária.

Orientador: Prof. Dr. Edu Teruki Otsuka

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

MM523t Mendonça, Juliana Silva Cunha de
Um tigre na sala: uma leitura de "Os vestígios do dia" / Juliana Silva Cunha de Mendonça ; orientador Edu Teruki Otsuka. - São Paulo, 2018.
100 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada.

1. Ishiguro, Kazuo. 2. Guerra Mundial, 1939-1945. 3. Literatura inglesa. 4. Teoria literária. 5. História. I. Otsuka, Edu Teruki , orient. II. Título.

JULIANA SILVA CUNHA DE MENDONÇA

UM TIGRE NA SALA:
UMA LEITURA DE *OS VESTÍGIOS DO DIA*

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de mestre em teoria literária.

Aprovado em _____ de setembro de 2018

Banca examinadora

Edu Teruki Otsuka – Orientador _____
Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos _____
Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo
Professora dos Departamentos de Letras Modernas e de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo

Daniel Puglia _____
Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo

Henrique de Oliveira Lee _____
Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professor do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso

Para Lola

AGRADECIMENTOS

Mas ando e penso sempre com mais de um, por isso ninguém vê minha sacola.
Novos Baianos, “Mistério do Planeta” (1972)

Agradeço à Universidade de São Paulo, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e ao Estado brasileiro pelas bolsas e pelos anos de estudo público e gratuito que me foram concedidos até aqui.

Ao meu orientador, Edu Otsuka, por toda a ajuda e dedicação desde a graduação. À professora Ivone Rabello, por sua leitura sempre tão generosa e inteligente.

Aos membros da banca de qualificação e da banca de defesa — professores Daniel Puglia, Sandra Vasconcelos, Henrique Lee e Marcelo Pen — por seus esclarecimentos e correções.

Aos professores e demais colegas do grupo de pesquisa “Formas culturais e sociais contemporâneas”, pelo companheirismo e por me proporcionarem um espaço de diálogo tão acolhedor.

Este trabalho teria erros de proporções certamente mais calamitosas caso eu não tivesse contado com um cuidadoso *staff plan* que incluiu minha mãe, Lucimar Oliveira, que revisou a normatização; meu amigo Januário Schwab, que diagramou os anexos; meu namorado, Júlio Vellozo, muito paciente em reler este texto diversas vezes e em apontar caminhos; meu colega e companheiro de estudos durante o mestrado, Vinícius Bessi; e os amigos Thiago Blumenthal e Luciana Lima, que me ajudaram com a revisão.

MENONÇA, Juliana Silva Cunha de. *Um tigre na sala: uma leitura de Os Vestígios do Dia*. 100 f. il. 2018. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RESUMO

A presente dissertação busca oferecer uma leitura do romance *Os Vestígios do Dia*, de Kazuo Ishiguro, partindo do pressuposto de que o entendimento da obra requer um olhar sob quatro ângulos temporais: o presente da narrativa (1956, ano da Crise de Suez); a época em que se localiza cada fato narrado (em geral, o período entreguerras); uma espécie de passado mítico de uma Grande Inglaterra ao qual o narrador se referencia internamente; e o ano da recepção imediata da obra (1989, ano da queda do Muro de Berlim, embora o livro tenha sido publicado meses antes desse acontecimento). Segundo esta leitura, o romance consistiria em uma espécie de obra de fim de século que lançaria um olhar de estranhamento para o século XX a partir da perspectiva de um narrador que se vincula a valores anteriores a isso e de um leitor que avalia tanto esse narrador quanto seus oponentes de 1956 com o privilégio de uma distância temporal que criaria um efeito de ironia dramática.

Palavras-chave: Kazuo Ishiguro — História — Segunda Guerra Mundial — Literatura Contemporânea — Literatura de Língua Inglesa — Teoria Literária

MENONÇA, Juliana Silva Cunha de. *A tiger in the dining room: an analysis of The Remains of The Day*. 100 pp. ill. 2018. Master Dissertation – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ABSTRACT

This dissertation seeks to offer an interpretation of Kazuo Ishiguro's novel *The Remains of The Day* based on the assumption that understanding the work requires viewing it from four temporal angles: the narrative present (1956, the year of the Suez Crisis); the time in which each narrated fact is located (the interwar period, in most cases); a sort of mythical past of a Great Britain to which the narrator refers inwardly; and the year of the immediate reception of the work (1989, the year of the fall of the Berlin Wall, though the book is published several months before the USSR falls apart). According to this reading, the novel would consist of a kind of *fin-de-siècle* work that throws a look of estrangement upon the twentieth century from the perspective of a narrator who is linked to values prior to this time and a reader who looks at both this narrator and his opponents in 1956 with the privilege of a temporal distance that end up creating an effect of dramatic irony.

Keywords: Kazuo Ishiguro — History — World War II — Contemporary Literature — English Literature — Literary Theory

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FORTUNA CRÍTICA	11
3	UMA HIPÓTESE DE LEITURA	25
4	CONCLUSÃO	80
	REFERÊNCIAS	81
	APÊNDICES	87

1 INTRODUÇÃO

Em 1989, um jovem escritor britânico publicou um romance desconcertante sobre um mordomo cheio de apego às tradições e suas negociações com um mundo em que elas importam muito pouco, em geral pelos motivos *errados*. Em uma viagem de carro pelo interior da Inglaterra, o protagonista Stevens é confrontado com lembranças e pessoas que o fazem reavaliar sua trajetória de vida e a visão de mundo que vinha sustentando. No plano de fundo da história do criado que se pretende à moda antiga está o período entreguerras, o flerte britânico com o fascismo, o declínio da colonização inglesa e a guinada que alçaria os Estados Unidos ao posto de potência mundial, relegando sua antiga metrópole ao segundo plano.

O livro logo chamou a atenção da crítica e do público, o que pode indicar que tenha acertado algum ponto nevrálgico de sua recepção imediata. Mas o que teria a ver uma coisa com a outra? O que o entreguerras teria a dizer de tão eloquente a um público do fim da Era Thatcher? Por que um personagem mordomo seria uma escolha tão acertada para narrar um mundo em desajuste? O que teria levado um escritor até então conhecido por seus “romances japoneses” a tentar a sorte com um protagonista “mais inglês do que os ingleses” (VORDA; HERZINGER, 1991, p. 139-141)?

Este trabalho pretende oferecer uma leitura de *Os Vestígios do Dia* (*The Remains of The Day*), de Kazuo Ishiguro, partindo da hipótese de que o romance demonstra como antigos valores vão sendo repostos em novos contextos, frequentemente sob uma forma farsesca. Na nossa visão, o relato do protagonista se organiza como uma espécie de *staff plan* (planejamento de pessoal): de grande reorganização metalinguística na qual o narrador empreende um movimento semelhante ao que está buscando promover na casa que administra, tentando ver o que dá para ser mantido e o que precisará ser “interditado” na nova ordenação de seu pequeno cosmos social, quais conceitos “mais atraentes” serão preservados,

ainda que ressignificados, e quais terão de ser cobertos com lençóis e entregues à poeira. Nesse processo, um errático protagonista vai sofrendo sucessivos golpes em suas crenças — ora assimilando, ora negando e adaptando as mudanças que lhe são impostas. Esse processo de embate e negociação do narrador com a realidade permite que o romance ofereça um olhar de estranhamento para o século XX e de melancólica expectativa para o público que o recebe, às vésperas do século XXI.

O pleno entendimento do romance requer um olhar partindo de quatro pontos focais: o presente da narrativa (1956, ano da Crise de Suez); a época em que se localiza cada fato narrado (em geral, o entreguerras); uma espécie de passado mítico de uma Grande Inglaterra ao qual o protagonista se referencia internamente; e o ano da recepção imediata da obra (1989, às vésperas da queda do Muro de Berlim). Entender *Os Vestígios do Dia* pelo viés que propomos é examinar a narrativa por esses quatro ângulos, percebendo a sobreposição de tempos históricos que ela mobiliza.

Para expor essa interpretação, este trabalho foi dividido em cinco partes: uma introdução; um apanhado da fortuna crítica; uma exposição de nossa hipótese de leitura para o romance; uma conclusão; e um apêndice, no qual trazemos um mapa e um catálogo dos personagens, que consideramos úteis para instrumentalizar tanto a leitura do romance quanto a deste trabalho.

1 FORTUNA CRÍTICA

Os Vestígios do Dia conta com uma fortuna crítica considerável, sobretudo no que tange a análises pós-coloniais e psicanalíticas, mas também a estudos que se debruçam sobre o uso do narrador não confiável, sobre a memória e os que discutem o emprego de matéria histórica no romance, além de estudos interdisciplinares mais pontuais relacionando-o, por exemplo, a conceitos do Direito ou das Relações Internacionais. Aqui, faremos um apanhado das principais respostas à obra, segmentando-as entre a recepção inicial feita por críticos da imprensa e em revistas acadêmicas, os estudos narratológicos, as análises psicanalíticas e as leituras históricas e pós-coloniais. Para isso, partimos da seleção de artigos feita por Matthew Beedham em *The Novels of Kazuo Ishiguro: A reader's guide to essential criticism* (Os romances de Kazuo Ishiguro: um guia de leitura para a crítica do autor) e por Cynthia Wong em *Kazuo Ishiguro* e do índice de relevância da plataforma de publicações acadêmicas JSTOR.

Recepção inicial

Assim que foi publicado, *Os Vestígios do Dia* recebeu um grande volume de resenhas e de críticas favoráveis por parte dos principais veículos de língua inglesa. A crítica Michiko Kakutani, do *New York Times*, considerou o romance “sutil [...], intrincado e deslumbrante”. Para ela, a história de Stevens “nos mostra as consequências da repressão emocional e da lealdade mal orientada”, além dos “custos de se preservar cegamente valores de outra época” (KAKUTANI, 1989, p. 33). Ainda no *New York Times*, o professor Lawrence Graver afirma que esse seria “um livro dos sonhos”, “uma sedutora comédia de costumes que evolui quase magicamente para um estudo profundo e destruidor a respeito da personalidade, da classe e da cultura” (GRAVER, 1989, p. 33).

O modo como Ishiguro comanda a linguagem engessada de Stevens é magistral, sobretudo na forma como ele controla a revelação progressiva do significado irônico não intencional. Por baixo da fala de Stevens existe algo mais sendo dito, e uma hora esse algo mais se torna uma série de revelações emocionantes a respeito da vida soterrada do mordomo e, conseqüentemente, uma crítica poderosa da máquina social da qual ele é engrenagem. Conforme

viajamos com Stevens em direção ao Oeste no Ford *vintage* de Mr. Farraday, aprendemos mais e mais a respeito do preço que ele pagou por seu elevado ideal de grandeza profissional.

Na revista *New Yorker*, o crítico Terrence Rafferty diz que o livro parece ter sido escrito por um veterano, e não por um jovem autor com apenas duas obras prévias no currículo. “Modesto no tom, irônico, reflexivo e absolutamente preciso nos efeitos que busca criar”. Para Rafferty, “o ar de melancolia que surge de seu brilhantismo formal” seria um indicativo da “futilidade da perfeição”.

Em artigo para o *Times Literary Supplement*, Galen Strawson sugere que a obra seria um “estudo nuançado e por vezes bem humorado a respeito da repressão” (STRAWSON, 1989, p. 535). Para Strawson, *Os Vestígios do Dia* é um livro “sem defeitos perceptíveis” que “analisa a ‘falsa consciência’ de um homem (que certamente não é completamente infeliz) cuja existência é disciplinada por uma trindade irresistível: seu pai, seu papel social e sua afetuosa e imperfeita tentativa de reprodução da linguagem do patrão”.

Trata-se de um livro impressionantemente original e lindamente bem escrito. Ao lê-lo, temos a sensação de estarmos sendo controlados pelo autor de um jeito incomum. Cada elemento é discretamente antecipado e então lançado no local apropriado. A linguagem arrastada de Stevens permite que Kazuo Ishiguro coloque uma imensa carga emocional em uma só frase e que ela ainda assim passe despercebida. (STRAWSON, 1989, p. 535)

No *Christian Science Monitor*, a resenhista Merle Rubin relaciona o estilo da prosa à história que ela conta: “Delicado, devastador, completamente irônico sem nunca ser deselegante, esse é um romance cujos méritos técnicos se equiparam ao que nos faz enxergar” (RUBIN, 1989, p. 13).

No Brasil, o romance foi traduzido pela Rocco logo em 1990 e as resenhas que se seguiram a isso também foram positivas: no *Estadão*, a professora Maria Elisa Cevasco afirmou que “na escala que lhe é permitido em nossos tempos pós-auráticos, Stevens refaz a viagem mítica que embasa a trajetória de todo herói de romance”, e observa como “o amor de Miss Kenton e o horror da simpatia nazista do patrão, Lord Darlington, são varridos para debaixo do tapete macio da linguagem formal” (CEVASCO, 1991, p. 74-75).

Os narradores dos romances de Ishiguro são sujeitos do discurso, mas não são sujeitos de nenhuma história, quer seja da história de suas vidas, quer seja da História em que se inserem tangencialmente. É esta História que lhes

desvia a vida, sem que eles percebam. Esta falha de percepção os torna narradores não confiáveis, urdidores de um discurso que fala para além do que dizem. (CEVASCO, 1991, p. 74)

No *Jornal do Brasil*, o jornalista Renato Aizenman disse que esse terceiro trabalho permitia que o autor “deitasse na merecida cama do sucesso de crítica e vendas” (AIZENMAN, 1990, p. 3). Já em *O Globo*, João Carlos Pedroso diz que Ishiguro “‘tortura’ o leitor com longos trechos sobre o que é um grande mordomo” (PEDROSO, 1990, p. 3), mas que a recompensa aos persistentes seria a emoção.

Diversos críticos traçaram paralelos entre *Os Vestígios do Dia* e os romances anteriores de Ishiguro. O escritor Geoff Dyer achou que o livro empalidece em comparação a seu antecessor, *Um Artista do Mundo Flutuante (An Artist of the Floating World)*, “cujo esquema e forma ele repete de modo praticamente igual” (DYER, 1989, p. 21). Já Mark Kamine afirma que ambos os livros levam o leitor em banho-maria em direção a grandes revelações, o que demonstraria a habilidade do autor. “De forma lenta e cuidadosa, ele desnuda os pensamentos do mordomo, entrelaçando o passado e o presente, a verdade e a evasão, parecendo às vezes girar em círculos, mas enfim fechando a série de admissões no seio do romance” (KAMINE, 1989, p. 21-22).

Posteriormente, ficaria bem estabelecida a ideia de que os três primeiros romances do autor — *Uma Pálida Visão dos Montes (A Pale View of Hills)*, *Um Artista do Mundo Flutuante* e *Os Vestígios do Dia* — formariam uma espécie de trilogia, todos eles trazendo narradores não confiáveis que, embora não tenham tido nenhum papel proeminente nos eventos da Segunda Guerra, se ressentem de suas posturas no período. A diferença mais evidente entre esse terceiro trabalho e seus precursores seria o uso de um narrador inglês e a total ausência de menções explícitas ao Japão, enquanto em seus primeiros livros os narradores eram, respectivamente, uma dona de casa de Nagasaki que se muda para a Inglaterra poucos anos após a queda da bomba e um artista do realismo nacionalista japonês.

Alguns críticos prefeririam que Ishiguro continuasse se dedicando ao Japão. Gabriele Annan, por exemplo, considera essa terceira empreitada como um retrocesso em relação aos trabalhos anteriores e afirma que Stevens teria uma “alma japonesa” por ser “movido por sentimentos de lealdade, devoção, correção e orgulho em sua profissão” (ANNAN, 1989, p. 3-4).

O final é tocante, mas, ainda assim, *Os Vestígios do Dia* é um romance de tese cheio de julgamento. Comparada à sua assombrosa sofisticação

narrativa, a mensagem de Ishiguro parece bastante banal: seja menos japonês, menos inclinado à dignidade, menos falso consigo mesmo e com os outros, menos reprimido e controlado. A ironia é que é justamente esse belo controle e restrição que admiramos na escrita de Ishiguro. E, no caso desse último romance, seu sangue frio ao se colocar em tamanha corda bamba. (ANNAN, 1989, p. 3-4)

Hermione Lee, por sua vez, nota como, assim como ocorre com a bomba de Nagasaki nos romances anteriores, o fato que molda a narrativa — no caso, a Crise de Suez —, nunca é mencionado (LEE, 1990, p. 36-38). Ela faz ainda uma leitura de Stevens como uma espécie de *rōnin*, de samurai deixado sem mestre, uma opinião compartilhada pelo escritor Anthony Thwaite, para quem o narrador seria o retrato do “servo fiel que continua preso a seu mestre” (THWAITE, 1989). Essa abordagem é prontamente rechaçada por críticos como David Gurewich, para quem essa relação jamais teria sido feita “caso o autor tivesse escolhido assinar o livro com um sobrenome que as pessoas presumissem ser de origem anglo-saxã” (GUREWICH, 1989, p. 77-80).

Para Aizenman, a lealdade de Stevens também é problemática só que, em vez de relacioná-la ao *ethos* japonês, o resenhista projeta no mordomo a figura de um capataz: “O que Ishiguro nos mostra é que o mordomo, ou o capataz (ou a classe média em geral) não somente adota a ideologia do patrão, mas a eleva ao quadrado” (AIZENMAN, 1990, p. 3).

Há um consenso crítico em relação à maestria da prosa de Ishiguro. Vários resenhistas destacaram a habilidade do autor em misturar “o cômico e o mordaz” (HUTCHINGS, 1990, p. 463-464), bem como sua originalidade e capacidade de controlar o leitor e todos os aspectos da narrativa. No quesito influências, alguns apontam semelhanças com a escrita de Henry James, sobretudo em *A Fera da Selva* (*The Beast in the Jungle*). Outros, como Thwaite, veem em Stevens uma espécie de Alfred Prufrock, do poema de T.S. Eliot.

Desde o lançamento do romance, os aspectos que mais chamaram a atenção de seus leitores profissionais foram a extensão da não confiabilidade do narrador, o apuro técnico do autor e o quanto a linguagem engessada de Stevens possibilita que Ishiguro naturalize e amortize o impacto daquilo que é narrado.

Estudos narratológicos

Muitos críticos analisaram *Os Vestígios do Dia* focando na construção discursiva de seu narrador. A percepção de que Ishiguro teria feito um uso original e particularmente perspicaz do narrador não confiável perpassa muitos desses textos. Aqui, apresentaremos cinco deles que, além de terem estado entre os de maior repercussão, resumem um pouco das discussões a respeito do aspecto narratológico do romance. Os textos selecionados foram “Mistaken Identities: First-Person Narration in Kazuo Ishiguro” (Identidades mal compreendidas: a narrativa em primeira pessoa na obra de Kazuo Ishiguro), de Margaret Scanlan; “Submerged Narratives in Kazuo Ishiguro’s *The Remains of the Day*” (Narrativas submersas em *Os Vestígios do Dia*, de Kazuo Ishiguro), de Deborah Guth; “*The Remains of the Day* and Its Challenges to Theories of Unreliable Narration” (*Os Vestígios do Dia* e os desafios que ele coloca às teorias da narração não confiável), de Kathleen Wall; “The Lessons of Weymouth: Homodiegesis, Unreliability, Ethics, and *The Remains of the Day*” (As lições de Weymouth: homodiegesis, não confiabilidade e ética em *Os Vestígios do Dia*), de James Phelan e Mary Patricia Martin; “Misrecognizing History: Complicitous Genres in Kazuo Ishiguro’s *The Remains of the Day*” (Desconhecendo a história: gêneros cúmplices em *Os Vestígios do Dia*, de Kazuo Ishiguro), de Bo Ekelund; e “Acts of Reading in Kazuo Ishiguro’s *The Remains of the Day*” (Cenas de leitura em *Os Vestígios do Dia*, de Kazuo Ishiguro), de Andrew Teverson.

Para Guth, *Os Vestígios do Dia* se apresenta como uma espécie de testemunho de um modo de vida em decadência e de balanço por parte de Stevens de seus feitos como mordomo. Por baixo dessa narrativa principal haveria outras duas narrativas encobertas: uma relacionada à *persona* pública do mordomo, outra relacionada ao seu afeto por Miss Kenton (GUTH, 1999, p. 126-137). A primeira dessas narrativas encobertas estaria centrada em torno do sentido das palavras *grandeza* e *dignidade*, e seria desconstruída pela disparidade verificada ao longo do livro entre definição e ilustração. Ou seja: entre o que Stevens define como grandeza e dignidade e os exemplos práticos que ele classifica com esses adjetivos. Segundo Guth, essa distância ficaria clara, por exemplo, na discrepância entre a descrição de Lorde Darlington como um “humanista exemplar” e em seu desprezo pelos valores democráticos.

Guth explica ainda que, enquanto a grandeza de Stevens seria alicerçada em sua relação com o patrão, a dignidade teria sido conquistada pelo próprio personagem por meio de

seu extraordinário autocontrole. Essa autocontenção, no entanto, mascararia uma distorção de caráter que teria feito com que Stevens sublimasse seus próprios sentimentos humanos. Para Guth, a cena em que William Stevens sofre um derrame enquanto empurra seu carrinho de limpeza (VESTÍGIOS, p. 107-108; REMAINS, p. 97)¹ seria um dos momentos em que esse elogio à dignidade profissional do mordomo acabaria denunciando o oposto, que seria a indignidade dessa anulação pessoal:

As implicações humanas desse culto das aparências surgem ainda mais fortes no incidente da morte de seu pai. O episódio se abre com a descoberta do velho mordomo de joelhos, paralisado por um AVC enquanto luta para prosseguir com o trabalho. Assim como o exemplo anterior, este também é ostensivamente concebido para transmitir uma ideia de dedicação sem limites ao dever. No entanto, a estranha imagem do velho paralisado termina por dismantelar a dignidade do estoicismo do mordomo, fundindo dolorosamente a postura do suplicante com a de uma besta de carga ritualmente abatida no arnês. (GUTH, 1999, p. 128)

No fim, aquilo que Stevens entende por dignidade seria apenas “a capacidade de aceitar a indignidade sem acovardar-se, de servir os drinques com um sorriso no rosto enquanto seu próprio pai morre, de assistir ao colapso de seu ídolo e de seu mundo sem se abalar” (GUTH, 1999, p. 130). Em determinada passagem, o mordomo fala de como a “ilusão de ausência” (VESTÍGIOS, p. 85-86; REMAINS, p. 75-76), a impressão de que o criado sequer estaria presente para não inibir a conversa entre os comensais, seria imprescindível ao bom serviço. Para Stevens, a forma ideal de servir um jantar seria dando a impressão de que os copos se reabastecem como que por mágica, que as coisas caminham sozinhas, sem um agente por trás. Guth parte dessa ideia de “ilusão de ausência” para afirmar que a recusa de Stevens em se posicionar politicamente seria uma internalização radical desse objetivo profissional.

No âmbito formal, Guth afirma que Ishiguro teria usado essa contenção de Stevens como um “instrumento de re-inflexão” que permitiria que a “narrativa fluísse para além do ventriloquismo cultural do narrador”, “construindo um jogo de espelhos no qual reflexos e repetições revelariam distorções” (GUTH, 1999, p. 136-137).

¹ As edições utilizadas neste trabalho foram: ISHIGURO, Kazuo. *Os Vestígios do Dia*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2016; e ISHIGURO, Kazuo. *The Remains of the Day*. Londres: Faber and Faber, 1999. Citaremos a edição brasileira como *Vestígios* e a inglesa como *Remains*.

Em última análise, *Os Vestígios do Dia* é um grande ato de ventriloquismo, refratando através de suas superfícies linguísticas altamente polidas a beleza formal de um mundo em declínio. Aqui, a repetição narrativa ressuscita os mortos — tanto no mundo de Darlington Hall quanto no eu interior sufocado de Stevens — apenas para anatomizar as implicações da morte. Em um mundo de literatura pós-moderna cercado de jogos de iconoclastia e de demonstrações grotescas de autoescárnio (um mundo áspero e rudimentar onde a forma é perpetuamente autodesconstruída), esse romance fura o bloqueio com suas inflexões profundamente discretas e com sua forma aparente serena. De fato, as próprias estratégias subversivas do texto imitam a reticência do decoro de um mundo que ele evoca quase sem tocar, como a fachada de um edifício antigo que permanece intacto mesmo quando a casa por trás dele é destruída. E esse mimetismo de restrição é sua grande conquista no campo da ficção. (GUTH, 1999, p. 136)

James Phelan e Mary Patricia Martin revisam um conceito da narratologia clássica — a narração homodiegética não confiável, segundo a definição de Wayne C. Booth (BOOTH, 1961) — para discutir o modo como a obra de Ishiguro posiciona o leitor intencionado em relação aos fatos narrados (PHELAN; MARTIN, 1999, p. 88-109). Para os autores, “a narração de Stevens é tão rica em camadas que a classificação tradicional do que seria um narrador não confiável não faria justiça nem a ele, nem a Ishiguro” (PHELAN; MARTIN, 1999, p. 89).

Phelan e Martin se concentram na cena final do livro, quando Stevens conversa com um ex-mordomo em um pter em Weymouth (VESTÍGIOS, p. 263-268; REMAINS, p. 252-258), para concluir que a não confiabilidade desse narrador não residiria apenas no campo dos fatos ou dos valores, conforme estabelecido por Booth, mas também no campo que eles denominam como sendo o do conhecimento e da percepção (PHELAN; MARTIN, 1999, p. 92). Para eles, a não confiabilidade de Stevens se dá tanto por omissão, em cenas em que ele parece contar menos do que sabe, quanto por dificuldades de entendimento do personagem acerca de questões que ele ou não sabe conscientemente ou não é capaz de reconhecer para si mesmo. Os autores concluem que o resultado do intrincado jogo narrativo construído por Ishiguro é uma dificuldade por parte da audiência autoral em inferir a posição do autor implícito a respeito das ações do protagonista, deixando esse tipo de avaliação a cargo do leitor real (PHELAN; MARTIN, 1999, p. 102).

Scanlan relaciona o método narrativo de Ishiguro ao contexto social dos narradores Ono, de *Um Artista do Mundo Flutuante*, e Stevens — ambos “homens mais velhos que, durante o pós-guerra, rememoram seu próprio envolvimento com o fascismo durante a década de 1930”. Assim como Phelan e Martin, ela também considera que Ishiguro inovou no uso de

do narrador não confiável (SCANLAN, 1993, p. 141) e afirma que a questão central desses protagonistas é que eles passaram a vida imersos em um arcabouço cultural tão firme e tradicional que quando esse arcabouço se rompe o indivíduo fica sem nenhuma base de sustentação para sua própria identidade.

A autora destaca ainda o uso pronominal de Stevens, que “transforma a primeira pessoa do singular em terceira pessoa a fim de disfarçar uma dolorosa avaliação de sua vida, transformando-a numa exploração abstrata do que seria um grande mordomo” (SCANLAN, 1993, p. 146).

Stevens frequentemente evita a primeira pessoa, substituindo-a por um evasivo ‘one’ quando suas emoções correm o risco de irromper. O grande desgosto de sua vida, seu afastamento de Miss Kenton, se esconde por trás dessa locução, como ocorre na passagem em que, ao descrever sua tentativa de prestar suas condolências a ela pela morte de sua tia, ele acaba lhe repreendendo por sua falta de supervisão das novas criadas. (SCANLAN, 1993, p. 147)

Wall afirma que *Os Vestígios do Dia* desafia a definição tradicional de narrador não confiável como sendo aquele cujas normas e valores diferem daquelas do autor implícito, uma instância que se comunicaria com o leitor pelas costas desse narrador, através de escolhas estruturais que questionariam o discurso deste. Para ela, os estudos anteriores acerca da não confiabilidade não teriam esclarecido como o leitor poderia perceber e superar a distância entre as opiniões e percepções do autor implícito e aquelas expressas pelo narrador-personagem (WALL, 1994, p. 18). Nesse sentido, *Os Vestígios do Dia* daria uma importante contribuição ao compelir o leitor a investigar por que Stevens não seria uma fonte inteiramente confiável e de que forma seus objetivos ocultos determinariam as escolhas estruturais do romance (WALL, 1994, p. 22). Para Wall, a não confiabilidade de Stevens reside em seu discurso, na discrepância entre as cenas e os comentários do narrador acerca dessas mesmas cenas, e na ordem e duração em que ele expõe os acontecimentos na narrativa. Ela chama a atenção para o modo como Stevens camufla seus desejos pessoais, notadamente o desejo de rever Miss Kenton, como tarefas profissionais, e para o fato de que ele simplesmente não dispõe de vocabulário para lidar com questões sentimentais como o amor e o luto, o que faz com que empregue uma linguagem profissional também para esses tópicos (WALL, 1994, p. 26).

A autora afirma que uma das demandas do texto em relação ao leitor seria para que ele utilizasse o que ele próprio sabe acerca da “psicologia humana e da história para avaliar o nível de precisão e a motivação por trás das afirmações do narrador” (WALL, 1994, p. 44). Em cenas como aquela em que Lorde Darlington elogia o andamento político da Alemanha e da Itália (VESTÍGIOS, p. 219; REMAINS, p. 208), por exemplo, o leitor seria convidado a usar seus conhecimentos históricos para avaliar a fala do personagem, em uma manobra na qual o autor implícito daria uma piscadela diretamente ao leitor.

Wall aponta para a postura defensiva desse narrador, que está o tempo inteiro prevendo a descrença e o questionamento de seu narratário (WALL, 1994, p. 24) em frases como “devo esclarecer” / “I should make clear” (VESTÍGIOS, p. 19; REMAINS, p. 10); “devo dizer” / “I should say” (VESTÍGIOS, p. 13; REMAINS, p. 5); “mas permita que eu esclareça” / “let me make it immediately clear” (VESTÍGIOS, p. 13; REMAINS, p. 5); “devo explicar” / “I should explain here” (VESTÍGIOS, p. 51; REMAINS, p. 41) etc. Esses marcadores verbais revelariam os pontos nos quais o próprio Stevens perceberia a fragilidade de seu depoimento, ajudando o leitor a mapear os temas nos quais ele não seria uma fonte inteiramente confiável.

Bo Ekelund defende a ideia de que o romance seria formado por cinco gêneros distintos — relato de viagem, memórias políticas, romance de casa de campo (um gênero britânico que se aproxima do detetivesco), farsa e ensaio sobre valores — e que cada um deles traria uma carga de significado ao mobilizar e subverter diferentes convenções literárias. Dentre eles, um dos mais estruturantes da narrativa como um todo seria a memória política, e o autor chega a comparar o romance ao livro de memórias escrito por Lorde Halifax, *The Fullness of Days* (A plenitude dos dias).

O relato de Stevens não é meramente possibilitado pelas convenções do gênero [memória política] e a alusão a essas formas não serve apenas para adicionar profundidade simbólica à trama ao fazer referência ao modo como elas manipulam a memória a serviço de um ato de autojustificação histórica. O que acontece aqui é que o gênero existe como uma forma cultivada que, ao entrar no romance, traz consigo uma história própria em sua bagagem. Essa história do gênero se relaciona com o tema histórico do romance de uma maneira geral, mas é nas obras contemporâneas que a antecedem dentro desse mesmo gênero que podemos ver [...] um investimento mais profundo nas manobras formais de evasão, distorção e autojustificação que caracterizam o gênero (EKELUND, 2005, p. 79)

Teverson, por sua vez, examina cenas em que os personagens surgem lendo ou comentando suas leituras para demonstrar como eles seriam leitores inábeis, algo que estaria diretamente relacionado à sua não confiabilidade. Já no prólogo, a leitura da carta de Miss Kenton e de seu livro de viagens demonstraria como Stevens seria um “mau leitor por não estar disposto a utilizar os textos para sair de si mesmo e enxergar as coisas por outra perspectiva, mas sim para reforçar suas próprias ideias preconcebidas e para confirmar suas crenças” (TEVERSON, 1999, p. 252).

As cenas em que Lorde Darlington finge ler a *Enciclopédia Britânica* somente para simular uma interação casual com Stevens (VESTÍGIOS, p. 73; REMAINS, p. 63) também o colocariam no rol de maus leitores, e Teverson destaca o fato de que essa enciclopédia específica teria sido criada para que os britânicos tivessem acesso à imensidade do conhecimento produzido por eles, mas que, já em 1899, teria sido comprada por uma editora norte-americana. Desse modo, ao fingir ler essa enciclopédia, Lorde Darlington sinalizaria sua falta de entendimento “do que a Grã-Bretanha teria se tornado e de qual seria seu estatuto mundial”. O fingimento de leitura também sugeriria que o personagem estaria “se escondendo por trás de noções ultrapassadas e mal avaliadas acerca do poder e da onipresença britânicas” (TEVERSON, 1999, p. 256).

Leituras históricas e pós-coloniais

Em entrevistas a respeito de sua obra, Kazuo Ishiguro afirma que não estaria interessado em retratar contextos históricos com nenhum grau de precisão (OE; ISHIGURO, 1991, p. 110-115) e que não faria pesquisas aprofundadas antes de escrever seus livros. Segundo o autor, seu interesse artístico repousaria sobre os sentimentos teoricamente universais de seus personagens. O fato, no entanto, é que vários de seus livros, especialmente *Os Vestígios do Dia*, fazem um uso extensivo e bastante específico da matéria histórica que rendeu diversos estudos relacionando aspectos contextuais ao romance. Para traçar um panorama desses estudos, comentaremos os textos “Ishiguro’s *Remains of the Day*: The Empire Strikes Back” (*Os Vestígios do Dia*, de Kazuo Ishiguro: O Império Contra-Ataca), de Meera Tamaya; “Serving a New World Order: Postcolonial Politics in Kazuo Ishiguro’s *The Remains of the Day*” (“Servindo a uma Nova Ordem Mundial: Política Pós-colonial em *Os Vestígios do Dia*, de Kazuo Ishiguro”), de Susie O’Brien; “Public Memory, Private History: Kazuo Ishiguro’s *The Remains of the Day*” (“Memória Pública, História Privada: *Os Vestígios*

do Dia, de Kazuo Ishiguro”), de James Lang; “Is the Butler Home? Narrative and the Split Subject in *The Remains of the Day*” (O mordomo está em casa? Narrativa e sujeito dividido em *Os Vestígios do Dia*), de Molly Westerman; e “The End of (Anthony) Eden: Ishiguro’s *The Remains of the Day* and Midcentury Anglo-American Tensions” (“O fim do (Anthony) Édén: *Os Vestígios do Dia* de Ishiguro e as tensões anglo-americanas de meados do século”), de John McCombe.

O presente da narrativa de *Os Vestígios do Dia* se situa durante uma viagem de seis dias planejada pelo protagonista em julho de 1956. Isso significa que o romance se passa ou às vésperas ou em plena Crise do Canal de Suez, um acontecimento central da história contemporânea da Inglaterra. O fato de que essa crise não é mencionada na narrativa chamou a atenção de diversos comentadores da obra. Em um breve capítulo dedicado justamente a essa questão, John Sutherland conclui que o relato de Stevens se passaria bem no meio da Crise de Suez (SUTHERLAND, 1998, p. 188). Para isso, ele junta quatro informações: o título da primeira parte do livro — Prólogo: Julho de 1956 —, a informação de que a viagem de cinco semanas de Mr. Farraday aos Estados Unidos aconteceria entre agosto e setembro (VESTÍGIOS, p. 11; REMAINS, p. 3), e a informação dada no fim do romance de que faltaria uma semana para o retorno de Mr. Farraday (VESTÍGIOS, p. 268; REMAINS, p. 258) para concluir que a viagem do protagonista se passaria no fim de agosto ou no começo de setembro de 1956 — ou seja, no ápice da crise, que se inicia em 26 de julho de 1956 e se encerra em 9 de janeiro de 1957, quando o então primeiro-ministro Anthony Eden abdica do cargo.

Para John McCombe, a jornada de Stevens pelo campo britânico ilumina um momento particularmente tenso das relações entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Segundo ele, a ambivalência diante da hegemonia política e cultural da ex-colônia seria um elemento central da narrativa de Ishiguro (MCCOMBE, 2002, p. 78-79). O autor relaciona eventos da Crise de Suez ao presente da narrativa de Stevens ressaltando, por exemplo, que Eden teria subido ao poder no mesmo momento em que Mr. Farraday teria adquirido Darlington Hall, na primavera de 1955. Nessa leitura, a compra da antiga propriedade de um lorde inglês por um americano metaforizaria a perda da hegemonia britânica para os Estados Unidos.

James Lang parte de um artigo de Cynthia Wong sobre o primeiro livro de Ishiguro, *Uma Pálida Visão dos Montes*, para falar sobre a conturbada relação entre a memória pública e a história pessoal no romance. Para ambos autores, o problema dos narradores dessas primeiras obras de Ishiguro é que eles buscam reconstruir memórias privadas a respeito de contextos históricos problemáticos nos quais estiveram inseridos com o objetivo de se

reconciliarem com sua própria participação nos acontecimentos públicos (WONG, 2000, p. 154-155).

Em um texto em que busca analisar tanto o filme *The Remains of the Day* (*Vestígios do Dia*, James Ivory, 1993) quando o romance no qual ele se baseia, Susie O'Brien afirma que o livro constrói uma oposição entre um ambiente colonial e largamente mitológico que simbolizaria a tradição britânica e a imagem dos Estados Unidos enquanto potência livre e pós-colonial. Tamaya, por sua vez, defende a ideia de que Ishiguro seria um exemplo único em meio à chamada leva de escritores britânicos pós-coloniais por usar uma forma literária completamente britânica — o romance de costumes — para desconstruir a sociedade inglesa e sua história imperial (TAMAYA, 1992, p. 45). A autora examina a dinâmica da relação entre Stevens e Lorde Darlington do ponto de vista da classe social e associa essa dinâmica ao modo como a Inglaterra tentava se relacionar com suas colônias. Para Tamaya, a tragédia pessoal de Stevens seria precipitada pelo que Albert Memmi denominou de “fraude cruel” através da qual o patrão ou colonizador garantiria que o subalterno existisse apenas em função de suas necessidades, transformando-se em uma espécie de subalterno total (MEMMI, 1965). A autora busca demonstrar como a insistência de Stevens em sufocar seus instintos e aspirações pessoais em nome de uma profissão que ele não trata como profissão, mas como vocação religiosa (TAMAYA, 1992, p. 49), faria do mordomo o criado ideal e uma espécie de epítome do rígido sistema de classe britânico.

Molly Westerman parte das formulações de Homi Bhabha acerca dos estereótipos enquanto instrumento do discurso colonial (BHABHA, 1994, p. 70-77) para propor uma leitura do livro focada no modo como a identificação de Stevens com Darlington Hall objetificaria o mordomo e faria com que ele internalizasse uma cisão profunda ao ter que lidar com um local que é ao mesmo tempo sua casa e seu lugar de trabalho. Ao fixar um lugar para o espírito britânico e eleger a figura do mordomo como mantenedora desse espírito, Stevens criaria uma “categoria de identidade única enquanto ‘mordomo’ que lhe permitiria entender seu mundo”. Apesar dos esforços do protagonista, essa identidade seria essencialmente frágil e sofreria ataques não apenas por parte do mundo exterior como também pelos próprios desejos do personagem, o que geraria “faíscas conspícuas que tirariam tanto o leitor quanto o narrador da ilusão de que tudo estaria bem”. Para Westerman, tanto as tentativas de fixação dos lugares das coisas quanto as derrapadas dessas tentativas seriam visíveis no nível do texto, e os elementos frequentemente tomados como provas da não confiabilidade de Stevens seriam, na verdade, o próprio modo pelo qual o romance inscreveria a posição

permanentemente conflituosa desse sujeito e os processos pelos quais essa posição seria criada e mantida (WESTERMAN, 2004, p. 158).

Stevens estereotipa-se ao viver na inércia, incapaz de se lançar em direção a qualquer outro objetivo. Mesmo quando ele tenta se fixar em um passado de ouro e se agarrar à sua ética da lealdade, Stevens nos apresenta de modo quase compulsivo um retrato de Darlington como um fracasso tanto político quanto moral. Ele não consegue controlar sua linguagem, sua história e a si mesmo de modo a construir uma narrativa estática dele mesmo. Ele tenta fazer isso, mas os sentidos de sua autoimagem estão constantemente escapando [...] e Stevens encara esse retrato com identificação e repulsa. (WESTERMAN, 2004, p. 164)

Análises psicanalíticas

Diversas análises buscam iluminar a questão da repressão, da memória e do bloqueio de lembranças traumáticas em *Os Vestígios do Dia*. Aqui, comentaremos dois deles: *Kazuo Ishiguro and Memory* (Kazuo Ishiguro e a Memória), de Yugin Teo; e o capítulo dedicado ao romance em *Understanding Kazuo Ishiguro*, de Brian Shaffer.

Em *Kazuo Ishiguro and Memory*, Yugin Teo examina o modo como a memória, o esquecimento e a lembrança operam em toda a obra do autor, dedicando-se mais especificamente aos *Vestígios do Dia* no capítulo “A sense of absence in *The Remains of the Day*”. Para isso, ele parte dos escritos de Freud sobre recordação e repetição, e sobre o luto e das definições de Paul Ricoeur a respeito do trabalho da memória enquanto exercício de recordação que tenta superar os obstáculos do esquecimento (onde o esquecimento designa o apagamento completo dos traços da memória). Teo acredita que os personagens de Ishiguro passam por intensos transtornos emocionais ao se reconciliarem com seus passados e ao tentarem encontrar significado no presente. Nesse processo, não só a mera distância entre os fatos narrados e a rememoração influenciam nas falhas dos narradores, mas também a fragmentação e o trauma.

Para o autor, essa natureza persistente dos lapsos de memória dos personagens ganha uma dimensão física através da perda de objetos (na cena que Williams Stevens parece procurar uma joia perdida, por exemplo [VESTÍGIOS, p. 62; REMAINS, p. 52]), pais (como em *Quando Éramos Órfãos* [*When We Were Orphans*]) e até mesmo órgãos (*Não Me Abandone Jamais*). Ele examina como a nostalgia é empregada por Ishiguro de uma maneira

que avança o trabalho da memória ao ajudar o indivíduo a quebrar o ciclo de repetição, lembrando-se do que foi perdido. Isso permite que o indivíduo continue o processo de luto. No caso de Stevens, Teo fala sobre como o esquecimento do personagem integra um processo mais amplo de esquecimento coletivo da sociedade inglesa.

Em *Understanding Kazuo Ishiguro*, Brian Shaffer fala sobre a repressão de Stevens e demonstra como ela se apresenta no discurso, na metáfora da roupa enquanto clausura da vida privada e na insistência do personagem em camuflar qualquer tipo de desejo pessoal sob a forma de um profissionalismo por vezes forçado. O autor aponta como a visão seletiva de Stevens e seu esforço em não notar o que pode lhe desagradar opera de modo literal na cena em que, ao fazer uma caminhada forçada por um terreno lamacento, o narrador evita olhar para o estrago feito em seus sapatos e na barra da calça para se poupar da frustração (VESTÍGIOS, p. 181-182; REMAINS, p. 171). O argumento central de Shaffer é de que Stevens usaria o discurso profissional como desculpa para sua anulação política e sexual e de que essa repressão sexual espelharia a repressão do próprio Lorde Darlington, cujo envolvimento com os nazistas teria sido motivado por sua atração homossexual por Herr Bremann (SHAFFER, 1998, p. 79-80).

Considerações sobre a fortuna crítica

A fortuna crítica de Ishiguro é extensa e, de modo geral, bastante produtiva para um escritor contemporâneo, com diversos livros, capítulos e artigos dedicados a destrinchar os aspectos centrais de sua obra. O fato de que as melhores leituras se concentram nas implicações da enunciação de Stevens, nos desafios que essa narrativa impõe ao leitor e na função dos aspectos históricos levantados pelo romance indicam que esses sejam os pilares sobre os quais Ishiguro construiu seu livro. Este trabalho bebe especialmente dos estudos pós-coloniais e narratológicos sobre o romance e tenta oferecer uma análise que se concentra tanto no discurso quanto na forma como Stevens apresenta um retrato *sui generis* de fatos bem conhecidos.

3 UMA HIPÓTESE DE LEITURA

Em *Os Vestígios do Dia*, Kazuo Ishiguro apresenta os dilemas de um mordomo inglês às voltas com os “pequenos erros” (VESTÍGIOS, p. 13-14; REMAINS, p. 5-6) que vem cometendo no trabalho. Criado exemplar e orgulhoso, o narrador Stevens depara-se com mudanças em seu cotidiano que incluem uma redução drástica do número de funcionários da casa que administra e a troca de seu antigo patrão, um lorde, por um americano rico que não enxerga nem os tais erros que tanto incomodam o mordomo nem o valor da excelência que ele tenta imprimir a todos os detalhes da casa. O narrador parte desses pequenos erros domésticos — coisa da ordem de um talher mal polido na mesa de jantar (VESTÍGIOS, p. 157-159; REMAINS, p. 147-149) — para refletir sobre sua vida, profissão e sobre as mudanças que abalaram seu mundo aparentemente estável.

A narrativa começa em julho de 1956 na mansão de Darlington Hall, quando Stevens, a essa altura um senhor, serve de mordomo a um americano chamado Mr. Farraday, que comprou a casa após a morte de seu antigo patrão, Lorde Darlington (VESTÍGIOS, p. 14; REMAINS, p. 6). Quando o romance se inicia, Stevens já trabalha com o americano há algum tempo. Mesmo assim, ainda demonstra desconforto com seus modos excessivamente informais e confusão em relação às suas expectativas, especialmente em relação à expectativa (presumida pelo próprio narrador) de que o criado retribua o tom bem humorado de suas piadas, uma demanda que Stevens encara com cômica seriedade (VESTÍGIOS, p. 23-29; REMAINS, p. 15-20).

O problema de Stevens com o humor é que ele se dá entre pares, presume uma equivalência das partes, exige respostas rápidas, contextuais, certo chão comum de referências e pode facilmente descambar para o desrespeito ou para a inadequação. Ao contrário da relação com o lorde, baseada em passos ensaiados e em hierarquias estáticas, a relação com o americano parece ser remodelada a cada interação.

A oposição entre o aristocrata a quem serviu durante trinta e cinco anos e o americano sem profissão ou vinculações sociais informadas pelo romance a quem serve no presente da narrativa estabelece já no começo do livro um impasse histórico entre um mundo que já se foi e do qual o mordomo é vestígio e um novo mundo ao qual o narrador tenta ora se adaptar, ora adaptar ao seu próprio esquema, ainda que isso esteja para além de qualquer viabilidade objetiva. Nesse impasse, existe um tempo de Lorde Darlington, no qual os bens

simbólicos da grandeza inglesa ainda estavam depositados nos grandes clãs da nobreza, e um tempo de Mr. Farraday, resultado histórico do avanço do capitalismo baseado nos bens da mercadoria.

A ação é deflagrada pela proposta de Mr. Farraday de que, durante as cinco semanas que ele próprio passará nos Estados Unidos, Stevens tire alguns dias de folga para viajar pela redondeza. Para o patrão, é uma lástima que pessoas como o mordomo tenham passado a vida enclausuradas nessas grandes casas de campo sem conhecerem o próprio país (VESTÍGIOS, p. 12; REMAINS, p. 4). Acostumado a passar seu tempo de descanso na propriedade e a considerar as viagens do patrão como uma oportunidade de resolver pendências da casa, o mordomo inicialmente descarta a oferta, mas depois decide aceitar a sugestão como forma de visitar Miss Kenton, uma antiga governanta de quem recebeu uma carta recentemente. Stevens acredita que Miss Kenton tenha acabado de se divorciar e que queira voltar a trabalhar em Darlington Hall, o que resolveria a questão de sua própria sobrecarga de trabalho e dos erros que vinha cometendo (VESTÍGIOS, p. 13; REMAINS, p. 5). O caráter pretensamente profissional da viagem não é, no entanto, revelado ao patrão, que não parece inclinado a contratar um novo funcionário (VESTÍGIOS, p. 16; REMAINS, p. 7). No subtexto, fica a impressão de que Stevens teria interesses afetivos em Miss Kenton, que na verdade é uma senhora casada e há vinte anos atende pelo nome de Mrs. Benn (VESTÍGIOS, p. 60; REMAINS, p. 50).

O livro é organizado como um relato de Stevens a um leitor ficcional incorporado na narrativa. Esse leitor é alguém do mesmo ramo profissional, talvez outro mordomo ou criado a quem ele se dirige a princípio para contar e discutir problemas relativos à administração da casa e às mudanças na profissão, mas também refletir sobre sua própria trajetória e decisões. A relação entre o narrador e esse narratário não é clara: não parece ser alguém próximo, uma vez que Stevens demonstra um desconhecimento quase total acerca da trajetória profissional de seu interlocutor, algo que autoriza o narrador a nos dar informações sobre o universo de sua função que de outro modo seriam redundantes. Esse interlocutor tampouco parece ser alguém com quem ele convivia nas antigas rodas de criado, e o grau de intimidade com o qual Stevens se abre é surpreendente, uma vez que este narrador é um sujeito completamente isolado que de repente passa a confiar a alguém uma espécie de relato da manutenção da

dignidade a despeito das novas condições e uma descrição floreada da deterioração de seu mundo².

Após um prólogo em que somos introduzidos aos pequenos erros, às suas dificuldades em se adaptar ao humor e ao estilo do novo patrão e à proposta de férias, o livro se organiza como uma espécie de diário de viagem dividido em outras sete partes³. Cada uma dessas sete partes consiste em um momento em que Stevens parou sua viagem para contar como foi o dia e para retomar seu relato memorialístico. Embora a forma lembre a de um diário e se trate de um discurso essencialmente monolítico, é preciso ter em mente a existência de um narratário, já que a ideia de diário faz pensar em uma escrita sem audiência e tendencialmente menos armada. Longe de um desarmamento, o que temos aqui é um narrador ansioso pela compreensão e aprovação de seu interlocutor e que busca envolvê-lo em uma teia de naturalizações, algo que pode ser notado, por exemplo, na forma como o narrador estende suas crenças a esse leitor incorporado através da contínua repetição de marcadores como “evidentemente” / “of course” (VESTÍGIOS, p. 13; REMAINS, p. 5); “como você deve saber” / “as you might expect” (VESTÍGIOS, p. 13; REMAINS, p. 4); “você não discorda” / “you will not dispute” (VESTÍGIOS, p. 45; REMAINS, p. 34); “mas entenderá também, sem dúvida” / “but you will no doubt also understand” (VESTÍGIOS, p. 40; REMAINS, p. 29) etc.

Sem revelar claramente os propósitos de sua viagem nem ao patrão nem à antiga governanta, Stevens parte a bordo do Ford de Mr. Farraday de Darlington Hall, no condado de Oxfordshire, a oeste de Londres, até a pequena cidade de Little Compton, na Cornualha, no canto sudoeste da Inglaterra, onde encontrará Miss Kenton⁴. Essa é sua primeira viagem sem propósitos estritamente profissionais e a primeira ocasião em que a casa ficaria “vazia, quem sabe, pela primeira vez neste século — ou pela primeira vez desde que foi construída” (VESTÍGIOS, p. 33; REMAINS, p. 23). Em distâncias atuais, considerando as vias ora disponíveis, é um trajeto de aproximadamente quinhentos e vinte e sete quilômetros que pode ser feito em cerca de sete horas de carro. Na descrição de Stevens, no entanto, essa é uma “expedição” que o fará “passar pelo que há de melhor na paisagem campestre da Inglaterra, até a região Oeste” (VESTÍGIOS, p. 11; REMAINS, p. 3). Aqui, a leitura grandiloquente do

² Essa estratégia autoral de referir-se a um narratário que seria uma espécie de par, ainda que presumivelmente desconhecido, é utilizada por Ishiguro em outros livros, como em *Um Artista do Mundo Flutuante e Não Me Abandone Jamais* (*Never Let Me Go*).

³ As partes do romance são: Prólogo: Julho de 1956, Darlington Hall; Primeiro dia – Noite, Salisbury; Segundo dia – Manhã, Salisbury; Segundo Dia – Tarde, Mortimer’s Pond, Dorset; Terceiro dia – Manhã, Tauton, Somerset; Terceiro dia – Noite, Moscombe, perto de Tavistock, Devon; Quarto dia – Tarde, Little Compton, Cornwall; e Sexto dia – Noite, Weymouth.

⁴ Consultar mapa das p. 88-89 deste trabalho.

que na verdade é diminuto e a lentidão dos processos ficam demarcadas, e Stevens usa como guia de viagem uma série de livros publicados na década de 1930 por uma antiga visitante de Darlington Hall (VESTÍGIOS, p. 20-22, 38, 253; REMAINS, p. 11-14, 28, 243). Desses livros ilustrados antes por desenhos do que por fotos é que o mordomo monta suas expectativas em relação aos lugares que vai conhecer. Expectativas essas que ele espera que não estejam tão desatualizadas assim, afinal, “as bombas alemãs não devem ter mudado tanto do campo inglês” (VESTÍGIOS, p. 20; REMAINS, p. 11-12).

Ao longo da viagem, o mordomo passa por Salisbury (cidade medieval no condado de Wiltshire), Mortimer’s Pond (cidade fictícia no condado de Dorset), Taunton (em Somerset) e Moscombe (vila fictícia perto da cidade de Tavistock, em Devon), onde conhece algumas pessoas: um sujeito que lhe indica uma paisagem bonita (VESTÍGIOS, p. 35-36; REMAINS, p. 24-26), um empregado que o ajuda a encher o radiador do carro (VESTÍGIOS, p. 134-138; REMAINS, p. 124-126), uma jovem fazendeira que lhe agradece por não ter atropelado sua galinha (VESTÍGIOS, p. 81-83; REMAINS, p. 71-72), um médico e um grupo de trabalhadores que lhe dão abrigo e o ajudam a conseguir gasolina (VESTÍGIOS, p. 178-231; REMAINS, p. 168-221). O alheamento de Stevens em relação a esses interlocutores é notório. As outras pessoas também parecem ter dificuldade em decodificar aquele senhor bem vestido e dirigindo um carro de luxo, e ele por vezes é tomado por um aristocrata, uma confusão que parece agradá-lo (VESTÍGIOS, p. 37; REMAINS, p. 27). De modo sutil, esses encontros servem tanto para que o leitor perceba o descompasso do personagem em relação ao mundo quanto para que o mundo comece a adentrar pelas frestas de sua narrativa.

O encontro principal se dá com um grupo de aldeões da cidade de Moscombe, onde o carro para por falta de gasolina, forçando o narrador a pernoitar na casa de um casal local (VESTÍGIOS, p. 178-231; REMAINS, p. 168-221). Nela, Stevens é recebido com cerimônia pelos habitantes do vilarejo, que o tomam por alguém importante, um engano que ele não apenas não esclarece como reforça ao dizer que trabalhava com relações internacionais e que conheceu diversas personalidades, sendo Winston Churchill a que mais chama a atenção dos trabalhadores, enquanto o próprio Stevens demonstra mais orgulho por ter conhecido gente como Lorde Halifax⁵, um político conservador que foi vice-rei e governador-geral da Índia Britânica e embaixador nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra (VESTÍGIOS, p. 208;

⁵ O livro mescla eventos, personagens e organizações históricas e imaginárias, fazendo uma tessitura do real com o inventado. Para uma listagem das personagens históricas incorporadas ou citadas no romance, consultar as p. 93-97 deste trabalho. Para um bom panorama de contextualização dos eventos históricos presentes no romance, consultar: MOSS, Joyce. *British and Irish Literature and Its Times: The Victorian Era to the Present (1837-)*. Londres: Gale, 2001, p. 415-423.

REMAINS, p. 197). Nessa conversa, o descompasso de mundos fica evidente quando um dos locais, o líder comunitário Harry Smith, é categórico em defender a responsabilidade do homem comum, a ideia de que a dignidade estaria disponível a todos os ingleses e que se alicerçaria na liberdade de expressão e de voto, uma opinião que claramente perturba Stevens (VESTÍGIOS, p. 206; REMAINS, p. 195-196). Nessa cena, o que vemos é uma oposição entre o mundo hierarquicamente organizado de Stevens, onde a dignidade consiste em permanecer em seu próprio lugar, realizando da melhor forma possível as tarefas ali implicadas, e a concepção democrático-nacionalista de Harry Smith, que pressupõe uma igualdade entre todos os ingleses.

“Veja bem”, disse Mr. Harry Smith, “com todo o respeito pelo que o senhor disse, é preciso que se diga. Dignidade não é uma coisa que só os cavalheiros possuem. Dignidade é uma coisa que todo homem e mulher deste país pode se esforçar para conseguir. O senhor vai me desculpar, mas como eu disse antes, a gente aqui não faz cerimônia quando se trata de expressar opinião. E é isso que eu penso. Dignidade não é coisa só de cavalheiros.”

Percebi, claro, que Mr. Harry Smith e eu divergíamos naquela questão e que seria uma coisa complicada demais me explicar com maior clareza para aquela gente. Julguei melhor, portanto, simplesmente sorrir e dizer: “Claro, o senhor tem razão”.

Isso teve o efeito imediato de dissipar a ligeira tensão que se formara na sala enquanto Mr. Harry Smith falava. E o próprio Mr. Harry Smith pareceu perder toda a inibição, pois se inclinou para frente e continuou:

“Foi para isso que enfrentamos Hitler, afinal. Se Hitler tivesse conseguido o que queria, seríamos meros escravos agora. O mundo inteiro seria apenas alguns senhores e milhões e milhões de escravos. E não preciso lembrar ninguém aqui que não existe a menor dignidade em ser escravo. Foi para isso que nós lutamos e por isso que vencemos. Conquistamos o direito de ser cidadãos livres. E um dos privilégios de nascer inglês é que, não importa quem você seja, não importa se rico ou pobre, o sujeito nasce livre e nasce de tal forma que pode expressar livremente sua opinião, eleger ou não este ou aquele representante para o Parlamento. Isso é que é dignidade, se o senhor me permite”. (VESTÍGIOS, p. 206; REMAINS, p. 195-196).

Aos poucos, por meio de assuntos que ele próprio aborda e abandona, retoma e retifica, vai ficando claro que uma das questões do narrador é elaborar sua própria participação e responsabilidade nos acontecimentos centrais de sua época, uma vez que o lorde a quem ele dedicou todos os seus esforços profissionais colaborou com líderes nazistas e acabou caindo em desgraça pública por conta disso.

O que ficamos sabendo a partir do relato extremamente evasivo de Stevens é que, durante o entreguerras, seu antigo patrão parte de uma percepção pessoal de que as sanções impostas à Alemanha após a Primeira Guerra teriam sido injustas e exageradas para um contato crescente com lideranças alemãs que se revelariam nazistas. A partir disso, Lorde Darlington tenta influenciar lideranças e personalidades do resto da Europa em favor da Alemanha, organiza uma espécie de conferência informal em sua casa na qual reúne nobres desorientados e pessoas importantes com o objetivo de influenciar nas sanções de guerra (VESTÍGIOS, p. 84-90; REMAINS, p. 74-80) e, por fim, em seu movimento mais audacioso, tenta articular um encontro entre o primeiro-ministro, o rei da Inglaterra e o próprio Hitler (VESTÍGIOS, p. 246; REMAINS, p. 235-236).

O antigo patrão de Stevens é um aristocrata que aparentemente já trabalhou no Ministério de Relações Exteriores (VESTÍGIOS, p. 85; REMAINS, p. 75) e que serviu ao exército inglês durante a Primeira Guerra, quando teria estabelecido uma relação de amizade com um combatente alemão chamado Karl-Heinz Bremann (VESTÍGIOS, p. 84; REMAINS, p. 74). Após a guerra, a situação desoladora de Bremann teria feito com que Darlington nutrisse um sentimento de indignação em relação ao modo como seu país estaria tratando o inimigo vencido. Com o suicídio de Bremann poucos anos após o combate, Darlington teria começado a se articular com outras pessoas, sobretudo alemãs, que compartilhavam de sua revolta contra o Tratado de Versalhes. Para o personagem, o tratamento dado à Alemanha consistia em um “total rompimento com as tradições” inglesas (VESTÍGIOS, p. 85; REMAINS, p. 74) e fazia dele pessoalmente um mentiroso (VESTÍGIOS, p. 86; REMAINS, p. 76).

Aos poucos, no entanto, essa boa vontade teria se transformado em uma ligação cada vez mais estreita com líderes nazistas que, na visão de Stevens, teriam desvirtuado e instrumentalizado as boas intenções de seu patrão. Embora tanto Stevens quanto o afilhado de Lorde Darlington (VESTÍGIOS, p. 244; REMAINS, p. 234) e até mesmo o senador americano Mr. Lewis (VESTÍGIOS, p. 117; REMAINS, p. 106) vejam Darlington como um cavalheiro ingênuo cuja inapta boa vontade teria sido instrumentalizada, o próprio personagem emite diversas opiniões “pouco atraentes”⁶, como comentários antissemitas (VESTÍGIOS, p. 164; REMAINS, p. 154) e de desconfiança na democracia (VESTÍGIOS, p.

⁶ Stevens classifica as ideias de Lorde Darlington como “unattractive” (VESTÍGIOS, p. 220; REMAINS, p. 209). O termo é caro à nossa leitura porque, ao decidir quais partes da casa seriam interditadas, Stevens afirma ter deixado todos os cômodos “mais atraentes” (VESTÍGIOS, p. 16; REMAINS, p. 8) em funcionamento, indicando que sua organização tanto da casa quanto das ideias visa manter o que é atraente e esconder todo o resto.

217-220; REMAINS, p. 206-209), ainda que o entreguerras fosse uma época em que o questionamento da democracia de fato estivesse na pauta do dia.

Além de servir ao lorde de maneira mais geral, Stevens teve ou considera ter tido um papel fundamental no bom andamento da conferência por ele organizada e, em outras ocasiões, é orientado a cortar doações feitas a uma instituição de caridade ligada a judeus (VESTÍGIOS, p. 164; REMAINS, p. 154) e a demitir duas empregadas judias que trabalhavam na casa havia oito anos, algo que faz prontamente e sem confrontos após uma leve surpresa com o pedido (VESTÍGIOS, p. 165-168; REMAINS, p. 154-158). A conferência informal sediada em Darlington Hall em 1923 na tentativa de revogar os termos do armistício é um dos episódios centrais da vida do narrador, e sua atuação nesse evento selaria tanto sua possível entrada no rol dos grandes mordomos quanto uma implicação mais direta com os planos políticos do patrão. Na conferência, a posição sustentada por alguns dos personagens, especialmente pelo inflexível convidado francês, Mr. Dupont, espelham a postura histórica de grupos e países diante da questão.

Enquanto a dispensa das empregadas perturba Miss Kenton, que se culpa por não ter tido condições de pedir demissão em solidariedade às colegas, Stevens defende não exatamente a atitude do patrão, mas seu suposto discernimento, a ideia de que a capacidade (e a responsabilidade) de decidir sobre temas complexos caberia ao patrão, não a ele. O mordomo acredita que, se o lorde tomou uma decisão aparentemente equivocada, o fez por motivos que o próprio Stevens não é capaz de compreender, muito menos de julgar. Mesmo quando, um ano depois, o patrão afirma ter se arrependido de ter demitido as funcionárias judias, a confiança do mordomo em seu julgamento não parece abalada (VESTÍGIOS, p. 169-173; REMAINS, p. 159-162).

O episódio das empregadas judias marca um dos pontos de viragem da relação entre ele e Miss Kenton (VESTÍGIOS, p. 168; REMAINS, p. 158), que passa a ser repleta de tensões. Na verdade, o narrador cita diversos momentos que poderiam estar na origem do afastamento entre eles e da mudança de postura da governanta em relação ao colega. Essas guinadas são a ocasião em que Kenton adentra a saleta do mordomo sem ser convidada e o flagra lendo um romance sentimental (VESTÍGIOS, p. 183; REMAINS, p. 173); o episódio no qual Stevens afirma que sua vocação “não estará cumprida enquanto eu não fizer tudo o que possa para servir Lord Darlington nas grandes missões que ele assumiu para si”, deixando claro que não cogita ter uma vida pessoal (VESTÍGIOS, p. 192; REMAINS, p. 173); o momento em que Stevens decide encerrar o hábito de tomar chocolate quente à noite com a governanta ao notar que Miss Kenton estava um tanto distraída após um passeio com o

“conhecido” com quem viria a se casar (VESTÍGIOS, p. 194-195; REMAINS, p. 184-185) e que as reuniões haviam atingido um “estado inadequado” (VESTÍGIOS, p. 188; REMAINS, p. 178); e a cena em que Stevens trata Miss Kenton com insensibilidade logo depois de ela receber a notícia da morte de sua tia (VESTÍGIOS, p. 195; REMAINS, p. 185).

Naturalmente — e por que eu não haveria de admiti-lo? —, vez ou outra me perguntei como as coisas teriam se desenvolvido a longo prazo, se eu não tivesse sido tão decidido na questão de nossas reuniões noturnas; isto é, se eu tivesse cedido nas diversas ocasiões em que, ao longo das semanas seguintes, Miss Kenton sugeriu que as reinstaurássemos. Só conjecturo sobre isso agora porque, à luz dos acontecimentos subsequentes, pode-se bem argumentar que, ao tomar a decisão de encerrar as reuniões noturnas em caráter definitivo, eu talvez não tivesse plena consciência dos desdobramentos do que estava fazendo. Realmente, pode-se dizer que aquela minha pequena decisão constituiu uma espécie de guinada decisiva; que colocou as coisas no curso inevitável que levou ao fim a que acabaram chegando.

Mas acredito que quando, valendo-se de um olhar em retrospecto, se começa a procurar no próprio passado por essas “guinadas”, acaba-se por descobri-las a todo momento. Não só a minha decisão a respeito de nossos encontros noturnos, mas também aquele episódio em minha saleta, se quisermos, poderiam ser vistos como “guinadas”. O que teria acontecido, pode-se perguntar, se a reação tivesse sido ligeiramente diferente naquela noite em que ela veio com seu vaso de flores? (VESTÍGIOS, p. 195; REMAINS, p. 184-185)

A narrativa de Stevens atribui essas tensões a problemas de gênio e humor por parte da governanta e as apresenta na chave de um enigma. De fato, parte desses confrontos pode ser atribuída à frustração de uma mulher que não consegue fazer o homem que ama se curvar aos próprios sentimentos, percebendo-se incapaz de fazer com que Stevens dispa suas vestes de mordomo. No entanto, embora a percepção de uma dimensão sentimental reprimida entre os personagens seja válida, ela talvez sirva como mais uma cortina de fumaça ocultando o conflito de posições morais travado pelo mordomo e pela governanta, que acaba se demitindo da casa poucos anos após o episódio, em um momento em que o envolvimento do patrão com os nazistas atinge seu ápice.

Mesmo no presente da narrativa, quando o lorde já está morto e encontra-se malfalado na imprensa e na região (VESTÍGIOS, p. 257; REMAINS, p. 247), Stevens não julga abertamente suas ações, apelando ora para a ingenuidade e para as boas intenções de Lorde Darlington, ora para o fato de que muitas das pessoas que hoje o criticam também recebiam aquelas mesmas personalidades nazistas em suas casas (VESTÍGIOS, p. 154-155;

REMAINS, p. 144-145). Em alguns momentos, no entanto, o ressentimento e o julgamento pelos equívocos do lorde são expostos:

“Lord Darlington não era um mau homem. Não era um mau homem, não. E ele pelo menos teve o privilégio de poder dizer, no fim da vida, que cometeu seus erros. Era um homem corajoso. Escolheu um determinado caminho na vida, que se mostrou equivocado, mas e daí? Ele escolheu, isso ele pode dizer ao menos. Quanto a mim, nem isso posso dizer. Eu *confiava*, entende? Confiava na sabedoria de Lord Darlington. Em todos aqueles anos de serviço a ele, confiei que estava fazendo alguma coisa que valia a pena. Não posso nem dizer que cometi os meus erros. De fato, o sujeito tem de perguntar a si mesmo: que dignidade existe nisso?” (VESTÍGIOS, p. 266; REMAINS, p. 255-256)

Embora esteja convicto de ter dado contribuições relevantes a tudo o que o nobre fizera e de que isso ainda hoje lhe cause “uma sensação de triunfo” (VESTÍGIOS, p. 125; REMAINS, p. 115), Stevens defende que sua própria condição de criado o eximiria de ser responsabilizado pelo resultado dessas ações (VESTÍGIOS, p. 222; REMAINS, p. 211). Enquanto os habitantes de Moscombe aderem a uma perspectiva burguesa da responsabilidade individual de um sujeito autodeterminado cuja dignidade reside em pensar por si, Stevens se filia a um pensamento estamental segundo o qual existe uma dignidade específica de cada função social, e a dignidade do criado estaria em dedicar seus serviços a alguém capaz de discernir melhor do que ele a respeito dos rumos que a coletividade deveria tomar. Embora essa seja, em linhas gerais, sua opinião e sua justificativa, Stevens não parece acreditar completamente nela e se ressentido, de um lado de seu próprio erro de julgamento ao escolher como patrão um nobre equivocado, e, de outro lado do patrão que, ao errar, jogou fora todo o esforço do mordomo para, dentro de sua dignidade servil, colaborar com o bem da humanidade, como ele afirmava querer (VESTÍGIOS, p. 131-133; REMAINS, p. 121-123). Trata-se de um personagem confuso e que promove uma confusão retórica por misturar valores e conceitos novos e antigos, burgueses e aristocratas, sempre na tentativa de negociar para manter, de incorporar para seguir tão igual quanto possível.

Um léxico particular

Uma questão muito cara ao narrador e que aparece em diversos momentos é a discussão semântica e conceitual de palavras como *grandeza* (VESTÍGIOS, p. 12, 38-56, 83-84, 125, 129-133, 157, 192, 220-222, 249, 266-267; REMAINS, p. 4, 28-45, 73, 114-115, 119-123, 147, 182, 209-211, 238-239, 255-257), *nobreza* (VESTÍGIOS, p. 117, 130-131, 121-122, 244-246; REMAINS, p. 106-107, 120-121, 210-211, 234-236), *distinção* (VESTÍGIOS, p. 27, 43, 64, 66, 88, 90, 105, 114, 125, 129-133, 143, 153, 154-155, 193, 238, 247, 248, 258; REMAINS, p. 19, 32-33, 54, 56, 78, 80, 95, 103, 114, 119-123, 133, 143, 144-145, 182, 228, 236, 238, 247), *profissionalismo* (VESTÍGIOS, p. 12, 13, 16, 18, 22, 24, 26-28, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 53, 54, 55, 56, 61, 63, 64, 109, 112, 113, 117-118, 125, 131-132, 142, 149, 152, 157, 159, 165-167, 170, 175, 179, 183, 184, 186, 188, 189-192, 194, 195, 197, 199, 217, 221-222, 256, 264, 268; REMAINS, p. 4, 5, 8, 10, 14, 16, 18-19, 23, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 43, 45, 51, 53, 54, 98, 102, 107, 114, 120-122, 131, 138, 142, 147, 149, 155-157, 160, 165, 168, 173, 174, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 189, 206, 209-211, 246, 254, 258) e *dignidade* (VESTÍGIOS, p. 44, 45, 46, 49, 53, 54, 55, 56, 83, 125, 129, 133, 166, 187, 188, 205, 206, 207, 214, 215, 220, 222, 229, 230, 231, 249, 266; REMAINS, p. 33, 34, 36, 39, 43, 44, 45, 73, 115, 119, 123, 156, 177, 178, 195, 196, 203, 204, 209, 211, 219, 220, 221, 238, 256)⁷ e o que significaria ser um grande mordomo, algo que ele e outros criados discutem há décadas sem chegar a respostas definitivas. Boa parte da narrativa é gasta tentando entender o que seria dignidade, como ela se manifestaria na prática, como identificá-la e como definir um grande mordomo. Para ele, um grande mordomo não é um sujeito que simplesmente cuida de seus afazeres de modo exemplar, mas alguém que consegue jamais despir-se de sua roupa de mordomo em público, alguém capaz de se anular, de manter aquilo que ele chama de *profissionalismo* em situações de provação (VESTÍGIOS, p. 54; REMAINS, p. 43-44).

Enquanto epítome do *ethos* inglês, o mordomo seria um ser essencialmente autocontrolado e imune às paixões. Ao contrário dos europeus e dos irlandeses, “raças” classificadas por Stevens como incapazes de autocontenção (VESTÍGIOS, p. 54-55; REMAINS, p. 44), um inglês seria capaz de enfrentar as mais graves provocações e adversidades sem despir-se de sua *persona* pública. Essa ideia de contenção inglesa *vs.* falta de compostura continental surge, por exemplo, no modo como o pai de Stevens é apresentado inteiramente vestido e pronto para assumir suas funções mesmo quando o filho vai ao seu quarto de madrugada (VESTÍGIOS, p. 77; REMAINS, p. 67). Ou no modo como o

⁷ Em algumas ocasiões, especialmente nos casos em que aparecem as palavras *distinção* e *nobreza*, a tradução nem sempre manteve os mesmos termos. As ocorrências aqui apontadas levam em consideração o texto em inglês e indicam a passagem equivalente na tradução.

hipercontrole de ambos diante da morte do pai contrasta com a autoindulgência de um convidado francês totalmente desestabilizado por uma simples dor nos pés (VESTÍGIOS, p. 105; REMAINS, p. 94-95).

Já se disse que só existem mordomos de verdade na Inglaterra. Outros países, independentemente do título que usem, têm apenas serviçais. Tendo a acreditar que seja verdade. Os continentais são incapazes para o ofício porque sua linhagem não convém à contenção emocional de que só a raça inglesa é capaz. Os continentais — e os celtas em geral, como você haverá de concordar — habitualmente são incapazes de manter a conduta profissional, senão nas situações menos desafiantes. Se posso retomar a metáfora anterior — e me perdoe expressá-lo de forma tão grosseira —, eles são como um homem que, à menor provocação, arranca terno e camisa e sai correndo e gritando. Em uma palavra, a “dignidade” é inacessível a essas pessoas. Nesse aspecto, nós, ingleses, temos uma importante vantagem sobre os estrangeiros, e por essa razão é que, quando se pensa em um grande mordomo, o mais provável é que ele seja, quase por definição, inglês. (VESTÍGIOS, p. 54-55; REMAINS, p. 44)

Stevens claramente reivindica o título de grande mordomo para si mesmo e para seu pai, Williams Stevens, que havia sido mordomo de um industrial e com quem aprendeu o ofício (VESTÍGIOS, p. 47; REMAINS, p. 36). Os momentos em que ele considera que os dois demonstraram ser grandes mordomos, no entanto, são momentos de profunda autoanulação: a ocasião em que o pai serve diligentemente a um general que teria sido responsável pela morte desnecessária de seu primeiro filho na Segunda Guerra Boer⁸ (VESTÍGIOS, p. 51-53; REMAINS, p. 41-43) e a ocasião em que o próprio Stevens deixa o pai no leito de morte para servir à conferência de Lorde Darlington, chegando a aproveitar o médico convocado à casa para atestar o óbito do pai para tratar do desconforto nos pés de um figurão francês que participa da conferência, uma decisão que ele toma com aparente frieza logo depois de saber da morte do pai, que por sinal parece ser seu único parente (VESTÍGIOS, p. 122-125; REMAINS, p. 111-114).

Um tigre de papel

⁸ Uma guerra colonial travada entre 1899 e 1902 na qual a Coroa britânica tenta anexar duas repúblicas independentes — Transvaal e Orange, no norte da atual África do Sul — por conta de suas jazidas de diamante, ouro e ferro, matando cerca de vinte mil pessoas em campos de concentração (MILLARD, 20160).

Uma das chaves para o entendimento do que seria um grande mordomo encontra-se em uma anedota que o pai do protagonista costumava contar (VESTÍGIOS, p. 47-48; REMAINS, p. 36-37) a respeito de um mordomo inglês que servia ao seu patrão na Índia. Um dia, o mordomo entra na sala de jantar e encontra um tigre lá dentro. Longe de se desestabilizar com a surpresa, ele fecha a porta calmamente, vai até o patrão e pede autorização para usar uma arma. Minutos depois, o patrão escuta um disparo e, logo em seguida, o mordomo já está de volta para reabastecer as xícaras e informar que o episódio foi resolvido e que o jantar será servido no horário de sempre. A parábola do tigre faz referência tanto ao colonialismo britânico quanto à capacidade de se manter impassível diante do perigoso, do selvagem, do inaudito e do maravilhoso.

Havia uma história que, ao longo dos anos, meu pai gostava de repetir. Lembro-me de tê-lo ouvido contá-la a visitantes quando eu era criança e, depois, quando eu estava começando como lacaio sob sua supervisão. Lembro-me dele contando de novo a história na primeira vez em que voltei para visitá-lo, depois de obter meu primeiro posto de mordomo, na casa relativamente modesta de Mr. e Mrs. Muggeridge, em Allshot, Oxfordshire. Evidentemente, essa história era importante para ele. A geração de meu pai não tinha por costume discutir e analisar as coisas como hoje fazemos; e acho que recontar aquela história era o mais próximo que ele chegava da reflexão crítica sobre a profissão que praticava. Ela em si nos dá uma pista vital sobre o seu pensamento.

A história era aparentemente verdadeira, referente a certo mordomo que viajara com seu patrão para a Índia e lá servira durante muitos anos, cobrando dos empregados indianos o mesmo alto padrão que exigia na Inglaterra. Certa tarde, ele entrou na sala de jantar para conferir se estava tudo em ordem para a refeição e notou um tigre deitado debaixo da mesa. Com muita cautela, o mordomo deixou o recinto, tomando o cuidado de fechar as portas, e foi calmamente para a sala de estar, onde seu patrão tomava chá com um grupo de visitantes. Com um pigarro polido, chamou a atenção do patrão, depois sussurrou em seu ouvido: “Sinto muito, senhor, mas parece que há um tigre na sala de jantar. O senhor talvez permita que a calibre doze seja utilizada?”

Segundo a lenda, minutos depois, o anfitrião e seus convidados ouviram três tiros de espingarda. Quando o mordomo reapareceu na sala algum tempo depois, para completar os bules de chá, o patrão perguntou se estava tudo bem.

“Muito bem, obrigado, senhor”, foi a resposta. “O jantar será servido na hora de sempre e tenho prazer de informar que não haverá mais nenhum vestígio dos acontecimentos recentes”. (VESTÍGIOS, p. 47; REMAINS, p. 36-37).

No cerne da discussão a respeito dos conceitos de *dignidade* e de *grandeza* está a questão da *nobreza* nas duas acepções da palavra. Para certo grupo representado no livro pela Sociedade Hayes (VESTÍGIOS, p. 42, 129, 130, 131, 187; REMAINS, p. 32, 33, 36, 43, 119, 120, 121, 177) — uma fictícia sociedade exclusiva e quase mítica de mordomos que teria se extinguido por volta de 1932 —, um grande mordomo necessariamente serviria a um nobre. Para esse grupo, a questão do caráter não se coloca porque, se o sujeito é nobre, isso já basta, já atesta o valor da pessoa. Outro conceito mais maleável ao qual Stevens se afilia estabelece que a nobreza do patrão deveria estar em suas atitudes, em ser alguém de algum modo comprometido com o bem comum e com o avanço da humanidade (que, na fala do narrador, se confunde com o bem-estar do Império Britânico [VESTÍGIOS, p. 130; REMAINS, p. 120]). Stevens argumenta que sua geração de mordomos seria muito mais idealista do que as anteriores porque eles estariam preocupados com a moral de seus empregadores e queriam servir a alguém que contribuísse para o progresso da humanidade (VESTÍGIOS, p. 130-132; REMAINS, p. 120-122). Nessa semântica particular, a nobreza se autoconstitui não apenas pelos pressupostos materiais, mas por um código de dignidade e de nobiliarquia que o narrador equaciona ao atribuir ao nobre a função de dar contribuições para a humanidade e de guiá-la, compondo uma ideia de nobreza para além da linhagem sanguínea e do rentismo.

Mas uma questão sobre a qual a Sociedade resistiu em se pronunciar durante algum tempo foi a de seus próprios critérios de admissão. A pressão para que fossem divulgados foi crescendo e, em resposta a uma série de cartas publicadas em *A Quarterly for the Gentleman's Gentleman*, Sociedade admitiu que o pré-requisito para a admissão de novos membros era que “o pretendente estivesse ligado a uma casa de distinção”. “Embora, evidentemente”, continuava a Sociedade, “isso esteja longe de ser suficiente para satisfazer as exigências”. E esclareceu também que não considerava as casas de homens de negócios ou dos “novos-ricos” como “casas de distinção”. Na minha opinião, esse pensamento superado foi decisivo para minar qualquer autoridade que a Sociedade pudesse ter para arbitrar os padrões de nossa profissão. Respondendo a outra carta de *A Quarterly*, a Hayes justificou sua posição dizendo ainda que, embora aceitasse o argumento de alguns missivistas de que alguns mordomos de excelente qualidade se encontravam em casas de homens de negócios, “o que se devia pensar era que as casas de damas e cavalheiros *verdadeiros* não demorariam muito para requisitar os serviços de tais pessoas”. Era preciso se nortear pelas opiniões de “damas e cavaleiros de verdade”, dizia a Sociedade, ou então era “melhor adotar logo as maneiras da Rússia bolchevique”. Isso provocou ainda mais controvérsia, e a pressão das cartas continuou a aumentar, exigindo que a entidade declarasse com mais clareza seus critérios de admissão. Por fim, foi revelado em uma breve carta ao *A Quarterly* que, no entender da Sociedade — tentarei aqui citar de memória e com exatidão —, “o critério mais decisivo é que o pretendente possua uma dignidade adequada à sua posição. Nenhum candidato satisfará as exigências, seja qual

for o nível de suas outras qualificações, se considerado deficiente nesse aspecto”. (VESTÍGIOS, p. 43-44; REMAINS, p. 32-33)

Segundo o narrador, a grande diferença entre essa geração de mordomos e as anteriores é que, para esta geração, seria prerrogativa do mordomo escolher um patrão a quem valesse a pena servir, um patrão cuja nobreza de atitudes fizesse valer a anulação da pessoa do criado. Sem essa vinculação a um ideal nobre, um mordomo jamais poderia ser um grande mordomo, ainda que seu serviço fosse impecável. Para Stevens, “um ‘grande’ mordomo só pode ser aquele que é capaz de apontar seus anos de trabalho e dizer que dedicou seu talento a serviço de um grande cavalheiro — e, por intermédio deste, a serviço da humanidade” (VESTÍGIOS, p. 133; REMAINS, p. 122-123). Essa concepção da profissão estaria expressa em sua própria trajetória profissional, uma vez que Stevens conta que, no início de sua carreira, passou por diversas casas até encontrar um patrão que ele considerasse digno de sua dedicação (VESTÍGIOS, p. 132; REMAINS, p. 122).

Claro, é um absurdo total esperar que qualquer mordomo esteja em posição de responder com autoridade a questões como as que Mr. Spencer me fez naquela noite, e a colocação de Mr. Harry Smith — de que a “dignidade” do indivíduo depende de ele ser capaz de desenvolvê-la — revela-se, por si mesma, absurda. Vamos deixar bem claro: o dever de um mordomo é prestar bons serviços. Não é se meter nos grandes assuntos da nação. O fato é que esses grandes assuntos estarão sempre além da compreensão de gente como você e eu, e aqueles de nós que desejem atingir nosso nível devem entender que o que melhor fazemos é nos concentrar naquilo que é da nossa alçada; ou seja, devotar toda a atenção a prover o melhor serviço possível àqueles grandes cavalheiros em cujas mãos repousa de fato o destino da civilização. [...] Com efeito, as palavras de Mr. Harry Smith esta noite muito me lembraram o tipo de idealismo sem rumo que assolou setores significativos de nossa geração ao longo dos anos 20 e 30. Refiro-me àquela tendência de opinião que sugeria que qualquer mordomo com aspirações sérias deveria assumir a atitude de reavaliar eternamente seu patrão, esquadrinhando suas motivações, analisando as consequências de suas posições. Só dessa forma, rezava o argumento, podia-se estar certo de ter as próprias capacidades empregadas para um fim desejável. [...] Na verdade, eu seria o último a defender que se dedique a própria lealdade descuidadamente a qualquer dama ou cavalheiro que empregue o profissional por algum tempo. Porém, se um mordomo quer ser de alguma valia para algo ou para alguém na vida, chegará por certo o momento em que se encerrará sua busca; um momento em que terá de dizer a si mesmo: “Esse patrão incorpora tudo o que eu acho nobre e admirável. Portanto, me devotarei a servi-lo”. Isso é lealdade *inteligente*. O que existe nisso de “indignidade”? Trata-se apenas de aceitar uma verdade inescapável: que gente como você e eu nunca estará em posição de compreender as grandes questões do mundo de hoje, e nosso melhor rumo será sempre depositar confiança num patrão que julgemos sábio e honrado,

devotando nossas energias à tarefa de servi-lo com o melhor de nossa capacidade. [...] O que existe de “indigno”, o que existe de culpável em tal atitude? Como é possível que alguém atribua culpa em qualquer sentido porque os esforços de Lord Darlington eram mal orientados, tolos mesmo? Ao longo de todos os anos em que o servi, foi ele e só ele quem avaliou os argumentos e julgou melhor agir como agiu, enquanto eu apenas me limitava, com toda a propriedade, a assuntos que estavam dentro do meu campo profissional. E, no que me diz respeito, desempenhei minhas funções o melhor que pude, dentro de um padrão que muitos poderiam considerar de “primeira classe”. Não é culpa minha se a vida e a obra de Lord Darlington hoje parecem, na melhor das hipóteses, um desperdício, e é muito ilógico que eu sinta qualquer pena ou vergonha por mim mesmo. (VESTÍGIOS, p. 220-222; REMAINS, p. 209-211)

Stevens expressa essa diferença entre as gerações na ideia de que, para os contemporâneos de seu pai, a carreira seria como uma escada em cujo topo se encontrariam os altos estratos da nobreza de sangue, enquanto sua própria geração perceberia o mundo como um círculo e tentaria se situar o mais próximo possível do centro desse círculo, de onde as grandes decisões seriam tomadas (VESTÍGIOS, p. 130-132; REMAINS, p. 120-122). O fim definitivo da carreira de William Stevens é marcado justamente pela queda sofrida em uma minúscula escada de acesso a uma sala (VESTÍGIOS, p. 79; REMAINS, p. 69). Depois do incidente, o velho mordomo é visto por seu filho e por Miss Kenton reencenando o acidente e examinando o chão “como se tivesse perdido uma joia” (VESTÍGIOS, p. 62; REMAINS, p. 52). Após esse estudo e ao saber que a queda lhe renderia uma redução considerável de suas atribuições, Williams Stevens afirma que o problema estaria justamente no degrau, que precisaria ser consertado urgentemente para que mais ninguém caísse nele.

Adaptar o significado de nobreza, operando uma mudança semântica que substitui sangue por atitudes, é uma forma de garantir a sobrevivência dos antigos valores, ainda que radicalmente alterados. As duas acepções, no entanto, trazem problemas para Stevens, porque nem seu pai serviu a um nobre no sentido aristocrático do termo, nem ele, Stevens, serviu a um nobre no sentido moral do termo, e hoje o narrador serve a um americano para quem nenhum dos sentidos parece se aplicar, um sujeito que está simplesmente fora desse escopo. Em um balanço de sua vida, Stevens precisa se reconciliar com o fato de que todo o seu esforço foi direcionado a um projeto que não era nobre, uma vez que ele depositou sua lealdade no lugar errado. Aliado a isso está o fato de que a intensificação do capitalismo trazida pela Segunda Guerra esvazia de vez a bolha residual em que o narrador passou a maior parte de sua vida, tornando tudo ao seu redor uma mera fachada de si. A casa permanece, mas como fachada. Ele próprio permanece mordomo, porém num cargo esvaziado do sentido que

ele lhe atribuía. Tornar-se uma fachada é o oposto da ambição do mordomo de transfigurar-se nas vestes, daí seu desconforto com o novo papel que lhe é designado.

A palavra que esconde

Trata-se de um narrador com profunda dificuldade em entender seu próprio tempo. Embora obviamente reconheça algumas mudanças na profissão e no modo de vida que vinha levando, ele não parece aquilatar a extensão e o significado dessas mudanças. A essa dificuldade de compreensão alia-se uma autoilusão consciente e uma eufemização das coisas para preservar sua imagem tanto diante de si mesmo quanto do narratário. Nesse aspecto, o uso da linguagem é fundamental. Stevens encarna como poucos a ideia de que “a palavra foi dada ao homem para esconder seu pensamento” (STENDHAL, 2002, p. 99)⁹. Tudo em sua fala é mais implícito do que dito, assuntos são deixados de lado e amarrados muitas páginas depois, e Stevens toma por incertas coisas que lhe foram ditas diretamente. A uma seleção dos acontecimentos do passado e às perdas naturais da memória soma-se um escamoteamento calculado dos fatos, e o uso que ele faz do inglês é estranho e antinatural por lançar mão de uma linguagem que lhe soe mais rebuscada e que despersonalize ações e opiniões — uma estratégia discursiva de polimento que também é muito útil para naturalizar opiniões e desculpabilizar sujeitos. Narrador evasivo e não confiável, é difícil definir até que ponto suas falhas de memória e de entendimento são sinceras ou fruto da negociação que ele trava com a realidade. Aquilo que Stevens coloca como novas condições, por exemplo, na verdade não são novas: é ele que está digerindo as mudanças tardiamente. No entanto, como esse narrador subsume a vida pessoal e a própria história ao discurso que ele monta sobre elas, Ishiguro cria uma estratégia autoral de construir um discurso nas frestas: a despeito do que Stevens diz, algo se insinua não nas entrelinhas, mas no que ele diz mesmo.

Stevens narra a vida dele como se tudo estivesse sob controle. Sua fala é um eterno antecipar, planejar, uma constante previsão, leitura de conjuntura, observação de padrões e análise do comportamento alheio geralmente falhas, exageradas, inócuas, mas que organizam o modo como ele se coloca no mundo. Ele vai viajar, mas antes precisa providenciar uma série de preparativos. Para falar qualquer coisa, para abordar um assunto doméstico trivial, é

⁹ A frase aparece na epígrafe do capítulo XXII de *O Vermelho e o Negro* e é erroneamente atribuída ao missionário italiano Gabriel Malagrida, sendo, na verdade, de autoria do bispo francês Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord.

preciso escolher um momento específico do dia no qual o patrão geralmente encontra-se no estado de espírito correto para ouvir aquela demanda. Isso de modo algum significa que Stevens seja um manipulador deliberado, um *Dom Casmurro*, por assim dizer. Este é um personagem que subsume a vida ao discurso. Ao mesmo tempo que reelabora seu planejamento de pessoal, Stevens tenta implementar seu planejamento pessoal: um regime disciplinar através do qual sua pessoa pretende se transformar naquilo que ele acha que deve ser. Esse planejamento pessoal remonta de longa data na vida do personagem e se constitui através de um discurso completamente controlado e da ambição de subsumir sua individualidade às vestes de mordomo, de aniquilar-se em nome desse ser profissional. Para Stevens, ser mordomo é uma condição na qual a pessoa desaparece.

O problema desse personagem é o novo planejamento de pessoal e o discurso dele para um suposto outro a quem ele transmite uma espécie de versão elevada de um momento tenebroso das vinculações. Com das férias que lhe foram impingidas, Stevens tenta resgatar — por via da ilusão do resgate de Miss Kenton — o que Darlington Hall havia sido como forma de planejar um futuro menos paródico e horrendo do que seu presente com o habitante americano. A vida dele está controlada por um discurso que lhe permite, diante de novas e desfavoráveis condições, achar alguma brecha para tentar reconstruir uma coisa que não existe mais, mas que surge em suas evocações. Ao fazer isso, esse controle do discurso se torna um exercício radical do planejamento pessoal, algo que não é novo na história desse personagem e que já se nota na ascensão do pai até ele, nos planejamentos noturnos entre ele e a governanta, no modo como administra sua relação com os patrões. A pessoa de Stevens está subsumida ao plano que ele estabeleceu para ela, e sua não confiabilidade começa a dar pistas justamente quando o plano sofre um ocaso (a viagem) e ele começa a fazer coisas inauditas para ele: a passear pelos campos, a encontrar com pessoas que lhe dizem coisas nas quais ele nunca pensou, a ter que lidar com o carro que para por motivos esquisitos (aqui, nosso grande planejador não consegue sequer prever que o veículo precisa ser abastecido, que é necessário colocar água no radiador [VESTÍGIOS, p. 178-179; REMAINS, p. 168-169]). Nesse momento, o planejamento da pessoa dele começa a sucumbir à experiência vital dele. Mas Stevens se mantém. Cambaleia em um momento ou outro, mas não cede à experiência. É um personagem vivendo um momento crítico de um longo projeto de anulação pessoal.

O corpo como obstáculo

Uma das formas através das quais Ishiguro constrói a não confiabilidade de seu narrador é criando um conflito entre o estado emocional que Stevens relata ter vivenciado em determinada situação e o testemunho dado por seu próprio corpo e observado por outros personagens ou até por ele mesmo, em tom de estranhamento, ou o modo como Stevens busca explicações para seus próprios comportamentos repetidos — marcadamente, para a negação de suas relações com o lorde — como se estivesse analisando as ações de outra pessoa (VESTÍGIOS, p. 138; REMAINS, p. 128). Essa contradição entre corpo e fala ocorre, por exemplo, na cena em que, logo após ter sido informado do AVC de seu pai, Stevens encontra-se servindo os convidados da conferência quando Lorde Darlington percebe que ele estava chorando, algo que o próprio Stevens não havia percebido:

Fui servir o vinho do Porto a outros convidados. Ouvi uma grande gargalhada atrás de mim, e o sacerdote belga exclamou: “Isso é heresia. Heresia de fato!” e riu alto para si mesmo. Senti algo tocar meu cotovelo e, ao me voltar, vi Lord Darlington.

“Stevens, você está bem?”

“Estou, sim, senhor. Muito bem.”

“Você parece estar chorando.”

Ri e, tirando um lenço, enxuguei depressa o rosto.

“Desculpe, senhor. É a pressão de um dia difícil.”

“É, foi muito trabalho.” (VESTÍGIOS, p. 120; REMAINS, p. 109-110)

Nessa cena, o corpo do mordomo nos dá informações que ele próprio desconhecia, relativizando seu autocontrole¹⁰. O controle do corpo e a capacidade de fazer com que esse corpo não envie mensagens acerca do estado de espírito de seu dono é algo que o pai de Stevens dominava com maestria, como ocorre na cena em que, ao ser informado pelo filho da redução de suas tarefas, Williams Stevens mantém uma expressão imóvel e mesmo suas mãos, que seguravam uma cadeira, não fazem nenhuma pressão adicional (VESTÍGIOS, p. 79; REMAINS, p. 69). A capacidade de Williams Stevens de fazer com que seu corpo comunicasse exatamente o que ele queria também é destacada na cena em que ele reprime

¹⁰ Outro detalhe interessante da cena do choro é como a fala do clérigo belga ao fundo (“Isso é heresia! Heresia de fato!”) e, principalmente, o fato de Stevens se lembrar dessa fala e registrá-la em seu relato tantos anos depois, funcionam como um comentário (quase como o comentário do coro em uma tragédia grega) das ações do mordomo e da forma como ele lida com a morte iminente de seu pai.

comentários jocosos contra seu patrão de maneira ameaçadora, mas completamente sem palavras (VESTÍGIOS, p. 50; REMAINS, p. 40), usando para isso tão somente sua presença física. Posteriormente, o modo como o corpo deixaria de obedecer a seu dono também marca sua decadência, a exemplo da queda sofrida pelo mordomo e da fraqueza nas mãos e coriza no nariz que o afastariam de vez da função de servir o jantar (VESTÍGIOS, p. 72; REMAINS, p. 62).

Dignidade é não tirar a roupa

O planejamento pessoal do mordomo elide o corpo como forma de subjugar a pessoa à função, às vestes de mordomo. O objetivo é que o ser profissional não seja uma máscara, mas a própria face remodelada do sujeito. Para Stevens, um mordomo de verdade nunca tira a roupa em público: só o faz quando está completamente sozinho (VESTÍGIOS, p. 54; REMAINS, p. 43-44). Mas o que há debaixo dessa roupa que é finalmente arrancada? Se o objetivo do mordomo for completamente satisfeito, não haverá nada além de um corpo morto e atrofiado. Nesse sentido, a paralisia que acomete o pai é o ápice que antecede a derrocada: é a transformação completa do mordomo em estátua. Também nesse sentido, o corpo vivo de Miss Kenton — que é impulsiva, que é vivaz, que quer levar flores à saleta do mordomo (VESTÍGIOS, p. 183; REMAINS, p. 173) — atua com o grande elemento contra o qual Stevens precisa se encourçar.

E permita que eu coloque o seguinte: “dignidade” tem a ver essencialmente com a capacidade de um mordomo de não abandonar o ser profissional que ele habita. Mordomos menores abandonam seus seres profissionais em prol da vida pessoal à menor oportunidade. Para essas pessoas, ser mordomo é como desempenhar um papel numa pantomima; um pequeno empurrão, um ligeiro tropeço e a fachada despenca, revelando o ator que há por baixo dela. O grande mordomo é grande em virtude de sua capacidade de habitar seu papel profissional — e de habitá-lo até o fim. Não se deixa abalar por acontecimentos externos, por mais surpreendentes, alarmantes ou constrangedores que sejam. Veste seu profissionalismo como um cavalheiro decente veste seu terno: não permitirá que baderneiros ou circunstâncias o arranquem dele em público; só se desfará do traje quando — e apenas quando — quiser fazê-lo, e isso será decerto quando estiver inteiramente sozinho. Trata-se, como disse, de uma questão de “dignidade”. (VESTÍGIOS, p. 54; REMAINS, p. 43-44)

Outra forma de construção da não confiabilidade é feita a partir da reiterada cisão entre as avaliações, expectativas e previsões de Stevens e o que se dá na realidade, ou na réplica dos demais personagens. Ao longo da viagem, Stevens lê e relê a carta de Miss Kenton diversas vezes (VESTÍGIOS, p. 19; REMAINS, p. 10), apresentando ao leitor pequenos trechos que comprovariam determinada interpretação feita por ele, em geral, a interpretação de que ela largou o marido e deseja voltar a ser governanta da casa, de onde se arrepende de ter saído (VESTÍGIOS, p. 18; REMAINS, p. 10). Quando os dois finalmente se encontram, no entanto, fica claro que seu entendimento da carta foi equivocado. Miss Kenton escreveu ao narrador em um momento de frustração com sua própria vida, mas não tem nenhuma intenção de retornar a Darlington Hall e seu casamento, que ele dava por finalizado, na verdade havia sido retomado (VESTÍGIOS, p. 255-256; REMAINS, p. 245-246). Através da carta de Miss Kenton, Ishiguro mobiliza um recurso que foi amplamente utilizado nas narrativas do século XVIII como forma de conferir credibilidade ou de permitir que o leitor tivesse acesso a outro ponto de vista (BRAY, 2003), mas o faz de um jeito que já não garante nem uma coisa nem outra. A falta de entendimento de Stevens, sua subjetivação dos fatos e sua leitura peculiar das coisas são tão eficientes que a carta da personagem não mostra absolutamente nada da personagem, somente do narrador, que nos entrega frases isoladas como se formasse um fluxo, manipulando pequenos trechos para que eles confirmem (e nem assim confirmam tanto) suas expectativas.

No café de hotel onde se encontram ao fim da viagem, Stevens e Miss Kenton trocam lembranças e informações a respeito de antigos colegas de trabalho em um diálogo em que fica clara, tanto ao leitor quanto à governanta, a extensão da ilusão de Stevens. Nesse encontro, ela revela que sempre nutriu um interesse afetivo pelo amigo e que seu próprio casamento e conseqüente abandono da profissão na época foram apenas formas de atrair sua atenção (VESTÍGIOS, p. 261; REMAINS, p. 251). Hoje, no entanto, está razoavelmente feliz e ama o marido, com quem teve uma filha. Diante dessas declarações, Stevens é extremamente arreado e não se compromete com essas confissões, não revelando se ele próprio lamenta não ter tido uma relação com a ex-colega. Posteriormente, no entanto, quando já está longe de Miss Kenton, o narrador reconhece que o encontro partiu seu coração (VESTÍGIOS, p. 262; REMAINS, p. 252)¹¹.

Debaixo dos panos

¹¹ Nessa cena, é interessante notar como ele, que pretendia conduzi-la de volta à casa, acaba conduzindo-a de volta à casa do marido.

Apesar da dimensão amorosa sugerida entre o mordomo e a governanta, a ideia de amor concretizado, de casamento, não se coloca claramente para o narrador por implicar uma não anulação, ter uma vida pessoal, algo incondizente com o exercício de sua profissão tal como ele a concebe. O amor do narrador por Miss Kenton é antes a prova de como ele conseguiu recalcar seus sentimentos, sufocando-os em seu traje de mordomo. No fim, o que Stevens queria era ter vivido exatamente a vida que viveu, porém servindo a um nobre que tivesse colaborado para o bem comum. Seu ar de arrependimento não se deve tanto ao fato de não ter constituído família, cultivado experiências pessoais, viajado pelo país, mas sim ao fato de ter cometido *um* pequeno erro: escolhido como patrão um nobre sem discernimento. Como seu objetivo de servir a um nobre de atitudes nobres falhou, ele agora se volta ao americano como uma última chance de se enganar de que é possível levar seus anos finais reproduzindo ao menos uma parte da vida que levava anteriormente. Sua tentativa é a de servir ao americano como se ele fosse um novo lorde — excêntrico, insuficiente, mas não radicalmente diferente.

Quase todos os críticos parecem depositar um peso excessivo na importância de Miss Kenton para o narrador, lendo sua participação na história na chave de um amor não concretizado que constituiria “o grande desgosto de sua vida” (SCANLAN, 1993, p. 147). Embora a importância da personagem seja evidente — ela é o destino e o impulso da viagem —, na nossa leitura a ilusão a respeito do retorno da governanta é, sobretudo, uma tentativa de recompor a configuração da casa em seu tempo áureo e, secundariamente, uma tentativa de estabelecer uma interlocução e de repor a ilusão de que aquela forma de vida atingiu um equilíbrio reproduzível. Stevens acha que vai até a Cornualha para resgatar Miss Kenton à casa. Que eles então retomarão a relação profissional e de amizade que mantinham vinte anos antes, cuidando daquela propriedade centenária e tomando chocolate quente na ala dos criados à noite enquanto debatem longamente algum aspecto do funcionamento de Darlington Hall (VESTÍGIOS, p. 165-166; REMAINS, p. 155-156). Ele não percebe ou não parece perceber que Darlington Hall na prática já não existe: não existe Lorde Darlington, não existe aquele modo de vida e não existem mais criados como eles eram. Stevens é apenas um resquício de um mundo perdido, um resíduo de um modo de vida também residual, e Miss Kenton teme por seu futuro enquanto se considera relativamente segura e bem realizada em sua própria vida.

As duas portas

O destino do personagem é selado em uma longa passagem em que as duas portas de sua vida se fecham diante de si. Isso acontece em 1936, quando, num mesmo dia, Miss Kenton se demite do cargo para se casar (VESTÍGIOS, p. 239; REMAINS, p. 229) e Lorde Darlington recebe o primeiro-ministro, o ministro de Relações Exteriores da Inglaterra e o embaixador alemão Joachim von Ribbentrop para uma reunião na qual tenta convencer o primeiro-ministro de que ele e até o próprio rei Eduardo VIII deveriam marcar com encontro com Hitler (VESTÍGIOS, p. 242-246; REMAINS, p. 232-236). Nesse dia, Mr. Cardinal, um jovem jornalista que era afilhado de Lorde Darlington, chega a casa de surpresa para tentar impedir que o padrinho prossiga com o plano. Frustrado em sua tentativa, Cardinal pergunta a Stevens se ele não percebe o que está acontecendo e afirma que a passividade do mordomo seria uma deslealdade com o próprio patrão e com o país, uma vez que ambos seriam levados à desgraça (VESTÍGIOS, p. 243-245; REMAINS, p. 233-235).

No dia de sua demissão, Miss Kenton busca chamar a atenção de Stevens de diversos modos (VESTÍGIOS, p. 239-240; REMAINS, p. 229-230). O mordomo, no entanto, encontra-se ocupado demais com a reunião do patrão. Nesse dia de 1936 é como se duas portas se fechassem definitivamente diante de Stevens: a porta de uma vida pessoal, da possibilidade de uma realização individual através do casamento com Miss Kenton (algo que, embora nunca tenha sido seu plano, ao menos seria *um* plano); e a porta do serviço digno a um patrão que valesse a pena, cuja própria grandeza e dignidade justificassem a anulação da pessoa do mordomo e lhe conferissem grandeza. Atrás de uma dessas portas, o narrador acredita que Miss Kenton esteja chorando (VESTÍGIOS, p. 232; REMAINS, p. 222). Atrás da outra, o patrão sela seu destino de pária colaboracionista. A partir disso, não existe racionalização possível para o autocontrole do mordomo, que consiste em não abrir nenhuma dessas portas, deixando que os acontecimentos se desenvolvam por detrás delas sem tomar parte.

A partir disso, as desculpas de Stevens também ficam ainda mais precárias. Seu argumento de que não teria capacidade, de que emitir julgamento sobre matérias tão complexas sequer estaria ao seu alcance, fica prejudicado pelo fato de que tanto Miss Kenton no episódio da demissão das empregadas judias quanto Mr. Cardinal no episódio da reunião com o primeiro-ministro tentaram lhe abrir os olhos. No dia da reunião, o rapaz diz a Stevens que fez “uma grande investigação” e que conhece “a situação da Alemanha agora tão bem quanto qualquer pessoa deste país” (VESTÍGIOS, p. 243-244; REMAINS, p. 233), como

quem diz que o assunto não é de uma complexidade inatingível e que seu entendimento não está restrito a um pequeno círculo.

Essa percepção *a posteriori* do momento em que as portas são fechadas é pronunciada logo no começo da narrativa, quando, ao explicar seus problemas com o *staff plan*, Stevens esclarece que “if in the present case the staff plan is at fault, blame can be laid at no one’s door but my own”¹², não sem acrescentar que “it is only fair to point out that my task in this instance had been of an unusually difficult order” (VESTÍGIOS, p. 14; REMAINS, p. 6). Quer dizer, a percepção de culpa de Stevens, o fato de que as coisas e pessoas saíram de seus lugares, de que a equipe da casa foi desfalcada, deve-se, em sua opinião, à omissão do mordomo, à sua não interferência.

Nesse contexto de um balanço do passado e da constatação de que seu plano de ser um grande mordomo que serviria à humanidade através do serviço a um grande senhor falhou, Stevens começa a se abrir para sentimentos até então eficientemente reprimidos, a exemplo de seu sentimento por Miss Kenton. Nesse sentido, a subjetividade do mordomo se apresenta como uma realidade interna que, assim como a externa, também o desilude, e é por isso que seu coração é partido não no momento em que Miss Kenton deixa a casa para se casar, mas vinte anos depois, quando fica claro para ele que teria havido outro caminho a ser seguido.

Após o encontro com Miss Kenton, Stevens segue para Weymouth, onde assiste ao pôr-do-sol em um píer e conhece um ex-mordomo com quem discute sobre como funcionavam as casas de antigamente e sobre a velhice (VESTÍGIOS, p. 263-266; REMAINS, p. 252-256). O ex-mordomo diz que eles dois estão no crepúsculo da vida, no momento em que podem colher os frutos de seu trabalho e aproveitar um pouco o que lhes resta. Trata-se de uma chave extremamente melancólica para o narrador, que se anulou pessoalmente em nome de uma carreira com a qual supunha influenciar em um plano mais amplo, mas cuja influência, se existiu, foi desastrosa.

O discurso de Stevens se organiza como uma tentativa de reordenamento a fim de restabelecer aquilo que o narrador enxerga como a normalidade da casa. Para isso, Stevens emprega toda sua experiência para fazer justamente aquilo que o patrão americano havia ordenado. Isto é, manter a casa funcionando da melhor forma possível sob uma nova lógica, uma lógica de contenção (VESTÍGIOS, p. 14-17; REMAINS, p. 6-9). O relato inteiro pode ser lido como o traçado de um novo *staff plan* no qual Stevens decide quem agora assume

¹² “E se neste caso o planejamento de pessoal está deficiente, a culpa por isso não deve ser atribuída a ninguém além de mim. Ao mesmo tempo, seria justo afirmar que a tarefa, nesse caso, foi de caráter excepcionalmente difícil.”

cada função, quem desempenhará cada papel, até que ponto suas tarefas de mordomo serão “ampliadas muito além da função tradicional” (até o ponto de ocupar o lugar de senhor?), quais partes “mais atraentes” da casa serão preservadas e quais serão interditadas (VESTÍGIOS, p. 16-17; REMAINS, p. 8). Para isso, ele vai e volta nos conceitos tentando redefini-los, fazer caber, abrir mão dos conceitos menos atraentes — ainda que constitutivos da antiga ordem — mantendo os mais atraentes, promovendo substituições, subsunções, descaracterizações e modulações a fim de fazer o antigo caber no novo. Essas idas e vindas nos conceitos, aparando arestas para que caibam na nova ordem, transpõem no plano da narrativa o reordenamento do mundo exterior. Trata-se de uma reorganização para que a casa caiba nos novos orçamentos, modelos e expectativas, para que os mordomos caibam nas novas funções e estratificações, para que alguma espécie de dignidade se disfarce sorrateira em um canto ainda não varrido pelo horror da vulgaridade e do triunfo do dinheiro. Stevens precisa de um novo planejamento de pessoal porque está vivendo em circunstâncias novas, mas ele não mudou, portanto, quer subsumir as condições novas a uma prática que se cristalizou nele. Para isso, ele quer impor um discurso que mantenha o novo como se fosse o velho, quer um planejamento da vida nova segundo os modelos antigos. Isso é feito, por exemplo, através da manutenção de uma elegância formal no vestir e no falar e da tentativa de manutenção do padrão da casa em uma situação em que já não há nem demanda desse padrão por parte do patrão nem condições materiais e simbólicas de reproduzi-lo. Em certa medida, sua estratégia funciona, mas há vazamentos. Primeiro vazamento: a comicidade contida na dignidade quase *clownesca* desse protagonista em oposição ao humor da vulgaridade, do rebaixamento do outro apresentado pelo patrão americano.

O paradigma da mordomia

O mordomo é, por excelência, o zelador da permanência. O objetivo de seu trabalho é colocar as coisas em seus devidos lugares, é fazer com que o ciclo do dia se complete com tudo em seus lugares. Agora, no entanto, as coisas saíram definitivamente de seus lugares e o mordomo toma para si a função de restabelecer posições em um espaço menor, diferente, onde não haverá lugar possível para todas as antigas coisas, valores e pessoas. Ele era o coordenador da casa, agora assume a função de agente ao operar uma transformação que o coloca como um ser do novo mundo, capaz de pensar a casa, de ressignificar a si mesmo e ao mundo exterior, de decidir e negociar o que vai e o que fica. A ironia é que ele faz todo esse

movimento na ilusão de voltar a um estado de coisas em que podia não ser indivíduo, em que podia terceirizar a responsabilidade das escolhas.

A função do mordomo é deixar tudo em seu devido lugar e isso se reflete na tentativa do personagem de recolocar também as pessoas em seus devidos locais. Sua atividade consiste em uma representação da estratificação social das sociedades estamentais. Aquele que deixa tudo em seu devido lugar é uma representação consistente de um mundo em que existe ordenação fixa. Quando as coisas saem do lugar, no entanto, o mordomo insiste no cumprimento de sua antiga função, agora em um terreno tão movediço que a própria Inglaterra está saindo do lugar, deixando sua posição de “Great Britain” ao perder as colônias e a centralidade do mundo para os Estados Unidos.

Stevens quer repensar a casa para que ela volte a funcionar do modo mais parecido possível com uma época em que ele podia se negar como indivíduo. Para fazer isso, no entanto, ele tem que assumir mais do que nunca a postura do indivíduo, tem que agir por conta própria, sem costumes estabelecidos, uma roda de criados, uma revista, uma organização de mordomos, um lorde, uma governanta por trás. Nesse sentido, seu relato não é tanto — ou não é a princípio — o relato de um indivíduo que avalia sua trajetória pessoal. A autoavaliação, o olhar para si e para o plano individual da existência surge no desenrolar desse processo de salvamento da casa e de embate com o mundo exterior. É algo que se infiltra e se impõe.

Embora tente se colocar como um mordomo tradicional, Stevens é tudo, menos tradicional. Trata-se de um personagem da incorporação e do ajuste comum a qualquer tradição que se pretenda duradoura. O discurso de Stevens é uma colcha de retalhos na qual ele incorpora fragmentos frequentemente contraditórios oriundos de lados opostos e de falas de outros personagens. Aqui temos parte da rigidez estamental da Sociedade Hayes, para quem a dignidade consiste na permanência em seu lugar. Temos ideias Iluministas a respeito do progresso de um coletivo indistinto chamado “humanidade” e da necessidade de um contínuo esforço de aperfeiçoamento pessoal, algo que pode ter sido retirado das muitas enciclopédias de Darlington Hall ou do modo como o próprio Lorde Darlington é por vezes pintado como um humanista. Temos “a propensão a traçar paralelos militares em relação a uma ampla variedade de assuntos” (VESTÍGIOS, p. 53; REMAINS, p. 42), herdada do General responsável pela morte de seu irmão. Temos a formulação a respeito dos pequenos erros que nada significam em si, mas que podem indicar algo maior, e até mesmo o diagnóstico de que a causa desses erros seria estafa, excesso de tarefas (implicitamente, idade), ambos vindos de Lorde Darlington ou de Miss Kenton (VESTÍGIOS, p. 72-76;

REMAINS, p. 61-65). Temos a ideia de que o mundo teria atingido um grau de complexidade que simplesmente impossibilitaria sua compreensão por determinadas pessoas, sejam elas aristocratas amadores ou homens comuns, algo que surge no discurso de Mr. Lewis no encerramento da conferência (VESTÍGIOS, p. 117; REMAINS, p. 106-107) e nas perguntas humilhantes de Mr. Spencer (VESTÍGIOS, p. 215-220; REMAINS, p. 204-209). Temos o brinde ao profissionalismo erguido por Mr. Lewis e o contrabrinde à honra proposto por Lorde Darlington (VESTÍGIOS, p. 118; REMAINS, p. 107). A inteligência de Stevens reside menos em formular suas próprias opiniões do que em remodelar, aparar arestas e fazer de tudo para manter o máximo possível do que era. Mesmo no final do livro, quando o narrador enfim questiona que dignidade haveria em servir cegamente e afirma que, ao contrário dele, Lorde Darlington ao menos teria cometido seus próprios erros, essa reflexão soa antes a uma repetição do discurso de Harry Smith do que a uma conclusão própria (VESTÍGIOS, p. 266; REMAINS, p. 255-256).

Um romance do deslocamento

Tudo encontra-se deslocado. Os demais personagens falam uma coisa e Stevens desloca, transforma em outra. O lorde, com os nazistas, está deslocado. O norte-americano está deslocado na casa, o narrador está deslocado na viagem, o pai está deslocado numa função menor, sendo chamado do jeito errado, Miss Kenton está deslocada na casa do marido, o tigre está na sala, a Inglaterra está fora do centro, o sapato não se encaixa no pé do francês. Todo mundo parece estar no lugar errado. As coisas não estão onde elas têm significado, estão em outro lugar. Trata-se de um deslocamento tanto temporal quanto espacial. Isso em um universo peculiar onde a casa só pode funcionar quando tudo está em seu devido lugar, onde existe o horário do jantar, o minuto certo de encher as taças de vinho. As coisas, fora do lugar delas, se transformam em outras.

As pessoas falam algo, expõem uma ideia, um conceito, e Stevens desloca esses conceitos para incorporá-los de maneira desajustada em seu próprio discurso, onde essas ideias passam a significar outra coisa. O profissionalismo que, no discurso do senador americano (VESTÍGIOS, p. 117; REMAINS, p. 106-107), significa manter um aparato de Estado apartado das paixões pessoais e que age por interesses nacionais pragmáticos, no discurso de Stevens é se deixar humilhar pelo convidado do patrão (VESTÍGIOS, p. 217; REMAINS, p. 206), é espionar os convidados da casa e disfarçar isso como procedimento

normal de um mordomo para não atrapalhar a conversa (VESTÍGIOS, p. 109; REMAINS, p. 98), é demitir as empregadas judias e taxar a oposição de Miss Kenton como falta de profissionalismo (VESTÍGIOS, p. 167; REMAINS, p. 157). Analisando suas posturas, Stevens não é um profissional, não enxerga sua atividade como uma profissão, como um meio de vida, mas como uma carreira do espírito, como um modo de ser, de se organizar, de organizar sua linguagem.

A distinção que, na carta da Sociedade Hayes (VESTÍGIOS, p. 42-43; REMAINS, p. 32-33), significa pertencimento à nobreza, para Stevens vai significar primeiramente e apenas segundo ele próprio uma grandeza moral (VESTÍGIOS, p. 130; REMAINS, p. 120), mas, na prática, em seu discurso, significa tão somente poder e, mesmo no presente de narrativa, o narrador usa o termo “distinto” para qualificar o embaixador nazista Joachim von Ribbentrop (VESTÍGIOS, p. 247; REMAINS, p. 236), para descrever os participantes da conferência de Darlington Hall (VESTÍGIOS, p. 90; REMAINS, p. 80), para avaliar a própria Darlington Hall enquanto pertencia a Lorde Darlington (VESTÍGIOS, p. 143; REMAINS, p. 133).

Mas não são somente as palavras que se encontram deslocadas. O padrão está deslocado em meio aos nazistas — ao menos o padrão que Stevens cria para ele. Porque são dois Lorde Darlington distintos: aquele que se vinculou ao espúrio e que teve sua memória conspurcada e aquele que foi preservado e que o narrador constitui em sua memória. O Lorde Darlington de Stevens é um homem corajoso, digno, nobre, com ideias próprias, que comete seus próprios equívocos. Um verdadeiro cavalheiro que, mesmo quando comete erros, como no caso das empregadas judias, volta atrás, tenta uma reparação (VESTÍGIOS, p. 169-170; REMAINS, p. 159). Stevens já encontrou uma conciliação com esse Lorde Darlington que ele preserva, o problema é quando pessoas externas (a convidada americana, o empregado que lhe ajuda a consertar o carro) o confrontam com a imagem de um Lorde Darlington da opinião pública: aquele que se associou aos nazistas e que já não goza de nenhum respeito social¹³. É a esse Lorde Darlington que Stevens nega ser vinculado.

A passagem em que fala sobre as roupas disponíveis para a viagem é bastante elucidativa desse processo constante de adaptações empreendido pelo mordomo. Há um terno que é perfeito em termos de tom, mas que lhe fica pequeno. Outro não faria feio em nenhum jantar, mas parece antiquado. Com o material disponível — ora apertado, ora mofado, jamais

¹³ Mas quem seria o Lorde Darlington “real”? Ao menos o Lorde Darlington que surge atuando diretamente nas memórias de Stevens, é um pateta. Alguém que está constantemente sendo influenciado pelos outros (VESTÍGIOS, p. 163-164; REMAINS, p. 153-154), que não consegue sequer fazer um discurso articulado em um jantar (VESTÍGIOS, p. 113-114; REMAINS, p. 103), que não intercede em favor de seu empregado mesmo quando considera errado o posicionamento de seu visitante (VESTÍGIOS, p. 217-218; REMAINS, p. 206), que se deixa levar, que se transforma em um fantoche dos nazistas (VESTÍGIOS, p. 244; REMAINS, p. 233).

feito especificamente para ele ou para aquela finalidade — o mordomo faz o seu melhor, junta os cacos da forma mais consistente possível:

Possuo muitos ternos esplêndidos, gentilmente ofertados ao longo dos anos por Lord Darlington em pessoa e por diversos convidados que se hospedaram na casa e tiveram motivos para ficar satisfeitos com os serviços daqui. Muitos desses ternos são, talvez, formais demais para a finalidade dessa viagem, ou, talvez, antiquados demais para os dias de hoje. Mas há um traje de passeio que me foi dado em 1931 ou 1932 por Sir Edward Blair, praticamente novo na época e quase perfeito no corpo, que poderá ser apropriado para a noite em qualquer salão ou sala de jantar de qualquer hospedaria onde eu venha a me alojar. O que eu não tenho, porém, é roupa adequada para viajar, quer dizer, uma roupa para usar enquanto dirijo o carro, a menos que use o terno que me foi dado pelo jovem Lord Chalmers durante a guerra, um traje que, embora evidentemente pequeno para mim, pode ser considerado ideal em termos de tom. (VESTÍGIOS, p. 19; REMAINS, p. 11)

Onde estamos e que horas são

Ishiguro se vale de personagens que estão em uma espécie de última trincheira de um modo de vida derrotado para discutir temas como responsabilidade individual e a conciliação com seu próprio papel na história, e para comentar questões como o embate entre a cultura aristocrática residual e os valores burgueses hegemônicos. O uso de personagens que se vinculam a outro regime de crenças permite que o autor discuta essas questões em um romance que se passa em um período em que essas mudanças já aparentavam estar efetivadas.

O uso de matéria histórica em *Os Vestígios do Dia* é tão óbvio, no sentido de que o mais desatento dos leitores pode detectá-lo, quanto complexo no sentido de determinar qual seria sua função na narrativa. Esse não é um romance que simplesmente “se passa” no entreguerras, ao modo como um drama burguês poderia usar uma locação histórica qualquer como pano de fundo sem que isso interferisse consideravelmente no cerne da obra. Também não é, por óbvio, um livro que se destine a ilustrar, mimetizar ou a tornar o estudo de grandes eventos do século XX mais palatável, empacotando-os em uma trama ficcional.

Se é verdade que — com exceção dos romances inespecíficos ou que criam um universo ficcional mais ou menos do zero —, uma história sempre precisaria se passar em algum tempo e lugar e os personagens sempre precisariam ter alguma vinculação social mínima, também é certo que nada obriga uma obra a incorporar tantas figuras históricas, às

vezes como personagens absolutamente secundárias, ou a explicitamente se situar em épocas tão específicas, trazendo uma grande quantidade de detalhes significativos do ponto de vista histórico. Quando Stevens afirma que ganhou um terno de presente de um visitante de Darlington Hall (VESTÍGIOS, p. 19; REMAINS, p. 11), por exemplo, o visitante, jamais mencionado posteriormente, é Lorde Chalmers, um estudioso das culturas pali e budista que se dedicou a traduzir clássicos indianos para o inglês, incluindo o *Jātaka tales*, sobre as encarnações anteriores de Buda. Uma das histórias dessa compilação é sobre um episódio em que Buddha se compadece de uma tigresa faminta prestes a comer os próprios filhotes e se entrega em sacrifício para ser comido por ela (MARTIN, 1999, p. 143-144)¹⁴. O quanto a menção a Lorde Chalmers pode marcar apenas uma vinculação à colonização britânica da Índia ou dar uma pista a respeito da história do tigre na sala de jantar contada pelo pai de Stevens (VESTÍGIOS, p. 47; REMAINS, p. 36-37) vai da leitura de cada um, mas talvez possamos partir do chão comum de que a insistência nesse tipo de menção *pode* ter alguma função narrativa.

Quando Stevens diz que os poucos criados externos que hoje visitam Darlington Hall preferem se hospedar em hotéis¹⁵ e que só bebem e falam de futebol (VESTÍGIOS, p. 28; REMAINS, p. 19), por outro exemplo, a troca dos quartos de criado pelos hotéis pode servir para mostrar uma mentalidade mais assalariada do que de criadagem.

Para além desse tipo de piscadela para o leitor que porventura reconheça essas referências ou que se dê ao trabalho de pesquisá-las, a mobilização de contextos históricos específicos e largamente reconhecidos pelo leitor virtual da obra assume funções centrais na construção do romance em questão. A primeira delas é apontar para uma não confiabilidade específica a esse narrador e que pode ser constatada por sua versão alternativa de fatos bem conhecidos pelo leitor. A discrepância entre o relato de Stevens a respeito de eventos do século XX e a bagagem do leitor acerca do mesmo período é o principal elemento de contestação ao narrador. Muito antes de Stevens ser confrontado por qualquer outro personagem, o leitor tem substrato para desconfiar de um narrador que considera o

¹⁴ Aqui é possível pensar nesse Império Britânico que, para conseguir salvar a própria pele e entrar em guerra contra os nazistas, teve que abrir mão dos gastos com as colônias, o que resultou em perdê-las (HOBSBAWM, 1994, p. 154). Outra analogia possível é com a famosa frase de Mao Tsé-Tung de que “o imperialismo é um tigre de papel”.

¹⁵ Também os hotéis de luxo — vários deles geridos por ex-mordomos e governantas — são fruto desse processo de perda da criadagem que se acentua a partir do pós-Primeira Guerra (HORN, 2015) e servem para sediar festas e encontros de quem já não tem condições de oferecer grandes recepções em suas próprias casas. Os dois hotéis citados por Stevens, Ritz e Dorchester (VESTÍGIOS, p. 37; REMAINS, p. 27), são exemplos dessa mudança: embora tenha sido aberto por um empresário suíço em 1906, foi no fim da Primeira Guerra que o Ritz londrino passou a ser ponto de encontro da aristocracia. Já o Dorchester foi aberto em 1931 onde antes funcionava uma residência aristocrática.

entreguerras como uma época de ouro. Pressupor que o leitor traga certa bagagem comum também permite certas ironias como situar o presente da narrativa poucos meses antes da Crise de Suez¹⁶, fazendo com que um fato crucial para o entendimento da obra esteja, a rigor, fora da obra.

Quando Stevens inicia seu relato, em 1956, a Crise de Suez está prestes a marcar a perda definitiva da centralidade inglesa no cenário mundial. No romance, essa perda do protagonismo inglês surge de muitas formas, a exemplo da compra de Darlington Hall por um americano após a morte de Lorde Darlington, em 1953, e na forma como Stevens busca atestar a superioridade da paisagem inglesa frente a paisagens pitorescas de espaços coloniais como África e América (VESTÍGIOS, p. 38-39; REMAINS, p. 28-29). A oposição estabelecida entre imagens exuberantes dignas da *National Geographic*¹⁷ — uma revista fundada em 1888 justamente para suprir a demanda por certo exotismo colonial — e as imagens de um campo inglês idealizado, referenciado no romantismo inglês, é significativa em um momento em que a Inglaterra ressenha a perda desses espaços coloniais. Na fala de Stevens, o que se nota é que um nacionalismo inglês, antes baseado em sua condição de império, agora se volta para suas modestas maravilhas internas, desdenhando de quem andaria precisando (ou podendo) se ufanar demais em seu “indecoroso exibicionismo”. O ano em que o presente da narrativa se situa e a insistência com que o narrador menciona esses espaços coloniais, incluindo o fato de que o irmão de Stevens teria morrido na Segunda Guerra Boer

¹⁶ Localizado no Egito, o Canal de Suez é uma via artificial entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho que permite a navegação entre a Europa e a Ásia Meridional sem ter de contornar a África, reduzindo a distância do continente europeu à Índia em cerca de sete mil quilômetros, além de evitar o tempo instável do Oceano Antártico. Construído entre 1859 e 1869 por um consórcio francês, com investimento pesado tanto da Europa quanto do Egito, “Suez logo se tornou uma tábua de salvação imperial, oferecendo novas oportunidades econômicas para vasto império da Grã-Bretanha” (VARBLE, 2003, p. 11). Inicialmente, o interesse britânico no canal se concentrava na ligação com a Índia. Desde 1912, no entanto, quando os navios da Marinha Britânica passaram a consumir combustível a base de petróleo em vez de carvão, Suez passou a ser considerado essencial para a segurança da ilha. Nas décadas posteriores à construção do canal, o governo britânico se empenhou em comprar ações da empresa que o controlava e, já em 1880, a Inglaterra era sócia majoritária de Suez. Em paralelo à compra vinha uma estratégia geopolítica agressiva para evitar qualquer interrupção do tráfego e que culminou na ocupação britânica do Egito, em 1882. Segundo A. J. P. Taylor, os britânicos foram ensinados a enxergar o Canal de Suez como “o ponto-chave do Império Britânico, e continuaram acreditando nisso mesmo quando o canal não estava sendo usado como rota comercial” (TAYLOR, 1965, p. 522). Para manter Suez, a Inglaterra teve de mobilizar recursos militares em épocas particularmente difíceis para sua própria segurança interna a fim de combater turcos, alemães e diversas ondas de resistência egípcia. Por todos esses motivos, quando o Egito recobra sua independência e estatiza Suez em 1956 após uma sequência de outras perdas coloniais para a Inglaterra, isso funciona como um tiro de misericórdia no imperialismo britânico. Para Hobsbawm, “o episódio foi um fracasso catastrófico (...), tanto mais ridículo pela combinação de indecisão, hesitação e inconvincente desfaçatez do primeiro-ministro britânico, Anthony Eden (...) e acabou para sempre com o chamado “Momento da Grã-Bretanha no Oriente Médio”, a época de inquestionada hegemonia britânica naquela região instaurada a partir de 1918” (HOBSBAWM, 1994, p. 219).

¹⁷ Aqui há uma oposição entre o guia de viagem de Stevens, *The Wonder of England (As Maravilhas da Inglaterra)*, e suas gravuras impressionistas do bucólico campo inglês e essas fotografias impactantes das paisagens africanas e asiáticas.

(VESTÍGIOS, p. 51; REMAINS, p. 41), uma disputa colonial ocorrida na atual África do Sul, chama a atenção para a dificuldade do mordomo de internalizar certas mudanças no mundo, de encontrar e de aceitar um lugar na nova ordem das coisas.

Fatos da vida

O arco temporal traçado pelo romance vai desde a Segunda Guerra Boer, iniciada cerca de sessenta anos após o fim da Revolução Industrial inglesa, até os últimos suspiros da União Soviética, em 1989. Esse primeiro evento, onde morre o irmão de Stevens, é o evento especificamente referenciado mais antigo do romance e já nele se nota uma desproporção entre as atitudes do mordomo (nesse caso, do pai de Stevens) e o que está em jogo na época. Através do relato do próprio Stevens, sabemos que seu irmão morreu inutilmente em uma guerra injusta (“un-British”, na definição de Stevens [VESTÍGIOS, p. 51; REMAINS, p. 41]) na qual o general que comandava sua tropa lutava por seus próprios interesses econômicos. Anos depois, quando esse mesmo general vai até a casa onde o pai de Stevens trabalha para fazer negócios com seu patrão (o que acaba vinculando o patrão ao esquema espúrio), o mordomo recusa a oferta de tirar uma folga durante os dias dessa visita e acaba servindo de valete ao ex-general, função que desempenha de forma exemplar (VESTÍGIOS, p. 51-53; REMAINS, p. 41-43). Já aqui, o mordomo e grande exemplo do protagonista é um sujeito que mobiliza uma ética de lealdade e de autoanulação que parece incongruente em uma época em que os vínculos entre patrão e empregado seriam meramente financeiros. Longe de ser um problema, no entanto, esse descolamento do mordomo dos valores da época faz dele um empregado ainda mais útil.

A segunda extremidade do arco — o esfacelamento da União Soviética e a Inglaterra sob o TINA¹⁸ — não está dentro do romance, e sim fora: diz respeito à recepção imediata do livro, publicado em maio de 1989, seis meses antes da queda do Muro de Berlim. Ao escrever um romance baseado em fatos históricos reais, Ishiguro manipula o fato de que tanto ele enquanto autor quanto os leitores dessa obra observam a narrativa de Stevens de um ângulo temporalmente distanciado. Ao ouvirmos a defesa de Harry Smith do Estado de Bem-Estar Social (VESTÍGIOS, p. 209-210; REMAINS, p. 198-199), por exemplo, o leitor imediato de

¹⁸ Abreviação de “there is no alternative” (não há alternativa), frase cunhada pelo liberal inglês Herbert Spencer (1820 – 1903) e usada pela primeira-ministra Margaret Thatcher para estabelecer que não haveria alternativa ao neoliberalismo.

Os Vestígios do Dia sabe que esse sistema já se encontra quase tão obsoleto quanto as ideias do mordomo.

Ishiguro utiliza uma sobreposição de temporalidades para construir um efeito de ironia dramática essencial para a compreensão do romance porque ressignifica a cena onde o personagem é mais frontalmente confrontado, que é durante a sua conversa com Harry Smith e os demais moradores de Moscombe. No presente da narrativa, em 1956, a Europa vive sua Era de Ouro: os trinta anos que vão do fim da Segunda Guerra até o início da década de 1970 (HOBSBAWM, 1994, p. 15). A essa altura, tudo aquilo de que Harry Smith fala parece tão sólido quanto as paredes de Darlington Hall um dia pareceram. Escrito no fim da Era Thatcher (1979 – 1990), no entanto, quando a maior parte da rede de proteção social erguida no pós-guerra já havia se desmantelado em um processo que incluiu a privatização de indústrias e de setores estatais como as telecomunicações, o romance manipula a ironia dramática de que, se é verdade que o mundo da dignidade aristocrática defendido pelo mordomo já havia sido varrido para fora da história, o mundo da dignidade operária tampouco fincou raízes na Inglaterra.

Ao observarmos a narrativa com olhos de 1989, os trabalhadores de Moscombe que compraram o projeto da socialdemocracia e do Estado nacional moderno do qual se afirmam cidadãos orgulhosos e cheios de direitos não parecem menos ingênuos do que Stevens ou Lorde Darlington, e a essa altura, na Inglaterra, movimentos fascistas e neonazistas ressurgiram sob a forma de *skinheads* que perseguiram gays, negros, imigrantes e cidadãos britânicos com origens em ex-colônias como a Índia e o Paquistão (MOSS, 2001, p. 423). Removida a ameaça de uma expansão comunista — algo que já estava consolidado quando Ishiguro escreve seu livro —, as elites europeias se voltam ao desmonte de quinhões do Estado que serviam antes aos Harry Smith do que a elas.

Os acomodados de Moscombe

No encontro entre Stevens e o médico ex-militante (VESTÍGIOS, p. 227-231; REMAINS, p. 217-221), dr. Carlisle se mostra frustrado com a ideia de universalização dos serviços essenciais, algo que antes o empolgava, e afirma que, embora pareçam exaltados, a verdade é que os moradores de Moscombe não têm nada de revolucionário e só querem “viver sua vidinha tranquila”. A frustração do médico em uma época em que tudo parece dar certo para o Sistema Nacional de Saúde britânico pode apontar para uma preocupação justamente

com a falta de radicalidade dos habitantes de Moscombe (uma referência algo óbvia a Moscou) uma vez que o que garantia aquele relativo bem-estar era justamente a ameaça radical posta por Moscou.

“Ah, está falando de Harry Smith”, disse o doutor com uma risada. “Não devia ligar para ele. É interessante ouvir um pouco, mas, na verdade, ele é muito confuso. Às vezes, parece algum tipo de comunista, mas, depois, diz alguma coisa que o faz parecer um verdadeiro conservador. A verdade é que é muito confuso.”

“Ah, é muito interessante ouvir isso.”

“Qual foi o discurso dele na noite passada? Sobre o Império? O Sistema Nacional de Saúde?”

“Mr. Smith se limitou a tópicos mais gerais.”

“Ah, sim? Por exemplo?”

Tossi. “Mr. Smith tem algumas ideias sobre a natureza da dignidade.”

“Sei. Isso parece um tanto filosófico para Harry Smith. Como diabos ele chegou a um assunto desses?”

“Acho que Mr. Smith estava falando da importância do seu trabalho de campanha na aldeia.”

“Ah, é?”

“Estava me dizendo com veemência que os residentes de Moscombe têm opiniões firmes sobre todo tipo de assuntos importantes.”

“Ah, sei. Isso soa como Harry Smith. Como o senhor deve ter adivinhado, é tudo uma bobagem, claro. Harry está sempre tentando convencer as pessoas sobre alguns assuntos. Mas a verdade é que as pessoas ficam mais contentes quando deixadas em paz.”

Fizemos novo silêncio por alguns instantes. Por fim, eu disse:

“Desculpe perguntar, senhor. Mas devo concluir que Mr. Smith é considerado uma figura um tanto cômica?”

“Hmmm, eu diria que seria levar as coisas um pouco longe demais. As pessoas realmente têm uma espécie de consciência política por aqui. Acham que *têm* de ter opiniões firmes sobre isto ou aquilo, como Harry insiste que tenham. Mas, na verdade, não são nada diferentes das pessoas de toda parte. Querem uma vida tranquila. Harry tem uma porção de ideia para mudar isto e aquilo, mas, na verdade, ninguém na aldeia quer uma revolução, mesmo que seja para o bem de todos. As pessoas aqui querem ser deixadas em paz para viver sua vidinha tranquila. Não querem ser incomodadas com esta ou aquela questão.”

Fiquei surpreso com o tom de desgosto que havia surgido na voz do doutor. Mas ele logo se recuperou [...] (VESTÍGIOS, p. 229-230; REMAINS, p. 219-220)

Se de um lado Harry Smith parece encarnar o trabalhador inglês de posições conservadoras que vê no imperialismo britânico a manutenção de seu relativo bem-estar¹⁹, de outro, dr. Carlisle soa como o militante que deseja uma classe trabalhadora por encomenda e que logo se frustra com o pragmatismo do povo real e com sua “espécie de consciência política”. Como Stevens está acostumado a ver as opiniões dos de baixo acerca de grandes questões na chave de uma performance de bobo da corte, de “macaco de circo” para entretenimento dos patrões (VESTÍGIOS, p. 46; REMAINS, p. 36), logo pergunta a Carlisle se esse seria o lugar ocupado por Smith, um diagnóstico do qual ele discorda, mas não sem um “Hmmm” reflexivo.

Assim, a linha temporal traçada pelo romance vai desde a virada do século XIX para o XX, onde os valores aristocratas e pré-industriais (aqui representados pelo mordomo) ainda estão em diálogo e negociação com a Modernidade, até a rarefação e superação desses valores no fim da década de 1980. O livro do mordomo que vive um século XX paralelo é um livro sobre o século XX. Quando Stevens se senta no banco do píer e é convidado a aproveitar o que resta de seu dia (VESTÍGIOS, p. 263-266; REMAINS, p. 252-256), quem se senta ao seu lado é uma recepção inglesa que também não sabe se volta para Darlington Hall a fim de encenar o passado farsesco de uma Grande Inglaterra ou se encara um desconhecido que no momento não parece nem promissor nem particularmente interessante. Como afirma Eric Hobsbawm em *A Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914 – 1991)*:

É conhecido o eloquente tributo do Manifesto Comunista ao papel revolucionário do capitalismo. (“A burguesia [...] despedaçou impiedosamente os diversos laços feudais que ligavam o homem a seus ‘superiores naturais’, e não deixou nenhum outronexo entre homem e homem além do puro interesse próprio.”) Mas não foi exatamente assim que a nova e revolucionária sociedade capitalista funcionou na prática.

Na prática, a nova sociedade operou não pela destruição maciça de tudo o que herdara da velha sociedade, mas adaptando seletivamente a herança do

¹⁹ No embate entre o médico e o líder comunitário (VESTÍGIOS, p. 213; REMAINS, p. 202), fica claro que esse último seria contra a liberdade das colônias, refletindo a posição de grande parte da classe operária inglesa e francesa, que sabidamente se opôs a isso, constituindo o que Lênin classificou como uma aristocracia operária que era sócia minoritária da exploração colonialista por entender que o capitalismo pleno de que gozavam nos países centrais só era possível por conta da superexploração colonial (HOBSBAWM, 1970, p. 47).

passado para uso próprio. Não há “enigma sociológico” na disposição da sociedade burguesa de introduzir “um individualismo radical na economia e [...] despedaçar todas as relações sociais ao fazê-lo” (isto é, sempre que atrapalhassem), temendo ao mesmo tempo o “individualismo experimental radical” na cultura (ou no campo do comportamento e da moralidade) (Daniel Bell, 1976, p. 18). A maneira mais eficaz de construir uma economia industrial baseada na empresa privada era combiná-la com motivações que nada tivessem a ver com a lógica do livre mercado — por exemplo, com a ética protestante; com a abstenção da satisfação imediata; com a ética do trabalho árduo; com a noção de dever e confiança familiar; mas decerto não com a antinômica rebelião dos indivíduos.

Contudo, Marx e os outros profetas da desintegração dos velhos valores e relações sociais tinham razão. O capitalismo era uma força revolucionária permanente e contínua. Claro que ela acabaria por desintegrar mesmo as partes do passado pré-capitalista que antes achava convenientes, ou até mesmo essenciais, para seu próprio desenvolvimento: acabaria serrando pelo menos um dos galhos em que se assentava. Isso vem acontecendo desde meados do século. Sob o impacto da extraordinária explosão econômica da Era de Ouro e depois, com suas conseqüentes mudanças sociais e culturais — a mais profunda revolução na sociedade desde a Idade da Pedra —, o galho começou a estalar e partir-se. No fim deste século, pela primeira vez, tornou-se possível ver como pode ser um mundo em que o passado, inclusive o passado no presente, perdeu seu papel, em que os velhos mapas e cartas que guiavam os seres humanos pela vida individual e coletiva não mais representam a paisagem na qual nos movemos, o mar em que navegamos. Em que não sabemos aonde nos leva, ou mesmo aonde deve levar-nos, nossa viagem. (HOBBSAWM, 1994, p. 25).

Em *Os Vestígios do Dia*, o que temos é justamente um representante do mundo antigo que negociou o quanto pôde com a nova sociedade, que se mostrou útil a essa nova sociedade em um primeiro momento e que agora é entregue a um mundo em que não é capaz de decodificar uma simples carta, de fazer uma simples piada, em que os mapas que ele traz consigo falam de caminhos que já não podem ser refeitos.

Uma substância curiosamente resistente

A narrativa de Stevens se passa em uma época marcada por um novo ciclo de decadência da aristocracia. Apesar de ter vivenciado uma formação de Estado Nacional Moderno de caráter conservador, que pôs fim à monarquia Absolutista sem romper completamente com a estrutura monárquica, a aristocracia inglesa não saiu incólume à sua própria realocação na nova estrutura de estratificação social, e sua decadência remonta ao século XVII. Ao contrário da experiência francesa de transição capitalista, que apresenta uma série de crises bem caracterizadas e uma revolução burguesa que altera a conformação social

de modo drástico, o caso inglês se caracteriza por uma sequência de rupturas e fraturas ambíguas e oscilantes (THOMPSON, 2001, p. 205-206).

Enquanto o processo francês extirpou a monarquia, retirando os privilégios do sangue, a aristocracia britânica acabou sendo, como disse Beatrice Webb, “uma substância curiosamente resistente” (THOMPSON, 2001, p. 113), abrindo espaço para uma conformação de classes mais complexa, para a lenta mutação de uma série de tradições e de relações sociais e para a “perpetuação de um certo estilo aristocrático e certas continuidades institucionais arcaicas” (THOMPSON, 2001, p. 97).

Esse processo permitiu uma integração da aristocracia inglesa à ordem burguesa que se consolidava, com uma parcela da nobreza sendo extirpada e outra se refugiando na condição de rentista de terras. Essa parcela vencedora da aristocracia, capaz de manter suas posses e pescoços, se utilizou da divisão social do trabalho existente e de um conjunto de comportamentos distintivos reconhecidos e valorizados até pela nova classe dominante (e também pela nova classe dominada, como notamos na fala dos trabalhadores de Moscombe) para criar e se apoderar de espaços sociais nos quais pudesse desenvolver certa autonomia em relação às determinações mais estruturantes da realidade — a economia e a política —, espaços nos quais seus próprios códigos, definidos e consagrados por eles mesmos, constituiriam um capital de maior valor com o qual eles manifestariam seu novo poder, colocando-se como frações médias de poder cultural beneficiadas pela burguesia a ponto de reproduzirem a estratificação por ela delimitada (THOMPSON, 2001, p. 114).

Essa autonomia relativa, no entanto, é renegociada e sofre perdas a cada novo ciclo de decadência da aristocracia. O ciclo que ora afeta o protagonista carrega consigo a necessidade de manter casas suntuosas e repletas de criados como aquela em que ele passou a vida, uma vez que essas casas não eram simplesmente moradias, mas espaços que sediavam a sociabilidade e a vida pública dessa aristocracia. Ao passo que perde poder aquisitivo, a aristocracia perde também boa parte de seu poder político e social residual. Desse modo, tanto os motivos quanto as possibilidades materiais de manter casas como aquela ficam desfalcados e muitas propriedades são fechadas ou deixam de ser residências, passando a funcionar como hotéis, hospitais ou escolas. Outras, como sua Darlington Hall, são vendidas a burgueses que, embora as tenham comprado justamente porque fetichizam o modo de vida aristocrático, nem sempre compreendem ou valorizam os rituais envolvidos.

As guerras, o crescimento da indústria e mudanças culturais também reduzem a disponibilidade de criados, fazendo com que cada vez menos trabalhadores se disponham a exercer esse tipo de função. Os que permanecem criados passam a enxergar essa atividade

como uma ocupação provisória que logo será substituída por algo mais condizente à época, não como uma carreira ou como uma condição (HORN, 2015)²⁰.

No presente da narrativa, sob comando de Mr. Farraday, Stevens encontra-se em um cenário completamente hostil a seus valores. Os valores que ele passou a vida inteira cultivando — excelência, lealdade, permanência, tradição — não são compartilhados nem pelo novo patrão nem pelos outros criados remanescentes. Em lugar disso, o americano traz uma valorização da eficiência (não à toa ele tem um Ford na garagem) que lhe é completamente alienígena. Eficiência para Stevens é que tudo ocorra perfeitamente, que todos os contratemplos e percalços imagináveis à manutenção do padrão de serviço sejam previstos e amortizados. Para o americano, eficiência é que tudo ocorra de modo bom o suficiente com o mínimo de recursos possível. A mudança do excelente para o bom o bastante é especialmente traumática para um homem cuja profissão é baseada na excelência. O mundo do bom o bastante sequer precisa de mordomos, ou os enxerga como mero adorno. O embate de Stevens — e seu sofrimento escamoteado — se dá na tentativa de defender a utilidade de seu trabalho e o modo de vida que torna esse trabalho necessário. É um embate para não se tornar enfeite ou máquina.

O trabalho de Stevens é completamente supérfluo. Ele não exatamente cozinha, lava, passa ou limpa a casa. Seu trabalho é o toque final, o capricho, a cereja do bolo. Isso além da coordenação do trabalho de outros criados. Esse trabalho só faz sentido em um mundo regido por regras que não sejam pragmáticas. O fazer excessivamente bem feito do mordomo não é funcional ao capitalismo a não ser como artigo de luxo distintivo de quem pode contratá-lo. Na lógica capitalista, o único sentido do trabalho de Stevens é ser um item de diferenciação social. Embora ele estivesse satisfeito com sua condição de criado que se anula, que busca ser

²⁰ Embora o romance não se proponha a fazer um retrato fiel da realidade, é preciso ter em mente que as mudanças que Stevens enfrenta apenas na década de 1950 na verdade estão postas para a maior parte da aristocracia e de sua criadagem desde o fim da Primeira Guerra. Nessa época, mesmo as famílias abastadas passaram a ter cada vez mais dificuldade em encontrar candidatos ao trabalho doméstico. Para lidar com a escassez de mão de obra, copeiras faziam as vezes de valete, governantas se dividiam com as arrumadeiras e mordomos acumulavam funções de chofer. Em abril de 1916, a escritora de histórias de terror Lady Cynthia Asquith escreve para a cunhada, que acabava de empreender uma saga infrutífera para contratar uma nova copeira, e comenta que elas “estão quase tão extintas quanto o dodô”. Essas mudanças eram fruto tanto do recrutamento militar masculino quanto da oferta de emprego em fábricas e em postos femininos criados pelas necessidades da guerra ou disponibilizados pela ausência dos homens. No mesmo período, o orçamento doméstico das grandes casas de campo sofreu larga contenção a despeito do aumento geral dos preços. Apesar da obstinação dos membros da elite social em manter ao menos alguns de seus luxos do pré-guerra, eles também estavam sob grave pressão financeira. Se de um lado os custos de produtos e serviços aumentavam o tempo todo, de outro as restrições de guerra impediam que os proprietários elevassem os aluguéis. Os impostos também ficavam mais pesados: em quase todas essas propriedades, o impacto da tributação direta, incluindo o imposto sobre terras, taxas e o imposto de renda, subiu consideravelmente (HORN, 2015).

nada, não fica satisfeito com sua nova condição de mercadoria, que implica ser ainda menos do que nada.

No começo do livro, o patrão americano diz que gostaria de manter uma equipe de funcionários digna “de uma grandiosa casa inglesa”, mas pretende fazer isso com uma equipe de quatro empregados onde antes havia vinte e oito (VESTÍGIOS, p. 14-16; REMAINS, p. 6-7). Ele conta com a habilidade de Stevens para conseguir esse feito com o mínimo de perdas possível. Ou seja, ele aplica a lógica da escassez. Manter uma casa como aquela, ter um mordomo, tudo isso é um luxo que pode ser revertido em valor de uso simbólico, mas Mr. Farraday pretende dispor desse luxo gastando o mínimo possível. Essa lógica — plenamente capitalista, do patrão americano — é conflitante com a lógica do narrador. Para ele, a impecabilidade, a ideia de um trabalho tão bem feito que poucos ou mesmo ninguém além dele próprio e de seus pares mais altos consiga avaliar essa qualidade, é uma reserva de dignidade. Sua dignidade enquanto mordomo está alicerçada em dois pilares: na nobreza (nas duas acepções do termo) da família a quem ele serve e na impecabilidade da casa. O primeiro pilar já ruiu — nem o patrão atual é nobre nem o antigo teve atitudes nobres. A luta de Stevens é para manter o segundo em pé. Em muitos sentidos, é uma luta para proteger a casa, para impedir que aquela seja a casa de um americano.

Se a luta é para proteger a casa, se Stevens é como a fâisca vital que mantém a casa viva e de pé, essa luta é perdida no momento em que ele fecha os portões de Darlington Hall e parte para sua viagem. Se a casa entra em coma com a morte de Lorde Darlington, é com a saída de Stevens de seus muros que os equipamentos são enfim desligados:

[...] acho que eu estava muito consciente do fato de que, assim que eu partisse, Darlington Hall iria ficar vazia, quem sabe, pela primeira vez neste século — ou pela primeira vez desde que foi construída. Era uma sensação estranha e talvez por isso eu tenha demorado tanto para partir, vagando pela casa muitas vezes, certificando-me uma última vez de que estava tudo em ordem.

É difícil explicar os meus sentimentos quando finalmente parti. Durante os primeiros vinte e poucos minutos da viagem, não posso dizer que tenha sido tomado por nenhuma excitação ou expectativa. Isso se deve, sem dúvida, ao fato de que, embora eu rodasse para cada vez mais longe da casa, continuava a me ver em locais com os quais tinha ao menos uma passageira familiaridade. Ora, sempre achei que havia viajado muito pouco, tolhido como sou por minhas responsabilidades na casa, mas evidentemente, ao longo do tempo, a gente faz diversas excursões por uma ou outra razão profissional, e ao que parecia, eu estava muito mais familiarizado com aquelas localidades vizinhas do que imaginava. Pois, como estava dizendo,

ao rodar ao sol na direção da divisa de Berkshire, continuei me surpreendendo com o quanto a paisagem me era familiar.

Mas então a paisagem acabou ficando irreconhecível, e entendi que havia ultrapassado todos os limites anteriores. Já ouvi pessoas descreverem o momento em que o barco abre as velas, o momento em que finalmente se perde a visão da terra. Imagino que a experiência de inquietação misturada com alegria que sempre acompanha a descrição desse momento seja muito semelhante ao que senti no Ford, quando a paisagem em torno ficou estranha para mim. [...] Fui dominado pela sensação de que havia realmente deixado Darlington Hall para trás e devo confessar que senti um ligeiro sobressalto — sensação agravada pela desconfiança de que não estivesse na estrada certa, e sim correndo na direção errada, para algum ermo. Foi só uma sensação momentânea, mas me fez reduzir a marcha. E, mesmo depois de me certificar de que estava no caminho certo, me vi compelido a parar o carro um momento para fazer um balanço, por assim dizer. (VESTÍGIOS, p. 33-34; REMAINS, p. 23-24)

Uma outra nobreza

O fato de ter um patrão plebeu está longe de ser o maior problema de Stevens. Ao contrário do grupo representado no livro pela Sociedade Hayes, Stevens está disposto a operar todo tipo de concessão a fim de garantir uma manutenção parcial de seu modo de vida. Para isso, faz um uso seletivo de valores novos e antigos. Um dos pontos mais importantes dessa seleção está no conceito de nobreza bastante peculiar que ele procura elaborar.

Stevens tem problemas com a ideia de uma especificidade inata e inadquirível da aristocracia. Ele é claramente seduzido por essa ideia, seria a ideia à qual um personagem como ele, por suas opiniões e modo de pensar, naturalmente se filiaria, mas ele busca recusar essa ideia porque aceitar que a aristocracia teria algo de especial que seria inacessível aos demais seria aceitar que ele nunca poderia ser um grande mordomo, nem seu pai teria sido, uma vez que, para a Sociedade Hayes, um grande mordomo necessariamente serve a um nobre. Stevens tenta elaborar a questão da dignidade desatrelada do título nobiliárquico justamente porque o patrão atual não é um nobre, é um americano, e o patrão de seu pai era um industrial. Para isso, ele inicialmente nega os pressupostos da Sociedade Hayes completamente (VESTÍGIOS, p. 43-44; REMAINS, p. 32-33). Em seguida, retoma-os e adapta-os (VESTÍGIOS, p. 129-133; REMAINS, p. 119-123) ao dizer que a Sociedade estaria completamente correta em sua definição de que grandes mordomos necessariamente estariam atrelados a casas de distinção, mas que o sentido de distinção agora é outro, moldado por Stevens segundo suas conveniências.

Na verdade, pensando melhor no assunto, acredito que pode muito bem estar certo afirmar-se que ‘estar vinculado a uma casa de distinção’ é um pré-requisito para a grandeza, contanto que se tome aqui a ‘distinção’ num sentido mais profundo do que o compreendido pela Sociedade Hayes.

De fato, uma comparação entre o que posso interpretar como “uma casa de distinção” e aquilo que a Sociedade Hayes entende por esse termo ilumina bem, acredito, a diferença fundamental entre os valores de nossa geração de mordomos e os da geração anterior. Quando digo isso, não estou apenas chamando a atenção para o fato de nossa geração ter tido uma atitude menos esnobe quanto aos patrões que eram fidalgos proprietários de terra e os que eram “de negócios”. O que estou tentando dizer, e não creio que seja um comentário injusto, é que éramos uma geração muito mais idealista. Nossos predecessores podiam se preocupar com o fato de o patrão ter ou não títulos ou provir de uma das “antigas” famílias; porém, nós tendíamos a nos preocupar muito mais com a postura *moral* do patrão. Com isso, não quero dizer que nos importávamos com o comportamento privado de nossos patrões. O que quero dizer é que nossa ambição era, de um jeito que não seria usual na geração anterior, servir cavalheiros que estivessem, por assim dizer, fomentando o progresso da humanidade. Seria considerado um destino muito mais valioso servir, por exemplo, um cavalheiro como Mr. George Ketteridge. Por mais humilde que tenha sido sua origem, ele deu uma inegável contribuição para o futuro bem-estar do império — maior do que a de qualquer cavalheiro que, embora de origem aristocrática, tenha desperdiçado seu tempo em clubes e campos de golfe.

Na prática, evidentemente, muitos cavalheiros das famílias mais nobres tendiam a se dedicar à atenuação dos grandes problemas da atualidade e, assim, a um primeiro olhar, poderia parecer que as ambições de nossa geração pouco diferiam das de nossos predecessores. Mas posso garantir que havia uma definitiva diferença de atitude, manifestando-se não apenas no tipo de coisas que se ouvia um companheiro de profissão expressar a outro, mas também na maneira como muitos dos mais capacitados de nossa geração escolhiam trocar um posto por outro. Essas decisões não eram por uma simples questão de salário, da quantidade de empregadores que se tinha à disposição nem do esplendor do nome de uma família. Para nossa geração, acho justo dizer, o prestígio profissional repousava mais no valor moral do patrão.

Acho que posso esclarecer melhor a diferença entre gerações me expressando figurativamente. Eu diria que os mordomos da geração de meu pai tendiam a ver o mundo como uma escada: as casas da realeza, dos duques e dos lordes das famílias mais antigas colocadas no alto; as de “dinheiro recente”, abaixo e assim por diante, até se chegar ao ponto em que a hierarquia era determinada apenas pela riqueza ou pela falta dela. Qualquer mordomo ambicioso simplesmente fazia tudo ao seu alcance para subir o mais alto possível nessa escada e, em termos gerais, quanto mais alto fosse, maior seria o seu prestígio profissional. São precisamente esses os valores contidos na ideia de uma “casa de distinção” formulada pela Sociedade Hayes, e o fato de ela ainda pronunciar-se dessa forma em 1929 demonstra com clareza por que era inevitável o seu desaparecimento — de resto, já tardio. Pois na época, um tal pensamento estava já em flagrante descompasso com o dos melhores homens da vanguarda de nossa profissão. Acredito ser

exato dizer que víamos o mundo não como uma escada, e sim como uma *roda*. Talvez eu deva explicar melhor.

É minha impressão que nossa geração foi a primeira a identificar uma coisa que havia passado despercebida por todas as gerações anteriores: ou seja, que as grandes decisões do mundo não eram, efetivamente, tomadas apenas nas câmaras públicas ou ao longo de um punhado de dias dedicados a uma conferência internacional, sob os olhos do público e da imprensa. Em vez disso, percebíamos que debates eram realizados e importantes decisões tomadas na privacidade e calma das grandes casas do país. O que ocorre aos olhos do público, com tanta pompa e circunstância, é geralmente a conclusão ou a mera ratificação do que ocorreu ao longo de semanas ou meses entre as paredes dessas casas. Para nós, portanto, o mundo era uma roda que tinha como eixo as grandes casas, das quais altas decisões emanavam para todo o restante — ricos ou pobres, gravitando em torno delas. A aspiração daqueles de nós que tinham ambição profissional era chegar o mais próximo possível desse eixo. Pois éramos, como já disse, uma geração idealista, para quem a questão não era simplesmente *como* exercer um ofício, mas *com que propósito* exercê-lo. Cada um de nós alimentava o desejo de dar sua pequena contribuição para a criação de um mundo melhor, julgando que, como profissional, o meio mais seguro de fazê-lo seria servir os grandes cavalheiros de nosso tempo, a cujas mãos havia sido confiada a civilização. (VESTÍGIOS, p. 130-132; REMAINS, p. 120-122).

Há, no entanto, muitas léguas separando o industrial do americano. O industrial (presumivelmente britânico) que foi patrão do pai de Stevens durante seus melhores anos é um burguês que tenta se aristocratizar. Ele compra o pacote completo: o mordomo, a casa, os rituais. Só lhe falta o título, que também poderia ser comprado, como em muitos casos foi, através de casamentos entre nobres falidos e burgueses endinheirados ou até mesmo através da compra direta, como ocorreu em alguns períodos da história inglesa. Já o novo patrão de Stevens não quer se aristocratizar, não quer mudar de modo de vida, ele quer apenas fetichizar e instrumentalizar aquele modo de vida. O mordomo para ele é artigo de luxo: é o mundo aristocrático possível para o burguês que passa a ser seu patrão, mas as práticas aristocráticas de seu trabalho são disfuncionais ao *ethos* da eficiência posto naquele momento do capitalismo e precisam ser descartadas.

Para Raymond Williams, nenhuma cultura dominante é capaz de esgotar todas as práticas, intenções e energias humanas possíveis. Em *Marxismo e Literatura*, ele explica ser comum que, em paralelo à cultura dominante, corra uma cultura alternativa que pode ser tanto residual (na forma de artefatos culturais de uma cultura anterior que permanecem convivendo com a cultura dominante atual sem lhe oferecer riscos iminentes) quanto emergente (no caso de uma nova cultura sendo gestada através de práticas de classe que podem sim oferecer riscos à cultura dominante atual). Diante disso, a cultura dominante tenta incorporar e adaptar

aspectos de culturas residuais e emergentes que supram suas necessidades, possibilitando que ela permaneça hegemônica (WILLIAMS, 1979, p. 128). Talvez seja nessa chave que os burgueses ingleses incorporem símbolos da aristocracia (sendo o mais radical deles a própria monarquia): por entender que eles seriam artefatos de uma cultura residual que poderiam ser mobilizados para a manutenção da cultura hegemônica burguesa ao lhe oferecer legitimidade e preservar a estabilidade, por exemplo. Já para o americano, o uso é outro: não se trata de um artefato de uma cultura anterior, mas de mercadoria, de fetiche.

A tarefa de Stevens é de atribuição sobrenatural, posição que ele não tem como acessar a não ser como vestígio, elemento aurático e memória pelo fazer refinado das coisas, pela etiqueta e pelo aspecto cultivado. Para o novo patrão, sua função é dar lastro à casa, é atestar que o americano obteve aquilo pelo que pagou, que aquela de fato é uma “grandiosa casa inglesa”, que tudo aquilo é autêntico. Ele precisa atestar isso tanto para o próprio americano, que não é capaz de julgar por si mesmo, quanto para suas visitas, que também não são capazes de julgar por si mesmas. Há um trecho elucidativo em que Mr. Farraday expõe isso explicitamente ao perguntar com algum desespero: “O que estou querendo dizer, Stevens, é que esta é uma legítima casa inglesa antiga, não é? Foi por isso que eu paguei. E você é um legítimo mordomo inglês do velho estilo, não algum garçom fingindo que é. Você é de verdade, não é? Isso era o que eu queria, não é o que tenho?” (VESTÍGIOS, p. 144; REMAINS, p. 131).

Essa incapacidade de julgar a autenticidade da casa não se deve exatamente a uma falta de conhecimento: o próprio Stevens se surpreende com os conhecimentos que os americanos que visitam Darlington Hall demonstram enquanto passeiam pela mansão como se ela fosse um museu (VESTÍGIOS, p. 139; REMAINS, p. 129). O que lhes falta é “sensibilidade”, é a depuração de gosto e de sentidos, o treinamento para a vida aristocrática, é estarem inseridos no conjunto de regras que mantém aquela casa em pé. O que lhes falta, em suma, é o *habitus* (no sentido de segunda natureza) aristocrático.

Very skilful, but mock

Enquanto Stevens está preocupado com seus pequenos erros e com sua inabilidade em corresponder ao bom humor do patrão, o momento em que ele realmente decepciona Mr. Farraday é aquele em que, diante de um casal de visitantes que está desconfiado de que a casa seja apenas uma reprodução, uma tentativa de parecer uma mansão aristocrática, Stevens

falha em assegurar aos visitantes a veracidade das coisas e a sua própria autenticidade (VESTÍGIOS, p. 139-140; REMAINS, p. 130). A saber: quando questionado se trabalhou ou não para Lorde Darlington, Stevens dá uma resposta evasiva que dá a entender que não. Ele faz isso porque Lorde Darlington encontra-se malfalado na região devido ao seu envolvimento com os nazistas. A relação com o lorde é o orgulho de Stevens, é o que faz dele “the real thing”, mas é também sua vergonha, é seu próprio envolvimento com o que há de mais espúrio. Para os americanos, no entanto, tanto faz como tanto fez se o lorde era nazista. O fato de ser lorde e até o fato de ser nazista são itens colecionáveis, fetiches que adicionam valor à propriedade à medida que a tornam uma memorabilia mais rara e curiosa.

A cena em que essa questão do lastro fica clara é aquela em que Mr. Farraday recebe o casal Wakefield e os leva para um tour pela casa, numa passagem que espelha outra na qual Lorde Darlington leva um visitante para um passeio pelos corredores da mansão, mas esse passeio não tem um objetivo de entretenimento, e sim de estreitar laços e viabilizar uma aliança política entre os dois homens (VESTÍGIOS, p. 153-154; REMAINS, p. 143-144). Já aqui, os americanos se aventuram pela ala de criados, por partes da casa que se encontram fechadas, escrutinam os móveis, examinam as janelas, referem-se aos cômodos como “esse é o lugar em que os lordes faziam tal coisa”. No fim, Mrs. Wakefield fica desconfiada de que algumas daquelas coisas, mais especificamente o arco de pedra sobre a porta da sala de jantar, não passam de reproduções de peças do século XVII feitas muito recentemente, talvez quando Lorde Darlington já fosse o dono do imóvel (VESTÍGIOS, p. 139; REMAINS, p. 129). É nessa parte que Stevens falha ao não perceber que sua função principal para o americano era dar lastro àquilo tudo, assegurar que tudo aquilo era autêntico. Ele diz à americana que sim, é possível que o arco tenha sido feito recentemente, e ainda por cima nega ter trabalhado para Lorde Darlington. Isso é o bastante para que a mulher confirme suas suspeitas de que Mr. Farraday estava “exagerando o pedigree” da casa e que tudo aquilo é “very skilful, but mock” (VESTÍGIOS, p. 140; REMAINS, p. 130)²¹.

Enquanto Lorde Darlington morava em Darlington Hall, a “autenticidade” da casa e de tudo o que estivesse nela era um dado em si. Aquela era uma casa centenária, porém viva. O fato de o arco de pedra ter sido feito há apenas dez anos não consistia em uma simulação. O arco ter sido feito pelo Lorde Darlington ou pelo Lorde Darlington bisavô não mudava nada porque, em alguma medida, ele *era* o bisavô, havia uma ideia de continuidade. Agora que isso foi superado, tudo passa a ser “very skilful, but mock”. A casa é “very skilful, but mock”.

²¹ “Muito bem-feita, mas imitação”.

Stevens se passando por lorde para os camponeses é “very skilful, but mock” e mesmo Stevens se passando por mordomo e a casa se passando por uma grande e velha casa inglesa são “very skilful, but mock”. São coisas que permanecem sem nada do que lhes atribuía sentido.

A casa como museu da casa

Com efeito, o que Mr. Farraday faz ao adquirir Darlington Hall é privatizar a casa. A casa, que era um espaço estruturante de sociabilidade de uma classe não hegemônica, passa a ser mercadoria. Se após a Revolução Francesa as casas aristocráticas expropriadas se tornam museus (GAEHTGENS, 1984), aqui a saída é conciliatória e privatizante: o americano compra a casa da família Darlington e a transforma em um museu particular do qual ele não retira sequer os porta-retratos do antigo dono, como vemos na primeira cena do livro, quando Stevens está limpando o porta-retrato do Visconde de Wetherby (VESTÍGIOS, p. 11; REMAINS, p. 3), um personagem que não chega a ser mencionado novamente, mas que presumivelmente é alguém da relação do lorde, e não do americano. As únicas mudanças que o narrador cita que Mr. Farraday fez na casa foram fechar alguns cômodos para cortar custos e transformar um salão antes usado para reuniões em uma galeria e uma estante de enciclopédias em um móvel para exibir enfeites, reforçando a ideia de casa-museu (VESTÍGIOS, p. 73, 85; REMAINS, p. 63, 75).

Mr. Farraday enxerga a casa como um item colecionável. Ele não comprou um lar para si, comprou a “grandiosa casa inglesa” de um lorde. Ele apenas habita esse local. Essa relação com os objetos é oposta à de Stevens. As roupas do mordomo, por exemplo, não são mercadorias, são peças de memória, além de constituírem uma forma de pagamento indireto não monetário e de reforço da dependência e da subordinação (THOMPSON, 2001, p. 246-247). Trata-se do terno herdado por um senhor específico, fruto de uma situação específica em que seu trabalho foi reconhecido. Cada roupa é acompanhada por um nome, por uma data, tem uma história que não é mobilizada como valor material, mas que diz respeito a uma afetividade e a uma condecoração pessoal (VESTÍGIOS, p. 19-20; REMAINS, p. 11).

Essa mercadoria casa, no entanto, não é uma mercadoria qualquer. Trata-se de uma mercadoria aurática, pegando emprestado o termo benjaminiano para falar da obra de arte antes de sua reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 2000). A casa do lorde é irreprodutível por seu caráter único, por uma trajetória que a faz única. Não se trata de uma casa de tantos

metros, nessa ou naquela localização, nascente ou poente, mas de uma casa centenária que abrigou esses e aqueles nobres, recebeu essas e aquelas personalidades, que nunca esteve vazia nos últimos cem anos. Tudo isso faz dela uma mercadoria que não tem valor quantificável possível.

Enquanto Darlington Hall é habitada por Lorde Darlington, sua condição de autenticidade e vinculação com a trajetória que a valoriza estão garantidas. Quando a casa passa a ser uma mercadoria na posse de um americano, no entanto, é preciso lastrear essa vinculação. Esse lastro é dado de muitos modos: na manutenção dos móveis e da estética da casa, na constante reiteração de sua história e, melhor ainda, na manutenção de um “mordomo inglês” que efetivamente trabalhou para o lorde e que funciona como prova viva de que tudo aquilo é verídico. Ao negar sua vinculação ao lorde, Stevens rompe com parte do caráter aurático daquela mercadoria. De uma hora para a outra, a casa se deprecia porque não tem mais nada do nobre ali: a trajetória foi rompida, ou pelo menos seu selo de garantia o foi. É a trajetória do lorde que faz a casa ser inestimável, mas o próprio lorde destruiu a inestimação desse valor ao destruir sua própria imagem. Agora, a única pessoa que poderia preservar essa memória a nega por conta do que o lorde fez.

Pai e patrão

A relação de Stevens com o antigo patrão é extremamente dúbia. Sua associação com Lorde Darlington parece selar um processo de ascensão (na falta de melhor palavra) familiar e pessoal. Enquanto o pai foi tão somente mordomo de um industrial, seu filho atingiu um alto estrato da nobreza de sangue. Essa associação é ainda aquilo que garante sua vinculação com o mundo ao qual ele pretende pertencer e que quer preservar. Ao mesmo tempo, ele não quer ser vinculado ao ente de memória que o liga a esse mundo almejado porque esse ente de memória estragou tudo.

A própria percepção de que o nobre não era nobre por não ter tido atitudes nobres é uma contradição que indica certa internalização da transformação social para a qual o narrador parece cego. Se é verdade que o mordomo apresenta um retardo de assimilação em relação a transformações que já ocorreram na realidade social, ele também não é imune a elas. Ao se ressentir da falta de nobreza de atitudes do nobre, ao exigir um nobre com causa (VESTÍGIOS, p. 129-130; REMAINS, p. 119-120), Stevens está condicionando um prestígio

que deveria ser assegurado por sangue às ações práticas do sujeito. Ou seja, ele está falando de um mundo em que o sangue já não basta e precisa ser engrossado com atitudes.

A desgraça do lorde é a única expressão de ruptura do mundo realmente perceptível a Stevens porque aquele lorde mantinha tudo. Tanto que, de todas as mentiras, ilusões, inverdades e imprecisões que Stevens conta, a única que ele próprio assume e problematiza é o fato de estar repetidas vezes negando sua vinculação ao lorde (VESTÍGIOS, p. 138; REMAINS, p. 128). Sem esse lorde, a casa caiu e agora precisa ser reerguida sob um solo ainda mais movediço. Acabou a resiliência do mordomo com relação à aceitação inquestionável de tudo o que o lorde fez somente por ser lorde. Isso é condicionado pela necessidade dele de manter aquele mundo, nem que seja ocupando ele mesmo o lugar do lorde.

Realmente, se não fosse a tranquilidade do cenário atual, é possível que eu não tivesse pensado muito mais sobre o meu comportamento durante o encontro com a ordenança. Isto é, eu poderia não ter pensado em por que dei a distinta impressão de nunca ter sido empregado de Lord Darlington. Pois, sem dúvida alguma, foi isso que ocorreu. Ele perguntou: “Quer dizer que você trabalhava mesmo para aquele Lord Darlington?”, e eu dei uma resposta que só podia significar que não. Pode ter sido um simples capricho sem sentido que, de repente, tomou conta de mim naquele momento, mas isso não é um jeito convincente de definir tal comportamento sem dúvida estranho. De qualquer forma, admito que o incidente com a ordenança não é o primeiro do tipo. (VESTÍGIOS, p. 138; REMAINS, p. 128)

Quem tem olhos vê

A posição do mordomo no que sobra desse mundo antigo define suas condições de manter vínculos com esse mundo. Sendo assim, ele se aproveita da ignorância dos outros sobre seu mundo (porque são alheios a ele) para se fazer passar por aquele a quem ele estaria vinculado. O local do lorde é dividido entre o americano e o próprio Stevens. Se o lorde podia ou deveria unir nobreza e dinheiro, agora é preciso duas figuras para ocupar o mesmo local. Essa passagem para o lugar do lorde pode ser vista, por exemplo, na cena em que Stevens está animadíssimo com sua ideia de recontratar Miss Kenton, planeja uma viagem para esse fim, decide que roupas irá usar e só no meio da conversa com Mr. Farraday, que nada sabe dos planos de contratação, percebe a “inadequação” de, enquanto mordomo, sair enunciando suas ideias sobre o futuro de Darlington Hall (VESTÍGIOS, p. 22; REMAINS, p. 14). Também pode ser vista na cena em que Stevens está tão seguro de ser ele o guardião das regras da tradição que se permite inventar uma tradição para se safar do fato de ter mentido a uma visita

de Mr. Farraday que não trabalhou para Lorde Darlington, fazendo o patrão se passar por mentiroso (VESTÍGIOS, p. 141-142; REMAINS, p. 131-132).

Esse movimento de passagem encontra-se ainda na tentativa reiterada de alçar o pai a um patamar elevado, uma tentativa que, embora seja explicitada na defesa de que seu pai seria um grande mordomo, traz implicações mais ambiciosas em cenas como aquela em que Stevens insiste na inapropriedade de uma pessoa como Miss Kenton tratar uma pessoa como seu pai pelo primeiro nome, alegando que o pai apresentaria algum tipo de preeminência diante da governanta que anularia o fato de, na hierarquia do trabalho, estar abaixo dela:

“Miss Kenton, é uma coisa simples. Aconteceu de eu estar passando ontem pela cozinha quando a ouvi chamar alguém pelo nome de William.”

“É mesmo, Mr. Stevens?”

“É, sim, Miss Kenton. Eu a ouvi chamar diversas vezes por ‘William’. Posso saber a quem a senhorita estava se dirigindo?”

“Ora, Mr. Stevens, acho que estava me dirigindo a seu pai. Não tem nenhum outro William na casa, pelo que sei.”

“É um erro fácil de cometer”, disse eu, com um pequeno sorriso. “Posso pedir que, no futuro, Miss Kenton, a senhorita se dirija a meu pai como ‘Mr. Stevens’? Se estiver falando dele a uma terceira pessoa, talvez prefira chamá-lo de ‘Mr. Stevens pai’, para diferenciá-lo de mim. Fico muito agradecido, Miss Kenton.”

Com isso, voltei aos meus papéis. Mas, para minha surpresa, Miss Kenton não se retirou. “Desculpe, Mr. Stevens”, disse ela depois de um momento.

“Sim, Miss Kenton.”

“Temo não ter entendido bem o que o senhor está dizendo. Até hoje, sempre tive o costume de me dirigir aos criados subalternos por seus nomes de batismo e não vi razão para fazer diferente nesta casa.”

“Um erro muito compreensível, Miss Kenton. Porém, se pensar um pouquinho na situação, vai ver como é inadequado uma pessoa como a senhorita se dirigir a alguém como meu pai como a um subalterno.”

“Continuo sem entender o que quer dizer, Mr. Stevens. O senhor disse ‘alguém como a senhorita’, mas, pelo que sei, sou a governanta desta casa, enquanto seu pai é o submordomo.”

“Ele é, sim, nominalmente, o submordomo, como diz a senhorita. Mas fico surpreso que a sua capacidade de observação não lhe tenha ainda deixado claro que, na realidade, ele é muito mais do que isso. Muitíssimo mais.”

“Eu, sem dúvida, fui extremamente desatenta, Mr. Stevens. Notei apenas que seu pai é um submordomo capacitado, e assim me dirigi a ele. De fato, deve

ter sido muito irritante para ele ser tratado dessa maneira por alguém como eu.”

“Miss Kenton, pelo seu tom, fica claro que a senhorita pouco observou de meu pai. Se o tivesse observado, teria ficado evidente por si quanto é inadequado para alguém de sua idade e posição se dirigir a ele como ‘William’.”

“Mr. Stevens, posso não ser governanta há muito tempo, mas devo dizer que, desde que comecei, minhas capacidades me valeram referências muito generosas.”

“Não duvido nem por um momento da sua competência, Miss Kenton. Mas centenas de indícios deveriam ter lhe mostrado que meu pai é uma figura de excepcional distinção, com quem a senhorita poderia aprender um sem-número de coisas, se estivesse disposta a ser mais observadora.”

“Fico muito grata pelo conselho, Mr. Stevens. Mas, por favor, me diga apenas que coisas maravilhosas poderia aprender observando seu pai.”

“Achei que isso deveria ser óbvio para qualquer pessoa que tenha olhos, Miss Kenton.”

“Mas acabamos de decidir que não tenho, sou particularmente deficiente nesse aspecto.”

“Miss Kenton, se na sua idade a senhorita crê já ter se aperfeiçoado, nunca chegará à excelência de que sem dúvida é capaz. Eu poderia observar, por exemplo, que ainda fica muitas vezes incerta sobre o que vai aonde, ou o que é o quê.”

Aquilo pareceu abaixar um pouco a crista de Miss Kenton. Realmente, durante um momento, ela pareceu um pouco incomodada. Depois, disse:

“Tive uma certa dificuldade ao chegar, mas isso, sem dúvida, é normal.”

“Ah, pois aí está, Miss Kenton. Se tivesse observado meu pai, que chegou a esta casa uma semana depois, teria visto que o conhecimento que ele já tem da casa é perfeito, e assim é desde que pisou em Darlington Hall.”

Miss Kenton pareceu pensar um pouco antes de responder, um pouco amuada:

“Com toda a certeza, Mr. Stevens pai é muito bom no seu trabalho, mas posso garantir, Mr. Stevens, que sou muito boa no meu. Vou me lembrar de me dirigir a seu pai por seu título completo de hoje em diante. Agora, se me der licença...” (VESTÍGIOS, p. 66-67; REMAINS, p. 55-57)

Nessa cena, Stevens insiste que a governanta deixe de chamar seu pai pelo primeiro nome, passando a tratá-lo por Mr. Stevens, algo que ela reluta em fazer alegando que sempre tratou seus inferiores hierárquicos pelo nome de batismo. Stevens então argumenta que seu

pai pode até ser “nominalmente” o submordomo e, portanto, um inferior hierárquico da governanta, mas que sua elevada distinção e o fato de ele na verdade ser “muitíssimo mais do que isso” deveriam ser autoevidentes para qualquer pessoa que tivesse olhos. Insatisfeita com a resposta, Miss Kenton pressiona Stevens para que ele lhe diga o que exatamente seu pai teria de especial, fora ser um submordomo competente, ao que Stevens responde que o pai sempre soube exatamente o lugar de cada coisa, enquanto a governanta teria problemas em identificar o que é o quê e qual seria o lugar das coisas. É claro que, explicitamente, Stevens está falando de objetos domésticos, mas, na nossa leitura, essa valorização do lugar de cada coisa e do entendimento do que é o quê está associada à forma como ele tenta forjar para si uma espécie de linhagem de nobreza que, assim como a nobreza aristocrática, seria invisível, porém autoevidente.

Enquanto servia ao lorde acreditando que este seria uma síntese possível entre nobreza de sangue e de intenções, Stevens pensava sua própria dignidade em termos relacionais: ali, a dignidade do mordomo advinha da dignidade intrínseca do lorde. Tendo sido o lorde duplamente enterrado, Stevens se volta à ideia de que sua dignidade poderia advir da relação com o pai. Mas quem era o pai de Stevens? Objetivamente, um nada, ainda menos que seu filho: não apresentava um grande domínio da língua ou dos conhecimentos gerais valorizados à época (VESTÍGIOS, p. 45-46; REMAINS, p. 35), não serviu nem a um membro da nobreza de sangue nem a um homem que, apesar de sua origem plebeia, tivesse dado alguma contribuição essencial “ao futuro bem-estar do Império”. Longe de se intimidar por esses obstáculos objetivos que separariam William Stevens da grandeza, o narrador pensa a dignidade do pai como sendo também ela de ordem intrínseca. Por isso, ao explicar a Miss Kenton o porquê de ser inapropriado que uma pessoa como ela trate seu pai pelo primeiro nome, Stevens na verdade não explica nada a respeito do pai, preferindo falar da inabilidade de Miss Kenton em reconhecer a natureza de cada coisa e de colocá-las em seus devidos lugares²².

Stevens tenta operacionalizar uma subsunção existente do velho mundo no novo. Ele percebe que a antiga ordem está sendo superada e deseja preservar um espaço para ela dentro da nova ordem. Plano A: trabalhar para um nobre de atitudes nobres, a síntese perfeita entre valores antigos e novos. Plano B: trabalhar para um burguês de atitudes nobres. Plano C: ocupar ele próprio o lugar simbólico do nobre. Ele, que vestia os nobres na posição de valete,

²² É possível pensar em como, ao exaltar a paisagem inglesa em oposição aos espaços coloniais, o romance não estaria falando também dessa Inglaterra cuja dignidade imperial, antes conferida por sua relação com as colônias, agora precisa se pensar como uma dignidade, total, intrínseca.

também se veste deles através das roupas que ganha de presente. Ele, que deve ser uma espécie de lorde do seu tamanho, em seu lugar social, que deve falar mais próximo dos nobres, que lê a revista *A Quarterly for the Gentleman's Gentleman*²³, indicando sua função de duplo rebaixado, também se passa por nobre diante dos camponeses, das senhoras de hospedaria. Sem um nobre para espelhar, decide passar de projeção a objeto. A forma de manter o lugar do velho mundo é quebrando um protocolo desse próprio mundo e aceitando como nobres industriais, americanos, mordomos de industriais, a si próprio. A mobilidade formal do novo mundo é aproveitada e instrumentalizada por Stevens, assim como a nobreza de intenções, o aperfeiçoamento pessoal, o humanismo (no sentido de querer um padrão comprometido com o bem geral e com o “avanço da humanidade”, um conceito que de aristocrático não tem nada). A opção a isso, a esse tipo de adaptação radical, é desaparecer junto com a Sociedade Hayes e seu fundamentalismo sanguíneo. Nesse sentido, o próprio Stevens é o vestígio do dia. Tudo com que ele se preocupa e que quando ele sai dos limites da casa não existe mais na verdade resiste nele, e não no mundo. É tudo pequeno no mundo e grande nele, e o que ele toma por importante não é o que devia ser.

Engrossando o sangue

Se o sangue já não basta ou sequer existe, demonstrações externas de nobreza ganham relevo. Em *A Sociedade de Corte*, Norbert Elias explica como, durante o Absolutismo francês, a etiqueta se tornou uma das maiores armas da nobreza em sua disputa de espaço com a burguesia burocrata emergente. A exacerbação de um intrincado código interno de conduta baseado no autocontrole e na interiorização das coerções cria um *habitus* totalmente inédito que é usado pela nobreza de sangue para se diferenciar e para exteriorizar uma superioridade que antes se supunha interna e inquestionável demais para necessitar de prova. Uma vez que a aristocracia consegue estabelecer esse *habitus* como algo socialmente valorizado, outras camadas sociais tentam copiá-lo, o que leva a um aumento cada vez maior dos protocolos e de sua sofisticação. Ter esse *habitus* internalizado na forma de uma segunda natureza ao mesmo tempo óbvia e de difícil elucidação tem tudo a ver com o que Stevens entende por dignidade e é exatamente o que os “bolcheviques” de Moscombe expressam ao dizer que “quem tem olhos” consegue reconhecer um *gentleman*. Quer dizer, mesmo um

²³ “A revista do cavalheiro do cavalheiro”.

grupo de trabalhadores incapaz de diferenciar um nobre de um mordomo ou de um médico do interior entende a linguagem do *habitus* aristocrático e acredita em seu canto de sereia. Trata-se aqui de uma alodoxia: os camponeses percebem valor em um *habitus* que não possuem, percebem a falta, embora não consigam defini-la ou supri-la:

“Dava para dizer só de olhar que não era um cavalheiro. Está certo que tinha uma boa casa e boas roupas, mas de algum jeito a gente já sabia. E foi o que o tempo acabou demonstrando.”

Houve novo murmúrio de concordância e, por um momento todos os presentes pareceram estar ponderando se seria ou não adequado me revelar a história referente àquele personagem local. Então, Mr. Taylor quebrou o silêncio, dizendo:

“É verdade o que Harry está dizendo. Dá pra diferenciar um cavalheiro de verdade de um falso, que está só vestido de roupa fina. Veja o senhor. Não é só o corte da sua roupa, nem o jeito fino de o senhor falar. Tem alguma coisa mais que mostra que o senhor é um cavalheiro. Difícil apontar o que é, mas quem tem olhos enxerga.” (VESTÍGIOS, p. 204-205; REMAINS, p. 194).

Stevens se sente diminuído por ter como patrão um homem que não possui as disposições necessárias para consumi-lo devidamente. Que não é capaz de perceber por si que ele é “the real thing”, que não é capaz de avaliar ou de valorizar o trabalho dele. É um trabalhador que se vincula afetiva e ideologicamente à aristocracia, que quer ser aristocrático em um mundo burguês, em uma situação em que o ritual de excelência não é funcional sequer como luxo e distinção para quem o consome. O patrão pode viver a aristocracia como mercadoria, comprá-la e consumi-la, mas o trabalhador, ainda aristocrático, de uma época de transição, ainda que tardia, não consegue ser mercadoria. Essa é a grande tensão da relação entre eles, aí reside sua diferença de expectativas quantitativas.

De bolha a fachada

Quando uma sociedade atinge certo nível de riqueza e de divisão do trabalho, há espaço para que as frações médias e altas se dediquem a atividades cuja lógica é relativamente autônoma da materialidade econômica e cujo valor só é percebido por aqueles que compartilham de seu sentido. A manutenção da aristocracia inglesa pode ser lida nessa chave, como um campo simbólico específico que pode ser sustentado pela velha elite porque ainda

tem quem trabalhe para ela, mesmo que a classe dominante já seja outra. Nesse rescaldo, o mordomo foi formado por uma experiência que lhe inscreveu na subconsciência disposições que não têm valor na economia, apenas no campo simbólico da aristocracia. Ao contrário do mundo burguês, onde tudo tem de ser mercadoria, o mundo aristocrático reserva espaço para rituais e simbolismos que não têm nenhuma relação direta com o dinheiro. Como se trata de um contexto pós-guerra e de perda de importância da Inglaterra, no qual não há riqueza sobrando para que essa classe aristocrática sustente suas atividades simbólicas, o mordomo foi reduzido de agente do que seria um campo simbólico aristocrático para uma coisa mercadoria de luxo. Dessa forma, uma tensão que superficialmente pode ser lida como um mero “choque cultural” no sentido rasteiro da coisa ou como uma simples dificuldade do mordomo em se adaptar a “novos tempos” revela um embate complexo entre dois modos de vida que, no caso específico da Inglaterra, permanecem de certo modo justapostos até hoje. Na época do lorde, patrão e mordomo vivem em uma bolha residual na qual o mordomo é um agente simbólico. Na época do americano, patrão e mordomo vivem em uma fachada na qual o mordomo é mercadoria de luxo e selo de autenticidade.

Esse embate entre o patrão burguês e o trabalhador que não se sente trabalhador e que é resumido a mercadoria é exposto de muitas formas. Uma das mais significativas é no diálogo em que Mr. Farraday recomenda que Stevens aproveite uma viagem do patrão para fazer ele próprio uma viagem pela redondeza (VESTÍGIOS, p. 11-12; REMAINS, p. 3-4). Do ponto de vista do patrão, é uma lástima que o mordomo tenha passado a vida enfiado naquela casa e que conheça tão pouco dos arredores. Stevens agradece a gentileza, mas diz que viu tudo o que poderia desejar entre aquelas paredes. O que ele quer dizer é que passou a vida entre nobres, entre grandes personalidades e que, de certo modo, acompanhou o andamento de grandes questões servindo a essas pessoas (VESTÍGIOS, p. 12; REMAINS, p. 4). Agora, no entanto, Stevens já não serve a um nobre, serve a um burguês que só se ocupa de si. É como se sua vida tivesse perdido a dimensão épica e entrado de vez na dimensão individual mais comezinha.

Servindo a um nobre preocupado com os destinos da Europa, Stevens se imaginava ele próprio um general comandando sua pequena tropa doméstica (VESTÍGIOS, p. 90-91; REMAINS, p. 53). Um café derramado ou uma sopa servida na temperatura errada teriam implicações inimagináveis. Afetariam os ânimos daqueles grandes homens, o que por sua vez afetaria os rumos da Europa. Ao servir o americano, um café derramado é um café derramado. Uma prata mal polida é uma prata mal polida. As coisas se resumem a elas próprias, isso quando não são menores do que elas próprias.

Nos tempos do lorde, o doméstico não era exatamente doméstico. A casa era palco de convenções, de encontros, sediava disputas grandiosas. Quando se encontra em uma situação constrangedora com os camponeses de Moscombe, que o tomam por cavalheiro, Stevens dá a entender que trabalhava com “política exterior” (VESTÍGIOS, p. 207; REMAINS, p. 197). Não chega a ser uma mentira, e certamente é assim que ele enxergava seu trabalho. Essa perda da dimensão épica é irônica porque, embora o antigo patrão de Stevens estivesse preocupado com questões maiores do que sua vida individual, suas ações coletivas foram todas equivocadas. Melhor seria se ele tivesse ficado em casa, tomando chá. A postura de Stevens em relação ao americano — mas também em relação ao lorde — tem algo de superior e de condescendente. Stevens deliberadamente busca um sujeito para ocupar a posição de seu senhor e a partir daí tenta minorar e perdoar todos os (muitos) aspectos e situações nos quais os sujeitos concretos que ocupam esse lugar estão aquém do exercício dessa função.

Um brinde à honra

Lorde Darlington, por sua vez, também encontra-se em embate contra a sua perda de importância, contra a tentativa de ser transformado em mero adorno na sociedade inglesa. Ele não aceita que seu modo de vida tenha sido incorporado como rele artefato de uma cultura residual, mobilizado para manter a centralidade da dominação burguesa. Naquele momento histórico, o que se esperava da aristocracia era que aceitasse que sua existência fosse resumida ao plano simbólico, que se mantivesse como classe rentista com rituais extravagantes, e nada mais. Mas o que Lorde Darlington faz é tentar permanecer em um mundo em que uma reunião informal entre nobres resolve algo, revoga imposições discutidas por Estados em um armistício. O que ele faz é se voltar contra a ideia de um aparato estatal impessoal e técnico como único representante legítimo de um povo. A isso opõe-se sua ideia aristocrática de moral e cortesia, do que um cavalheiro deve fazer diante de um inimigo derrotado. Ele tenta sobrepor aquilo que ele acredita ser o *ethos* do povo inglês ao Estado britânico. Para além de suas escolhas políticas condenáveis, os gestos de Lorde Darlington já não significam o que ele acredita que signifiquem. É um personagem que falha em perceber que as coisas ao seu redor foram mantidas sem que o fossem as estruturas sociais que as sustentavam. As paredes de Darlington Hall “têm uma certa espessura” e ainda assim são de papel. Tudo ali é autêntico e ainda assim “very skilful, but mock”. É disso que fala o senador americano Mr. Lewis ao

acusar os nobres da conferência de Darlington Hall de ingênuos que até seriam adoráveis se não fossem perigosos (VESTÍGIOS, p. 117; REMAINS, p. 106-107).

A saída da bolha residual mantida pelo lorde também representa uma entrada de Stevens em um mundo em que as diferenças sociais são de outra ordem. As hierarquias do Antigo Regime partem do pressuposto de que o mundo se ordena em uma articulação entre diferentes — cada qual cumprindo uma função no todo —, e não como uma somatória de indivíduos iguais (HESPANHA, 2010, p. 54-56). A natureza espontaneamente ordenada do mundo criaria hierarquias sociais que deveriam ser mantidas para que o fossem a ordem e o bom funcionamento das coisas. A cada um, do nobre ao mais humilde, caberia uma função específica que seria diferente, mas não necessariamente rebaixada. Porque, na lógica de um mundo composto de iguais — a lógica burguesa —, o de baixo é o não de cima, é o que não foi capaz de ascender. Já nessa lógica hierarquizada e organizada do Antigo Regime, não há espaço para a ideia de inferioridade social indicando uma inferioridade de outra ordem.

No plano do Direito, isso se refletiria em um tratamento jurídico mais favorável em matéria de desculpabilização, além de uma presunção de inocência e de boa fé dos humildes. Essa inocência do humilde é essencial na autodefesa de Stevens. Aqui está um personagem capaz de fazer uma verdadeira junção entre valores burgueses e aristocráticos a fim de, por um lado, se desresponsabilizar de suas filiações no mundo aristocrático, por outro, manter o que for possível de seu mundo perdido. O mundo burguês é o da igualdade formal e da responsabilidade pessoal. Nesse mundo, em princípio não há espaço para um homem adulto demitir empregadas judias por serem judias, organizar conferências de simpatia nazista e não se responsabilizar pelo resultado de suas ações, ainda que tenha agido a mando de outro. Diante disso, desse dilema um tanto Eichmann do trabalho doméstico, Stevens recorre à tutela do Antigo Regime. No entanto, ele próprio afirma que uma diferença crucial entre sua geração de mordomos e as anteriores é que eles buscavam patrões que tivessem causas nobres — uma forma de subsumir o mundo aristocrático em uma nova ordem em que já não era possível garantir a nobreza de sangue dos patrões. O personagem aproveita esse mundo em transição para negociar entre valores morais, selecionando os que lhe forem convenientes. Na hora de ser responsabilizado por suas atitudes durante a guerra, Stevens é o mais tutelado dos criados. Já na hora de incorporar a mobilidade social como forma de manter a posição simbólica do patrão, de assimilar a atitude burguesa de melhoramento pessoal, de dizer que a valorização do sangue é esnobismo, de quebrar todo o fundamento hierárquico que é a única coisa que pode aliviar sua culpa colaboracionista, ele é completamente assimilado ao pensamento contemporâneo.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou apresentar uma análise de *Os Vestígios do Dia* baseada na ideia de que o romance de Kazuo Ishiguro produz um efeito particular decorrente da sobreposição de camadas temporais: o presente da narração, a época em que se localiza cada fato narrado, o passado mítico de uma Grande Inglaterra, e o momento da publicação da obra. Através do discurso hipercontrolado de um mordomo que busca ao mesmo tempo compreender e justificar suas escolhas de vida, Ishiguro viabiliza uma estratégia autoral na qual as fissuras na narrativa do protagonista se dão à revelia do narrador e precisam ser recompostas pelo leitor. Em *Os Vestígios do Dia*, tudo acontece pela perspectiva de um sujeito para quem a recusa em aceitar o novo o faz empreender uma tentativa de manter tudo como era antes, mas em circunstâncias que objetivamente não permitem essa manutenção. Desse modo, o anseio do narrador de tentar continuar com os antigos padrões e a desconfiança, que se insinua nas frestas de seu discurso, de que isso talvez não seja possível, parecem se combinar sem resolução nesse drama pessoal.

A exposição dos fatos históricos no romance cria um efeito de ironia com seus leitores imediatos. Se em 1956 o narrador confronta o declínio do Império Britânico, sua trajetória diz muito a um público que, no fim da Era Thatcher, precisa digerir o processo de desmonte do Estado de Bem-Estar Social daquele país. No conjunto, a lembrança do entreguerras, a presente situação do narrador diante da derrocada definitiva do Império Britânico e o momento histórico vivido pelos leitores contemporâneos à obra parecem juntar-se em uma trama elaborada sobre um mundo em ruínas que tenta manter-se a todo custo como glorioso, e cujo resultado é o sabor amargo da derrota pessoal que não se assume como tal. Desse modo, a “grande” história é refratada por uma perspectiva limitada que, não obstante sua derrota objetiva, continua a reafirmar a grandeza.

REFERÊNCIAS

- ANNAN, Gabriele. On The High Wire. *New York Review of Books*, 7 dez. 1989, p. 3-4.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 [1963].
- APPIAH, Kwame Anthony. Liberalism, individuality, and identity'. *Critical Inquiry*, v. 27, n. 2, 2001, p. 305-332.
- ASH, John. Stick It Up Howard's End, *GQ*, 1994, p. 43.
- ATKINSON, Rob. How the Butler Was Made to Do It: The Perverted Professionalism of *The Remains of the Day*. *The Yale Law Journal*, v. 105, n. 1, 1995, p. 177-220.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte da época de sua reprodutibilidade técnica [1936]. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. Londres: Routledge, 1994.
- BOOTH, Wayne. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1982].
- _____. *Meditações Pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 [1997].
- _____. *Homo Academicus*. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011 [1984].
- BRAY, Joe. *The Epistolary Novel: Representations of Consciousness*. Londres: Routledge, 2003.
- BUENO, Bernardo. Kazuo Ishiguro. Em: MASINA, Léa; ROSP, Rodrigo (orgs). *Por que ler os contemporâneos: autores que escrevem o século XXI*. Porto Alegre: Dublinense, 2014, v. 1, p. 58-60.
- CARDULLO, Bert. The Servant. *The Hudson Review*, v. 47, n. 4, 1995, p. 616-622.
- CEVASCO, Maria Elisa. Kazuo Ishiguro: a experiência do deslocamento. *O Estado de S. Paulo*, 05 jan. 1991, p. 74-75.
- CHARTIER, Roger. Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador [1985]. Trad. André Telles. In: ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Trad. Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [1974], p. 21-22.

DAPIEVE, Arthur. O inglês de olhos puxados. *Jornal do Brasil*, 25 ago. 1990, caderno B, p. 5.

DYER, Geoff. What the Butler Did. *New Statesman and Society*, 26 maio 1989, p. 21.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [1974].

ELIOT, T. S. The Love Song of J. Alfred Prufrock [1915]. In: ELIOT, T. S. *The Poems of T. S. Eliot: Collected and Uncollected Poems (v. 1)*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2015.

EKELUND, Bo. Misrecognizing History: Complicitous Genres in Kazuo Ishiguro's *The Remains of the Day*. *International Fiction Review*, v. 32, n. 1 e 2, 2005, p. 70-90.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Letters to Americans, 1848-1895: A Selection*. Nova Iorque: International Publishers, 1953.

FURST, Lilian. Memory's Fragile Power in Ishiguro's *Remains of the Day* and W. C. Sebald's *Max Ferber*. *Contemporary Literature*, v. 48, n. 4, 2007, p. 530-553.

GAEHTGENS, Thomas. *Versailles. De la Résidence royale au musée historique. La galerie des Batailles dans le musée historique de Louis-Philippe*. Paris: Albin Michel, 1984.

GRAVER, Lawrence. What the Butler Saw. *New York Times Book Review*, 08 out. 1989, p. 33.

GRENIER, Richard. Servants, Masters, and the Art of Bantering. *The National Interest*, n. 35, 1994, p. 65-72.

GROSSI, Solange de Almeida. Considerações sobre o romance *The Remains of the Day*, de Kazuo Ishiguro. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS – CULTURA E REPRESENTAÇÃO, 10, 2010, Assis. *Anais...* Assis: UNESP, 2010.

GUREWICH, David. Upstairs, Downstairs. *New Criterion*, dez.1989, p. 77-80.

GUTH, Deborah. Submerged Narratives in Kazuo Ishiguro's *The Remains of the Day*. *Forum for Modern Language Studies*, v. 35, n. 2, 1999, p. 126-137.

HALIFAX. Lord. *The fullness of days*. Nova Iorque: Dodd, Mead & Co., 1957.

HESPANHA, António Manuel. *Imbecillitas: as bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime*. São Paulo: Annablume, 2010.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1994].

_____. Lenin and the Aristocracy of Labor. In: SWEEZY, Paul; MAGDOFF, Harry. *Lenin Today: Eight Essays on the Hundredth Anniversary of Lenin's Birth*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1970, p. 47.

HORN, Pamela. *Country House Society: The Private Lives Of England's Upper Class After The First World War*. Stroud: Amberley Publishing, 2015.

HOWARD, Ben. A Civil Tongue: The voice of Kazuo Ishiguro. *The Sewanee Review*, v. 109, n. 3, 2001, p. 398-417.

HUTCHINGS, William. Review of *The Remains of the Day*. *World Literature Today*, v. 64, n. 3, 1990, p. 463-464.

ISHIGURO, Kazuo. *An Artist of the Floating World*. Londres: Faber and Faber, 1986.

_____. *A Pale View of Hills*. Londres: Faber and Faber, 1982.

_____. *Never Let Me Go*. Londres: Faber and Faber, 2005.

_____. *Os vestígios do dia*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1989].

_____. *Os vestígios do dia*. Trad. Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Rocco, 1990 [1989].

_____. *The Remains Of The Day*. London: Faber and Faber, 1999 [1989].

JAMES, David. Artifice and Absorption: The Modesty of Kazuo Ishiguro's *The Remains of the Day*. In: MATTHEWS, Sean; GROES, Sebastian. *Kazuo Ishiguro: Contemporary Critical Perspectives*. Londres: Continuum, 2009.

JAMES, Henry. *The Beast in the Jungle* [1903]. In: JAMES, Henry. *The Turn of the Screw and Other Short Novels*. Nova Iorque: Signet Classics, 2007, p. 396-444.

KAKUTANI, Michiko. An era revealed in a perfect Butler's Imperfections'. *New York Times*, 22 set. 1989, p. 33.

KAMINE, Mark. A Servant of Self-Deceit. *New Leader*, 13 nov. 1989, p. 21-22.

KEEGAN, John (org.). *Who's Who in World War Two*. Nova Iorque: Routledge, 2002 [1978].

LAGUARDIA, Adelaine. Fragmentos da Memória e Ruínas da História: notas sobre uma leitura de Kazuo de Ishiguro. *Revista Em Tese*, v. 5, 2002, p. 11-18.

LANG, James. Public Memory, Private History: Kazuo Ishiguro's *The Remains of the Day*. *CLIO: A Journal of Literature, History, and the Philosophy of History*, v. 29, n. 2, 2000, p. 143-165.

LEE, Henrique Oliveira; MOREIRA, Angela Tavares Nates. Ironia e contranarrativa da nação e da tradição em *O fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde, e *Os Resíduos do Dia*, de Kazuo Ishiguro. *Cadernos do IL*, n. 55, 2017, p. 239-256.

LEE, Henrique Oliveira; MOREIRA, Angela Tavares Nates. Uma investigação sobre a noção das reminiscências do protagonista e a temporalidade no romance *The Remains of the Day*. *REVLET: Revista Virtual de Letras*, v. 6, 2014, p. 127-139.

LEE, Hermione. Quiet Desolation. *The New Republic*, 22 jan. 1990, p. 36-38.

LEE, Susanne Wah. Of Dignity and Servility. *The Nation*, 18 dez. 1989, p. 761-763.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Penguin Companhia, 2016 [1899].

MACPHEE, Graham. Escape from Responsibility: Ideology and Storytelling in Arendt's *The Origins of Totalitarianism* and Ishiguro's *The Remains of the Day*. *College Literature*, v. 38, n. 1, 2011, p. 176-201.

MARTIN, Rafe. *The Hungry Tigress: Buddhist Myths, Legends, And Jataka Tales*. Cambridge: Yellow Moon Press, 1999.

MARX, Karl. *O Capital — Crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017 [1867].

_____. *O Capital — Crítica da economia política. Livro III: processo global de produção capitalista*. Ed. Friedrich Engels. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017 [1894].

MCCLELLAN, Andrew. *Inventing the Louvre: Art, Politics, and the Origins of the Modern Museum in Eighteenth Century Paris*. Londres: Cambridge University Press, 1994.

MCCOMBE, John. The End of (Anthony) Eden: Ishiguro's *The Remains of the Day* and Midcentury Anglo-American Tensions. *Twentieth Century Literature: A Scholarly and Critical Journal*, v. 48, n. 1, 2002, p. 77-99.

MCKEON, Michael. *Palestra Virtual Reality: the 17th and 18th Century Origins of a Modern Phenomenon*, proferida na Universidade de São Paulo em 07 mar. 2017.

MEDALIE, David. What Dignity is There in That?: The Crisis of Dignity in Selected Late-Twentieth-Century Novels. *Journal of Literary Studies*, v. 20, 2004, p. 48-61.

MEMMI, Albert. *The Colonizer and the Colonized*. Boston: Beacon Press, 1965 [1957].

MILLARD, Candice. *Hero of the Empire: The Boer War, a Daring Escape, and the Making of Winston Churchill*. Nova Iorque: Doubleday, 2016.

MOREIRA, Angela Tavares Nates. Dignidade, Nação e Tradição: Uma leitura através da fisionomia intelectual do personagem em *The Remains Of The Day*, de Kazuo Ishiguro. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, 2016.

O'BRIEN, Susie. Serving a New World Order: Postcolonial Politics in Kazuo Ishiguro's *The Remains of the Day*. *Modern Fiction Studies*, v. 42, n. 4, 1996, p. 787-806.

PAGE, Norman. Speech, Culture, and History in the Novels of Kazuo Ishiguro. In: CHAN, Miami; HARRIS, Roy (eds.). *Asian Voices in English*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 1991, p. 162.

PHELAN, James; MARTIN, Mary Patricia. The Lessons of Weymouth: Homodiegesis, Unreliability, Ethics, and *The Remains of The Day*. In: HERMAN, David. *Narratologies: New Perspectives on Narrative Analysis*. Columbus: Ohio State University Press, 1999, p. 88-109.

RAFFERTY, Terrence. The Lesson of the Master. *New Yorker*, 15 jan. 1990, p. 102-104.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. Kazuo Ishiguro e a cultura da memória. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (orgs). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: FALE-UFMG/POS-Lit, 2002, v. 1, p. 307-317.

RUBIN, Merle. A Review of *The Remains of the Day*. *Christian Science Monitor*, 13 nov. 1989, p. 13.

RUFFINI, Mirian. Memória em Kazuo Ishiguro: romance e cinema. Em: REICHMANN, Brunilda (org). *Assim transitam os textos: ensaios sobre intermedialidade*. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 111-126.

RUSHDIE, Salman. What the Butler Didn't See. *Observer*, 21 maio 1989, p. 53.

SCANLAN, Margaret. Mistaken Identities: First-Person Narration in Kazuo Ishiguro. *Journal of Narrative and Life History*, v. 3, n. 2 e 3, 1993, p. 139-154.

SEIDL, Antonio Carlos. Ishiguro lança livro no Brasil e se diz um inglês de olhos puxados. Folha de S. Paulo, 21 ago. 1990, p. E-1.

STENDHAL, *O Vermelho e o negro*. Trad: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2002 [1830].

STRAWSON, Galen. Tragically Disciplined and Dignified. *Times Literary Supplement*, 19 maio 1989, p. 535.

SUTHERLAND, John. Why Hasn't Mr. Stevens Heard of the Suez Crisis?. In: SUTHERLAND, John. *Where Was Rebecca Shot. Curiosities, Puzzles, and Conundrums in Modern Fiction*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1998, p. 188.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno, 1880 – 1950*. Trad. Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001 [1956].

SU, John. Refiguring National Character: The Remains of the British Estate Novel. *MSF: Modern Fiction Studies*, v. 48, n. 3, 2002, p. 552-580.

SUGIYAMA, Rose Yukiko. Espacialidades narrativas: uma leitura de An artist of the floating world de Kazuo Ishiguro. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo, 2009.

TAMAYA, Meera. Ishiguro's *Remains of the Day*: The Empire Strikes Back. *Modern Language Studies*, v. 22, n. 2, 1992, p. 45-56.

TAYLOR, Alan John Percivale. *English History, 1914-1945*. Oxford: Oxford University Press, 2001 [1965].

TEO, Yugin. *Kazuo Ishiguro and Memory*. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

TEVERSON, Andrew. Acts of Reading in Kazuo Ishiguro's *The Remains of the Day*. *Q/W/E/R/T/Y: Arts, Littératures & Civilisations du Monde Anglophone*, v. 9, 1999, p. 251-258.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Trad. Antonio Luigi Negro, Alexandre Fortes, Ligia Osorio Silva e Fernando Teixeira Silva. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

THURLOW, Richard. *Fascism in Britain, 1918-1945*. Londres: I.B.Tauris, 1998 [1987].

THWAITE, Anthony. In Service. *London Review of Books*, 18 maio 1989, p. 80.

TRIMM, Ryan. Inside Job: Professionalism and Postimperial Communities in *The Remains of the Day*. *Lit: Literature Interpretation Theory*, v. 16, n. 2, 2005, p. 138.

VARBLE, Derek. *Essential Histories: The Suez Crisis 1956*. Oxford: Osprey, 2003.

VORDA, ALAN; HERZINGER, Kim. An Interview with Kazuo Ishiguro. *Mississippi Review*, v. 20, n. 1, 2, 1991, p. 131-154.

ZYNGIER, Sonia. O romancista inglês Kazuo Ishiguro. *Caderno de Letras*, v. 8, 1992, p. 72-75.

WALL, Kathleen. *The Remains of the Day* and Its Challenges to Theories of Unreliable Narration. *The Journal of Narrative Technique*, v. 24, n. 1, 1994, p. 18-42.

WESTERMAN, Molly. Is the Butler Home? Narrative and the Split Subject in *The Remains of the Day*. *Mosaic: A Journal for the Interdisciplinary Study of Literature*, v. 37, n. 3, 2004, p. 157.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

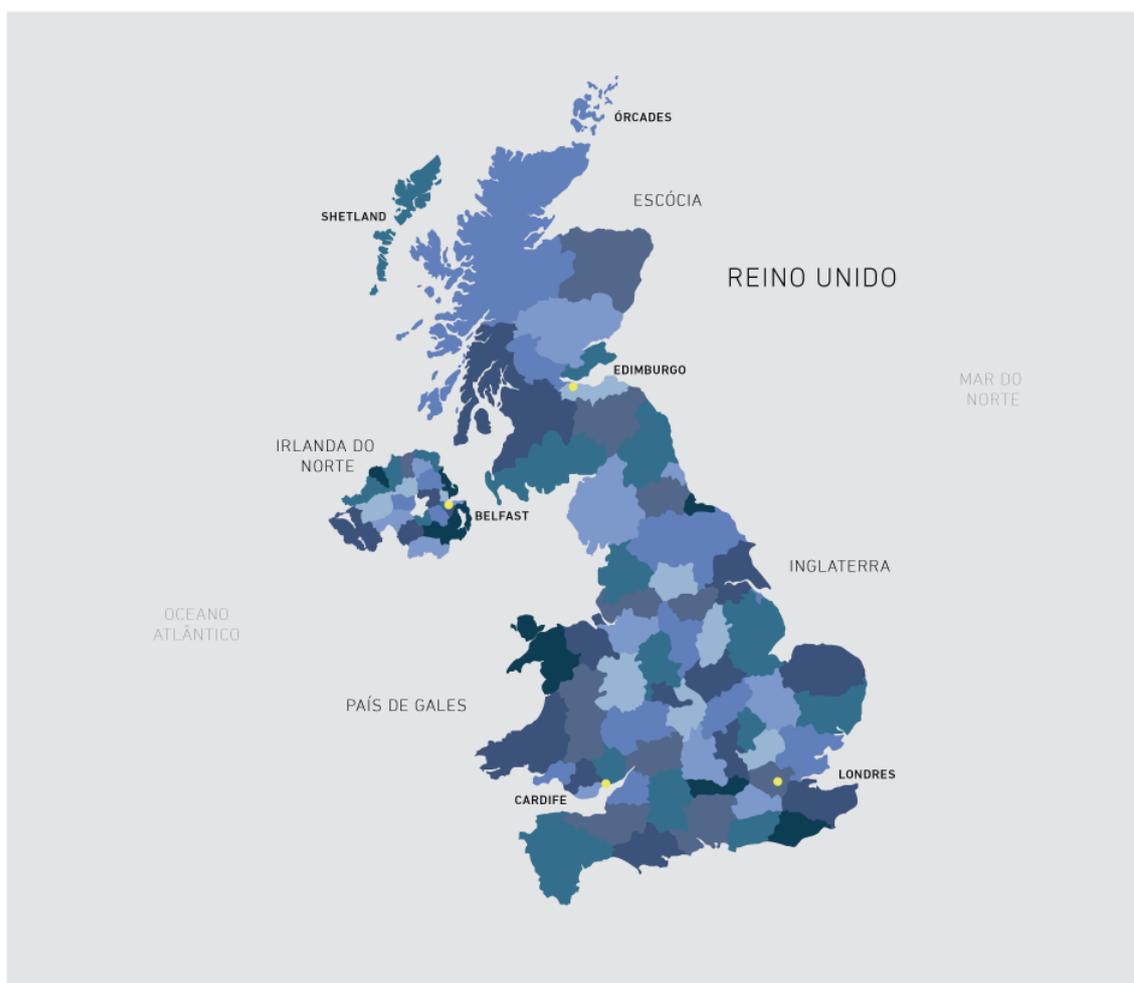
WONG, Cynthia. *Kazuo Ishiguro*. Devon: Northcote House, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - MAPAS

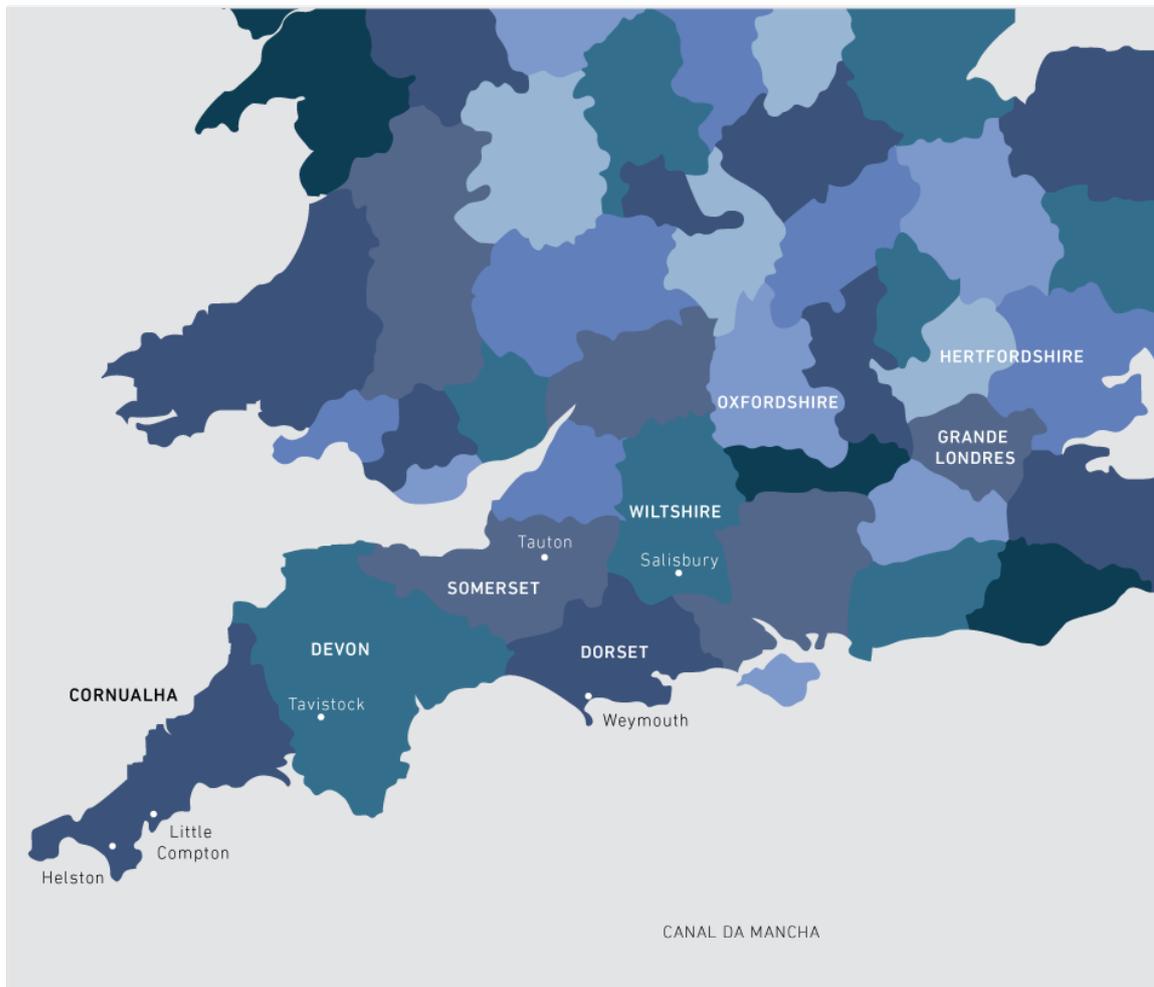
A maior parte da ação se passa em Darlington Hall, uma casa de campo centenária no condado de Oxfordshire, a oeste de Londres. O presente da narrativa se passa em uma viagem de Darlington Hall até a cidade de Little Compton, na Cornualha, no canto sudoeste da Inglaterra. No caminho, o personagem passa por Salisbury, Mortimer's Pond (cidade fictícia no condado de Dorset), Taunton e Moscombe (vila fictícia perto da cidade de Tavistock, em Devon). A cena final se passa em Weymouth. O mapa abaixo assinala ainda a cidade de Helston, onde Miss Kenton e o marido moravam, e Hertfordshire, onde o pai de Stevens trabalhava.

Figura 1 – Mapa do Reino Unido



Fonte: A autora, com base em COLLINS, 2018 *Collins Maps of Britain*. Londres: Collins, 2017

Figura 2 – Recorte da região da Inglaterra percorrida pelo personagem



Fonte: A autora, com base em COLLINS, 2018 *Collins Maps of Britain*. Londres: Collins, 2017

APÊNCIDE B - PERSONAGENS

Personagens principais:

Stevens: Narrador-protagonista, é mordomo de Darlington Hall há cerca de trinta e oito anos, tendo servido a Lorde Darlington por cerca de trinta e cinco. Encarna uma espécie de ideal do mordomo inglês: contido, leal e disciplinado.

Lorde Darlington: Aristocrata inglês dono de Darlington Hall. Lutou na Primeira Guerra Mundial e, após o Tratado de Versalhes, revoltou-se com as sanções à Alemanha por considerá-las moralmente injustas com um inimigo vencido. A amizade travada com o soldado alemão Herr Karl-Heinz Bremann e a decadência do amigo após os confrontos aumentam a indignação do lorde, que começa a se vincular a outros ingleses e a alemães contrários às sanções. Aos poucos, vai se associando a nazistas e fascistas e emite opiniões antissemitas, contrárias à democracia e de admiração ao autoritarismo alemão e italiano. Segundo outra personagem, Reginald Cardinal, Lorde Darlington chega a ser “a peça mais útil a Hitler em toda a Inglaterra”. Com o estouro da Segunda Guerra, é ostracizado como colaboracionista e morre em desgraça, em 1953. Aparentemente, nunca se casou, não teve filhos e vive de renda. Em determinada passagem, fica implícito que teria trabalhado no Ministério das Relações Exteriores. (VESTÍGIOS, p. 14, 19, 23, 27, 28, 69, 73, 74, 75, 76, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 100, 105, 106, 107, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 123, 136, 138, 139, 142, 143, 153, 154, 155, 156, 163, 164, 167, 169, 170, 171, 172, 185, 192, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 233, 234, 237, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 257, 258, 265, 266; REMAINS, p. 6, 11, 14, 18, 19, 38, 59, 63, 64, 65, 66, 74, 75, 76, 77, 79, 84, 90, 91, 95, 96, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 112, 122, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 143, 144, 145, 146, 154, 161, 205, 206, 209, 211, 223, 246, 247, 255)

Miss Kenton: Governanta de Darlington Hall entre 1922 e 1936, Miss Kenton (ou Mrs. Benn, no presente da narrativa) pede demissão em 1936, quando se casa e vai morar na Cornualha. Apaixonada por Stevens, faz diversas investidas enquanto trabalham juntos e, mesmo depois de casada, se separa do marido por três vezes ao pensar como seria a vida caso os dois ficassem juntos. A relação entre ela e o mordomo é abalada tanto por recusas e comentários indelicados da parte de Stevens quanto pela demissão das duas empregadas judias Sarah e Ruth, por volta de 1932, e pela forma como Stevens negligencia o próprio pai em seu leito de morte para cuidar da conferência de Lorde Darlington, em 1923. No presente da narrativa, tem aproximadamente 54 anos, é casada, tem uma filha e espera um neto. (VESTÍGIOS, p. 13, 18, 19, 20, 22, 29, 37, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 79, 80, 92, 93, 94, 99, 102, 105, 107, 108, 111, 118, 119, 120, 121, 124, 159, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 226, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 247, 248, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263; REMAINS, p. 5, 10, 12, 13, 14, 20, 26, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 82, 83, 84, 89, 91, 94, 97, 98, 100, 108, 109, 110, 111, 113, 149, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 216, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 230, 236, 237, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253)

William Stevens: Pai de Stevens, foi ele quem o treinou como lacaio. O auge de sua carreira foram os quinze anos que passou servindo ao industrial John Silvers, em Loughborough House. Citado por Stevens como um grande mordomo, apesar de não possuir os atributos que normalmente se esperava de um grande mordomo, como o domínio da língua e de conhecimentos gerais. Assim como o filho, se anulou em nome da profissão e da lealdade ao patrão. No fim da vida, no entanto, parece se arrepender disso. Morre em 1923, aos 72, tendo

passado seus últimos anos de vida como submordomo em Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 65, 66, 67, 111, 119; REMAINS, p. 55, 56, 100)

Mr. John Farraday: Americano rico que adquire Darlington Hall após a morte de Lorde Darlington. Sua profissão, idade, estado civil, se tem família, de que parte dos Estados Unidos ele seria, de onde viria seu dinheiro: nada disso é mencionado. Não liga para rituais ou para o nível de excelência que Stevens impõe à casa, e trata o mordomo de modo pouco formal. Uma menção a ter amigos na sociedade de Boston pode indicar que seja de lá. (VESTÍGIOS, p. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 37, 73, 85, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 149, 150, 157, 158, 256, 265, 268; REMAINS, p. 3, 4, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 27, 54, 63, 75, 126, 128, 129, 130, 132, 138, 139, 140, 147, 148, 246, 255, 258)

Personagens secundárias importantes para a trama:

Reginald Cardinal: Afilhado de Lorde Darlington e filho de Sir David Cardinal, surge primeiro na Conferência de 1923, como um jovem de vinte e três anos que está prestes a se casar. No final do livro, reaparece como um jornalista de certa fama que se dedica ao noticiário internacional e cujas posições diferem daquelas de Lorde Darlington. Em uma cena decisiva, tenta impedir que o padrinho promova um encontro entre o embaixador alemão Joachim von Ribbentrop, o então primeiro-ministro Stanley Baldwin e o secretário de relações exteriores Anthony Eden em Darlington Hall e alerta Stevens sobre os erros de Lorde Darlington. Morre na Bélgica, durante a Segunda Guerra. (VESTÍGIOS, p. 96, 97, 98, 99, 103, 105, 120, 123, 124, 233, 234, 235, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 257; REMAINS, p. 85, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 109, 112, 113, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 233, 234, 235, 247)

John Silvers: Industrial que foi patrão do pai de Stevens por quinze anos em Loughborough House, em Hertfordshire. Morre em 1922. (VESTÍGIOS, p. 48, 50, 52, 53, 64; REMAINS, p. 38, 39, 42, 43)

Herr Karl-Heinz Bremann: Combatente alemão que se torna amigo de Lorde Darlington durante a Primeira Guerra Mundial e cuja derrocada pessoal após o conflito leva o britânico a questionar os termos do armistício. Se suicida com um tiro, em um trem de Hamburgo a Berlim. Morre na miséria, sem casa e sem família. As posições políticas do próprio Bremann não são mencionadas. (VESTÍGIOS, p. 84, 85, 86, 87, 88, 113; REMAINS, p. 74, 76, 77, 103)

Sir David Cardinal: Pai de Reginald Cardinal, amigo pessoal de Lorde Darlington e seu principal aliado durante a Conferência de 1923. Morre em um acidente a cavalo, por volta de 1930. (VESTÍGIOS, p. 88, 89, 94, 96, 97, 98, 101, 107, 115, 233; REMAINS, p. 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 90, 96, 104, 223)

M. Dupont: “Um certo francês muito famoso” que concordou em participar da Conferência de Darlington Hall “em bases estritamente ‘extraoficiais’” e cuja presença era considerada essencial para o sucesso da reunião. (VESTÍGIOS, p. 90, 95, 96, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 121, 122, 124; REMAINS, p. 80, 84, 85, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 113)

Mr. Lewis: Senador americano nascido na Pensilvânia que participa da Conferência de Darlington Hall e que, no jantar de encerramento, afirma que os demais participantes seriam amadores bem-intencionados, mas sem capacidade para opinarem em assuntos internacionais. (VESTÍGIOS, p. 99, 100, 101, 102, 105, 106, 109, 110, 111, 116, 117, 118, 120, 234; REMAINS, p. 89, 90, 91, 95, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 109)

Mrs. Jane Symons: Autora da série de livros de viagem *The Wonder of England (As Maravilhas da Inglaterra, ficcional)* e visita contumaz nos tempos de Lorde Darlington. (VESTÍGIOS, p. 20, 22, 38, 81, 253; REMAINS, p. 11, 12, 14, 28, 70, 243)

Mr. Harry Graham: Valete-mordomo de Sir James Chambers com quem Stevens costumava discutir aspectos da profissão e o sentido da palavra dignidade, mas com quem perdeu o contato. Uma discordância entre ele e Stevens era a de que, para Graham, a dignidade seria algo intrínseco, e não desenvolvível. (VESTÍGIOS, p. 27, 28, 40, 42, 44, 45, 55, 56, 133, 189, 190, 191; REMAINS, p. 19, 20, 30, 31, 33, 44, 45, 122, 179, 180)

Mr. Marshall, da Charleville House: Citado por Stevens como um dos grandes mordomos de sua geração. Teria sido um dos responsáveis por tornar o polimento da prata algo central para a profissão. (VESTÍGIOS, p. 40, 44, 45, 46, 55, 125, 133, 152, 222; REMAINS, p. 29, 33, 34, 35, 44, 114, 115, 123, 142, 211)

Mr. Lane de Bridewood: Citado por Stevens como um dos grandes mordomos de sua geração. (VESTÍGIOS, p. 40, 44, 45, 55, 125, 133, 222; REMAINS, p. 29, 33, 34, 44, 114, 123, 211)

Mr. Jack Neighbours: Criticado por Stevens como um dos mordomos “da moda” que teria feito sucesso por dois ou três anos durante a década de 1930. Morreu na Segunda Guerra. (VESTÍGIOS, p. 40, 41, 53, 150; REMAINS, p. 30, 43, 142, 143)

Leonard: Irmão mais velho de Stevens morto durante a Guerra Sul-Africana quando ele ainda era garoto, em uma missão que o narrador identifica como “particularmente infame” e indigna. (VESTÍGIOS, p. 51; REMAINS, p. 41)

General: General que teria liderado a missão onde o irmão de Stevens morreu de forma inútil. A manobra teria sido feita sem cuidados militares básicos e, após o episódio, teriam pedido até mesmo corte marcial para o General, que no entanto foi apenas aposentado, tendo indo trabalhar com carregamentos provenientes da África do Sul, o que deixa implícita a ideia de favorecimento pessoal. (VESTÍGIOS, p. 52, 53; REMAINS, p. 42, 43)

Mr. Benn: Marido de Miss Kenton. Ex-mordomo que abandonou a profissão para trabalhar numa empresa. Miss Kenton afirma que ele tinha ambições de servir em uma casa como Darlington Hall, mas que seus métodos como mordomo eram falhos. (VESTÍGIOS, p. 60, 256, 262; REMAINS, p. 50, 246, 252)

Mrs. Wakefield: Americana que visita Darlington Hall com Mr. Farraday e o marido, e que desconfia que tanto a casa quanto Stevens sejam meras imitações hábeis. (VESTÍGIOS, p. 138, 139, 140, 141, 142; REMAINS, p. 128, 129, 130, 131, 132)

Mr. Wakefield: Americano que visita Darlington Hall com Mr. Farraday. Residente em Kent há vinte anos, parece também morar numa casa de campo inglesa “de certo esplendor” e tem bons conhecimentos sobre as tradições inglesas e aristocráticas. (VESTÍGIOS, p. 138, 139, 140; REMAINS, p. 128, 129, 130)

Mrs. Carolyn Barnet: Membro das camisas-negras de Sir Oswald Mosley que exerceu uma “excepcional influência sobre Lord Darlington” no início dos anos 1930. Viúva, tinha cerca de quarenta anos à época dessa influência e era uma mulher muito bonita. Stevens atribui a ela a demissão das empregadas judias, mas afirma que sua influência não tenha sido inteiramente negativa uma vez que levou Lorde Darlington a áreas pobres do East End de Londres,

acentuando sua preocupação com os despossuídos. (VESTÍGIOS, p. 163, 164, 169; REMAINS, p. 153, 154, 159)

Sarah: Ex-empregada de Darlington Hall demitida em 1932, quando Lorde Darlington manda dispensar todos os funcionários judeus da casa. (VESTÍGIOS, p. 167, 172; REMAINS, p. 156, 157, 162)

Ruth: Ex-empregada de Darlington Hall demitida em 1932, quando Lorde Darlington manda dispensar todos os funcionários judeus da casa. (VESTÍGIOS, p. 167, 172; REMAINS, p. 156, 157, 162)

Lisa: Contratada para substituir Sarah e Ruth, chega à casa com poucas credenciais, o que faz com que Stevens a considere inadequada. Já Miss Kenton enxerga grande potencial na moça e decide treiná-la. Lisa de fato mostra rápido progresso, mas termina abandonando o cargo em menos de nove meses para se casar com outro funcionário, o que decepciona Miss Kenton. Em dado momento, Miss Kenton acusa Stevens de ter recusado Lisa apenas por ser uma moça bonita, afirmando que o mordomo evitaria moças assim para afastar tentações. (VESTÍGIOS, p. 173, 174, 175; REMAINS, p. 163, 164, 165, 166)

Mr. Harry Smith: Espécie de líder comunitário que milita em Moscombe e cujas opiniões a respeito do que seria dignidade perturbam Stevens. Defensor do Estado de bem-estar social e do Imperialismo Britânico. (VESTÍGIOS, p. 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 220, 221, 229, 230; REMAINS, p. 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 209, 210, 219, 220)

Dr. Richard Carlisle: Médico da região de Moscombe, chegou ao vilarejo em 1949, quando era um socialista engajado que acreditava em serviços melhores para todos. Não fica claro no que acredita em 1956, no presente da narrativa, mas defende a independência das colônias, ao contrário de Harry Smith. (VESTÍGIOS, p. 204, 205, 210, 211, 212, 213, 227, 228, 229, 231; REMAINS, p. 193, 194, 199, 200, 201, 202, 217, 218, 219, 220, 221)

Personagens históricas:



Herr Ribbentrop: Joachim von Ribbentrop (1893 – 1946) foi ministro de Relações Exteriores da Alemanha nazista entre 1938 e 1945 e uma das figuras mais influentes do Terceiro Reich. Foi também um dos líderes nazistas acusado de crimes contra a humanidade pelo Tribunal de Nuremberg, condenado à morte e enforcado após a derrota e rendição alemã na Segunda Guerra Mundial. Embaixador em Londres entre 1936 e 1938, foi um dos grandes responsáveis pela manutenção da política de apaziguamento adotada pelo governo britânico da época. No romance, é visita frequente em Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 153, 154, 155, 156, 238, 244, 246; REMAINS, p. 143, 144, 145, 146, 228, 233, 235)



Sir Oswald Mosley: Sir Oswald Ernald Mosley (1896 – 1980), 6º baronete, foi um dos principais líderes da extrema-direita fascista da Inglaterra e um ativista contra a guerra germano-britânica, tendo sido fundador da União Britânica de Fascistas. Mosley teria visitado Darlington Hall em duas ou três ocasiões, segundo o narrador. (VESTÍGIOS, p. 156, 164; REMAINS, p. 146, 154)



George Bernard Shaw: Dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista irlandês, Shaw (1856 – 1950) foi co-fundador da London School of Economics e autor de comédias satíricas. Socialista fabiano, fez comentários simpáticos a Hitler na década de 1930 por considerá-lo uma opção à democracia liberal. É citado no livro como um dos visitantes de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 153; REMAINS, p. 143)



Lady Astor: A viscondessa Nancy Witcher Langhorne Astor (1879 – 1964) foi a primeira mulher a ocupar o cargo de deputada no parlamento britânico, em 1919, depois que o marido, Waldorf Astor, foi para a Câmara dos Lordes e a elegeu como sucessora. Membro do Partido Conservador, ela permaneceu no parlamento até 1945. Defensora da política do apaziguamento, Astor simpatizava com os nazistas por acreditar que eles controlariam o “problema” dos judeus e da ameaça comunista, mas via com maus olhos a forma como o regime alemão desvalorizava a participação feminina. É citada no livro como uma das visitantes de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 153; REMAINS, p. 143)



Lorde Halifax: Edward Frederick Lindley Wood (1881 – 1959), 1º Conde de Halifax, foi um nobre, diplomata e político britânico conservador, tendo sido Secretário de Relações Exteriores e embaixador nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Entre 1926 e 1931, foi vice-rei e governador-geral da Índia Britânica. Embora seja considerado um dos arquitetos da política do apaziguamento, após a ocupação alemã da Tchecoslováquia, em março de 1939, Halifax foi um dos que apoiaram uma mudança na posição britânica frente à Alemanha, prometendo ir à guerra para defender a Polônia. Quando o então primeiro-ministro Neville Chamberlain foi retirado do cargo, em maio de 1940, Halifax recusou o posto por considerar que Churchill seria um líder de guerra mais adequado. Já nas primeiras semanas no cargo, no entanto, Churchill escanteou Halifax por discordar de suas tentativas de negociação com a Itália (KEEGAN, 1978, p. 69). No livro, Halifax encontra-se com Herr Ribbentrop em Darlington Hall, embora pareça ter sido pressionado a participar desse encontro. (VESTÍGIOS, p. 153, 154, 156, 157, 208, 212; REMAINS, p. 143, 144, 146, 147, 197, 201)



Hitler: Em *Os Vestígios do Dia*, Adolf Hitler (1889 – 1945) só é mencionado em três ocasiões: uma por Stevens, uma por Harry Smith e a outra por Reginald Cardinal. (VESTÍGIOS, p. 206, 244, 245, 246, 247; REMAINS, p. 144, 196, 233, 235, 236)



Mr. Churchill: No livro, Winston Leonard Spencer-Churchill (1874 – 1965) é citado como um dos visitantes de Darlington Hall, além de ser alvo de admiração por parte dos trabalhadores de Moscombe. (VESTÍGIOS, p. 208, 212, 228; REMAINS, p. 197, 198, 201, 218)



Mr. Eden: Robert Anthony Eden, 1º Conde de Avon (1897 – 1977), foi embaixador durante a Segunda Guerra Mundial e primeiro-ministro britânico entre 1955 e 1957. Durante o seu primeiro mandato como ministro dos Negócios Estrangeiros, apresentou sua demissão como protesto contra o apaziguamento em relação à Alemanha nazista e à Itália fascista, em 1938. Após a Segunda Guerra Mundial, participou da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional. Em 1951, acumulou as funções de vice-primeiro-ministro e de ministro dos Negócios Estrangeiros. Em 1954, colaborou no fim da guerra da Indochina na Conferência de Genebra e na criação da SEATO (Organização do Tratado do Sudoeste Asiático). Em 1955, foi eleito primeiro-ministro após o segundo mandato de Winston Churchill, de quem era bastante próximo. Foi durante o seu mandato, em 1956, que se deu a crise do Canal de Suez, quando a Inglaterra, uma das principais acionistas do canal, se sentiu prejudicada pela nacionalização do mesmo, promovida pelo então presidente do Egito Gamal Abdel Nasser. A perda de Suez marca a derrocada definitiva do Império Britânico. Em reação a isso, Eden orquestrou um ataque ao Egito, juntamente com a França e com Israel, mas foi forçado a deixar o território por pressão dos Estados Unidos e da União Soviética. Em 1957, Eden renuncia alegando motivos de saúde (KEEGAN, 1978, p. 47). No livro, é citado como visitante de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 208, 209, 212; REMAINS, p. 197, 198, 201)



M. Laval: Pierre Jean-Marie Laval (1883 – 1945) se tornou internacionalmente famoso em 1935, quando ocupava o cargo de Ministro das Relações Exteriores da França e, junto com o então Secretário de Relações Exteriores da Inglaterra, Sir Samuel Hoare, negociou secretamente com a Itália para ceder territórios na Etiópia àquele país. Quando o plano veio à público, tanto Laval quanto Hoare renunciaram. No romance, Laval é citado em um diálogo em que um

amigo de Lorde Darlington procura constranger Stevens e provar a ignorância política do homem comum ao questionar o que o mordomo achava do discurso do ministro em relação à África do Norte. O diálogo se passa justamente em 1935. Depois disso, Laval volta à tona como vice-chefe de Estado e Ministro do Comércio Exterior em 1940, quando Philippe Pétain é nomeado Chefe de Estado pela Assembleia Nacional, após a rendição francesa. Ainda no início da Batalha da França, Laval teria concluído que a vitória alemã era iminente e se aproximado dos alemães, chegando a reprimir franceses dissidentes. Acusado de conspiração, foi afastado do cargo em dezembro de 1940, mas retornou ao governo em 1942 (KEEGAN, 1978, p. 96). Quando a França foi libertada pelos Aliados, Laval embarcou para a Alemanha. No fim da guerra, foi encontrado na Espanha e deportado de volta à França, condenado à morte por “alta traição na ajuda ao inimigo e na violação da segurança de Estado”. (VESTÍGIOS, p. 217; REMAINS, p. 206)



Roosevelt: Franklin Delano Roosevelt (1882 – 1945) é mencionado por Lorde como exemplo de que mesmo nos Estados Unidos “governos fortes” estariam se mostrando mais eficientes. (VESTÍGIOS, p. 219; REMAINS, p. 208)



Mr. John Maynard Keynes: No livro, Keynes (1883 – 1946) é citado como um dos visitantes de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 88; REMAINS, p. 77)



Mr. H. G. Wells: Herbert George Wells (1866 – 1946) foi um escritor britânico e membro da Sociedade Fabiana. Wells estudou biologia com T. H. Huxley e acabou sendo um dos precursores do romance de ficção científica. No livro, é citado como um dos visitantes de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 88; REMAINS, p. 77)



Mr. Lloyd George: David Lloyd George (1863 – 1945), 1º conde Lloyd-George de Dwyfor, foi um estadista britânico e o último membro do Partido Liberal a ser primeiro-ministro do Reino Unido. Ele é famoso por sua oposição veemente à Guerra Boer e por ter implementado a pensão para idosos que mais tarde se transformaria no sistema de previdência social. Primeiro-ministro à época de Versalhes, foi contra as sanções à Alemanha. No livro, é citado quando Stevens

explica a conferência de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 89; REMAINS, p. 78)



Lorde Chalmers: Robert Chalmers (1858 – 1938), 1º Barão de Chalmers, era um funcionário público britânico e erudito das culturas pali e budista, tendo traduzido textos indianos importantes como o *Jātaka tales*, sobre as encarnações anteriores de Buddha, para o inglês. No livro, é citado como um dos visitantes dos tempos de Lorde Darlington que presenteou Stevens com um terno. (VESTÍGIOS, p. 19; REMAINS, p. 11)



Stevens: Geoffrey Paul Stevens (1902 – 1981) foi contador e membro do parlamento pelo Partido Conservador. Ao saber que Stevens havia conhecido tantos políticos famosos, um dos habitantes de Moscombe, Mr. Andrews, pergunta se ele não seria aquele Stevens que era membro do parlamento. (VESTÍGIOS, p. 207; REMAINS, p. 196)

Sir Edward Blair: Sir Edward Thomas Hunter Blair (1920 – 2006), 8º Baronete, foi proprietário de terras, funcionário público e jornalista. No livro, é citado como um visitante dos tempos de Lorde Darlington que deu um traje de passeio a Stevens. (VESTÍGIOS, p. 19; REMAINS, p. 11)

Outras personagens nomeadas:

Visconde de Wetherby: Personagem cujo retrato Stevens limpa na biblioteca da casa. (VESTÍGIOS, p. 11; REMAINS, p. 3)

Mrs. Clements: Cozinheira da casa no presente da narrativa (VESTÍGIOS, p. 14, 15, 17, 33; REMAINS, p. 6, 7, 8, 9, 23)

Rosemary: Empregada da casa no presente da narrativa. (VESTÍGIOS, p. 14; REMAINS, p. 6)

Agnes: Empregada da casa no presente da narrativa. (VESTÍGIOS, p. 14; REMAINS, p. 6)

Mr. Morgan: Fazendeiro vizinho no presente da narrativa. (VESTÍGIOS, p. 24; REMAINS, p. 15)

Mr. Simpson: Dono do Ploughman's Arms, um bar nos arredores de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 24; REMAINS, p. 16)

Mr. Rayne: Valete de Sir Reginald Mauvis. (VESTÍGIOS, p. 24; REMAINS, p. 16)

Sir Reginald Mauvis: Visitante da casa nos tempos de Lorde Darlington. (VESTÍGIOS, p. 24; REMAINS, p. 16)

Sir James Chambers: Visitante da casa nos tempos de Lorde Darlington e de Mr. Farraday. (VESTÍGIOS, p. 27, 28, 189; REMAINS, p. 19, 20, 179)

Mr. John Donalds: Valete de Mr. Sydney Dickenson. (VESTÍGIOS, p. 27; REMAINS, p. 19)

Mr. Sydney Dickenson: Visitante da casa nos tempos de Lorde Darlington. (VESTÍGIOS, p. 27; REMAINS, p. 19)

Mr. Wilkinson: Valete-mordomo de Mr. John Campbell. (VESTÍGIOS, p. 27; REMAINS, p. 19)

Mr. John Campbell: Visitante da casa nos tempos de Lorde Darlington. (VESTÍGIOS, p. 27; REMAINS, p. 19)

Mr. Davidson: Criado de Easterly House. (VESTÍGIOS, p. 27; REMAINS, p. 19)

Mr. Herman: Valete de Mr. John Henry Peters. (VESTÍGIOS, p. 27; REMAINS, p. 19)

Mr. John Henry Peters: Visitante da casa nos tempos de Lorde Darlington. (VESTÍGIOS, p. 27; REMAINS, p. 19)

Mr. Henderson, de Brandbury Castle: Citado como possível grande mordomo por Stevens. (VESTÍGIOS, p. 45; REMAINS, p. 34)

Mr. Muggeridge: Primeiro patrão de Stevens como mordomo, em Allshot (cidade ou casa fictícia), em Oxfordshire. (VESTÍGIOS, p. 47; REMAINS, p. 36)

Ms. Muggeridge: Primeira patroa de Stevens como mordomo, em Allshot (cidade ou casa fictícia), Oxfordshire. (VESTÍGIOS, p. 47; REMAINS, p. 36)

Mr. David Charles da Companhia Charles e Redding: Visitante de Darlington Hall nos tempos de Lord Darlington. (VESTÍGIOS, p. 48, 49, 50, 51; REMAINS, p. 38, 39, 40, 41)

Mr. Smith: Nome fictício dado por Stevens para um dos homens que se hospedou na casa do patrão de seu pai e que tentou humilhá-lo. (VESTÍGIOS, p. 48, 49, 50, 51; REMAINS, p. 38, 39, 40)

Mr. Jones: Nome fictício dado por Stevens para um dos homens que se hospedou na casa do patrão de seu pai e que tentou humilhá-lo. (VESTÍGIOS, p. 48, 49, 50, 51 ; REMAINS, p. 38 39, 40)

Alice White: Ex-arrumadeira de Darlington Hall cujo paradeiro é desconhecido. (VESTÍGIOS, p. 61; REMAINS, p. 51)

Dr. Meredith: Médico que atende o pai de Stevens após uma queda e, posteriormente, em seu leito de morte. (VESTÍGIOS, p. 76, 108, 118, 121, 124, 125; REMAINS, p. 66, 97, 98, 108, 113, 114)

Seamus: Funcionário que o pai de Stevens sugere que conserte os degraus da escada onde ele caiu. (VESTÍGIOS, p. 79; REMAINS, p. 69)

Nellie: Nome da galinha que Stevens não atropela pelo caminho. (VESTÍGIOS, p. 82; REMAINS, p. 71, 72)

Sir Richard Fox: Colega de Lorde Darlington “dos tempos do Ministério das Relações Exteriores”. (VESTÍGIOS, p. 85; REMAINS, p. 75)

Frau Bremann: Esposa de Karl-Heinz Bremann que, se de fato existe, não é localizada por Lorde Darlington após sua morte. (VESTÍGIOS, p. 85; REMAINS, p. 77)

Lorde Daniels: Uma das personalidades que teria feito visitas a Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 87, 88; REMAINS, p. 77)

Barão Overath: Alemão que teria sido um velho amigo do pai de Lorde Darlington e que criticou as sanções à Alemanha no pós-Primeira Guerra. (VESTÍGIOS, p. 89; REMAINS, p. 79)

Eleanor Austin: Participante da Conferência de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 90, 91; REMAINS, p. 80)

Martha: Empregada de Darlington Hall em 1923. (VESTÍGIOS, p. 94; REMAINS, p. 84)

Dorothy: Empregada de Darlington Hall em 1923. (VESTÍGIOS, p. 94; REMAINS, p. 84)

Mrs. Mortimer: Cozinheira de Darlington Hall durante as décadas de 1920 e 1930. (VESTÍGIOS, p. 119, 124, 203, 234; REMAINS, p. 108, 114, 192, 224)

Mr. George Ketteridge: Citado por Stevens como um homem que, embora não tivesse origem aristocrática, seria uma boa opção de patrão por sua “inegável contribuição para o futuro bem-estar do Império”. (VESTÍGIOS, p. 130; REMAINS, p. 120)

Lorde Wakeling: Citado por Stevens como um dos “cavalheiros de indiscutível estatura moral” a quem Mr. Marshall e/ou Mr. Lane teriam servido. (VESTÍGIOS, p. 133; REMAINS, p. 123)

Lorde Camberley: Citado por Stevens como um dos “cavalheiros de indiscutível estatura moral” a quem Mr. Marshall teria servido. Provavelmente ligado ao Ministério das Relações Exteriores. (VESTÍGIOS, p. 133, 222; REMAINS, p. 123, 211)

Sir Leonard Gray: Citado por Stevens como um dos “cavalheiros de indiscutível estatura moral” a quem Mr. Lane teria servido. Provavelmente era deputado da Câmara dos Comuns. (VESTÍGIOS, p. 133, 222; REMAINS, p. 123, 211)

Coronel: Dono de uma casa de campo em Mortimer’s Pound onde Stevens para a fim de pedir ajuda com o carro. (VESTÍGIOS, p. 135, 136, 137; REMAINS, p. 125, 126, 128)

Bob: Dono da pensão Coach and Horses, nos arredores de Taunton, onde Stevens se hospeda. (VESTÍGIOS, p. 148; REMAINS, p. 138)

Mr. Charles Barnet: Falecido marido de Mrs. Carolyn Barnet. (VESTÍGIOS, p. 163; REMAINS, p. 153)

Mr. Taylor: Ex-dono de quitanda aposentado que oferece um teto para Stevens em Moscombe quando seu carro para por falta de gasolina. (VESTÍGIOS, p. 178, 182, 183, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 209, 227, 228; REMAINS, p. 168, 172, 189, 190, 193, 194, 196, 199, 217, 218)

Mrs. Taylor: Ex-dona de quitanda aposentada que oferece um teto para Stevens em Moscombe quando seu carro para por falta de gasolina. (VESTÍGIOS, p. 178, 182, 183, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 213, 214, 227, 228; REMAINS, p. 168, 172, 189, 190, 193, 194, 197, 200, 202, 203, 217, 218)

John Humphrey: Dono do Crossed Keys, a coisa mais perto de uma hospedaria que havia em Moscombe. (VESTÍGIOS, p. 182; REMAINS, p. 172)

Mrs. Johnson: Acompanhante da tia idosa de Miss Kenton. (VESTÍGIOS, p. 196; REMAINS, p. 185)

George Andrews: Um dos habitantes de Moscombe com quem Stevens conversa na casa dos Taylors. Embora sua profissão não seja mencionada, é descrito como “um tanto grande e agrícola, usando botas enlameadas”. (VESTÍGIOS, p. 201, 202, 205, 207, 208, 209, 212; REMAINS, p. 191, 195, 196, 198, 202)

Trevor Morgan: Um dos habitantes de Moscombe com quem Stevens conversa na casa dos Taylors. Embora sua profissão não seja mencionada, é descrito como “um tanto grande e agrícola, usando botas enlameadas”. (VESTÍGIOS, p. 202, 203, 211; REMAINS, p. 192, 194, 200)

Mrs. Harry Smith: Esposa de Harry Smith e uma das habitantes de Moscombe com quem Stevens conversa na casa dos Taylors. Demonstra simpatia por Churchill. (VESTÍGIOS, p. 203, 204, 208, 210, 211, 212, 213, 229, 230; REMAINS, p. 192, 195, 200)

Dave Thompson: Habitante de Moscombe que viu o carro de Stevens estacionado que não participa da conversa. (VESTÍGIOS, p. 203; REMAINS, p. 193)

Mr. Lindsay: Sujeito rico que morava numa casa grande na redondezas de Moscombe e que é citado pelos habitantes como o oposto de um cavalheiro. (VESTÍGIOS, p. 203, 204, 206; REMAINS, p. 193, 194, 195)

Leslie Mandrake: Radialista de quem os moradores de Moscombe gostam e questionam se Stevens conheceria. (VESTÍGIOS, p. 211; REMAINS, p. 200)

Ted Hardacre: Morador de Moscombe com quem pegarão gasolina para o carro de Stevens e que não participa da conversa. (VESTÍGIOS, p. 213; REMAINS, p. 202)

Mr. Spencer: Visitante de Lorde Darlington que humilha Stevens lhe fazendo perguntas sobre política a fim de provar que o cidadão comum não teria condições de opinar sobre temas complexos. (VESTÍGIOS, p. 215, 216, 217, 218, 219, 220; REMAINS, p. 204, 205, 206, 207, 208, 209)

Sir Leonard: Visitante de Lorde Darlington que defendia a vontade do povo como último arbítrio e para quem Mr. Spencer dirigiu sua humilhação contra Stevens como forma de provar que ele estaria errado. (VESTÍGIOS, p. 218, 219; REMAINS, p. 207, 208)

Mr. Whittaker: Conhecido de Lorde Darlington com quem ele teria ido ao norte do país e visto o sofrimento dos trabalhadores durante o entreguerras. (VESTÍGIOS, p. 219; REMAINS, p. 208)

Mr. Roland: Amigo de Reginald Cardinal que morava nas redondezas de Darlington Hall. (VESTÍGIOS, p. 234; REMAINS, p. 223)

Catherine: Filha de Miss Kenton que mora em Dorset e espera um filho. (VESTÍGIOS, p. 256, 261; REMAINS, p. 246, 251)

